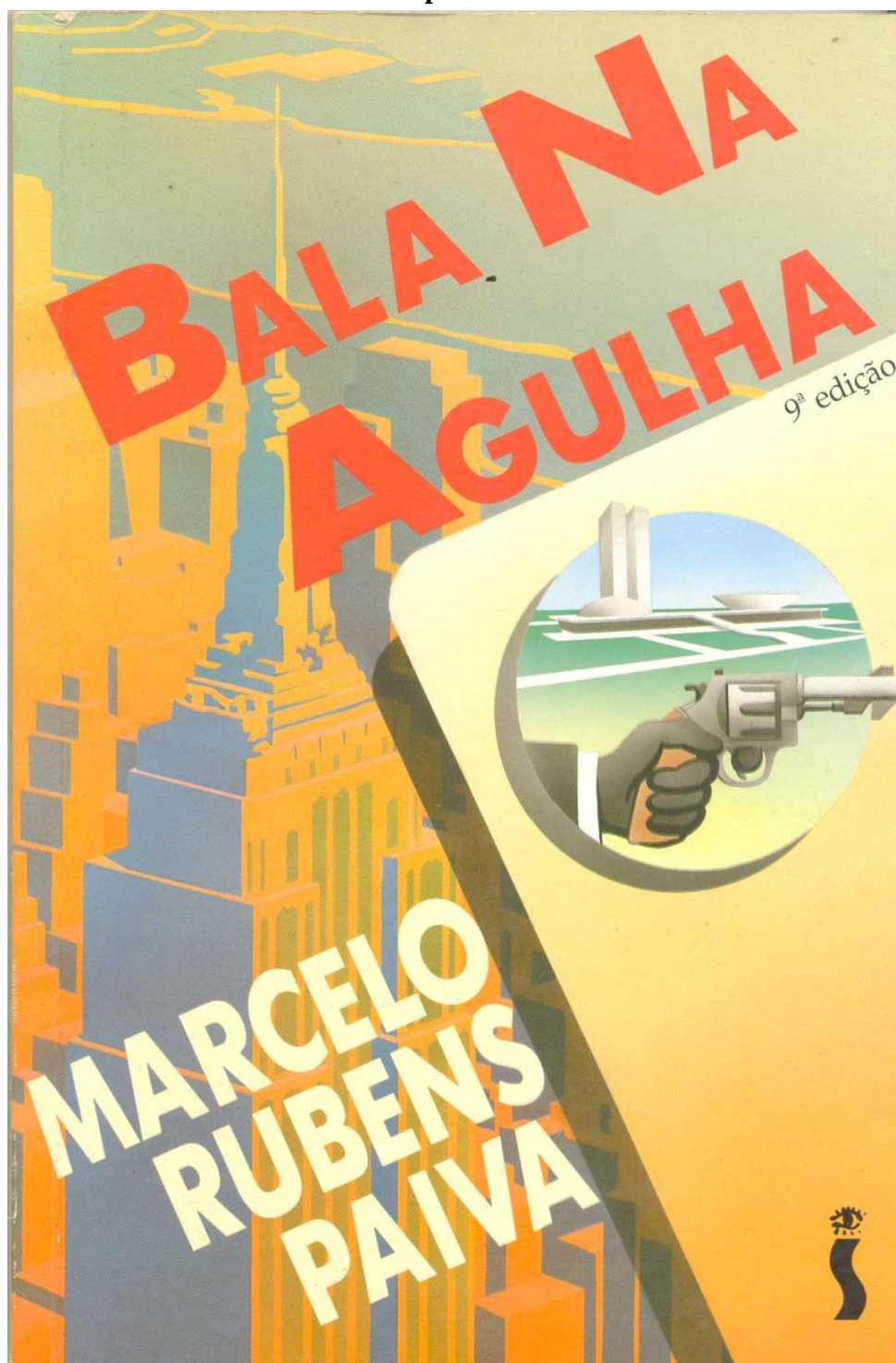




Apresenta:



Enquanto ela estava no chão, amarrei a extremidade da corda no seu pulso. Fui arrastando-a para o quarto. Esperneou. Gritou (mesmo com o lenço preso na boca), mas ninguém ouviu. Coloquei-a na cama, joguei meu corpo sobre o dela e ameacei-a:

— Vou usar esta faca se não colaborar!

— Seus olhos azuis perderam o brilho que, antes, ela tinha me lançado. Agora, olhos vermelhos, olhar assustado, cheio de ódio.

— Eu vou ser rápido. Costumo ficar a noite toda, mas hoje não posso. Um dia, se eu tiver a oportunidade, te explico...

Interrompi o discurso confidente lembrando que a cliente era ela, não eu; suas fantasias deveriam ser representadas, não as minhas; se alguém tinha o direito de desabafar, era ela, que pagava por isso.

ISBN 85-267-0524-5



9 788526 705241

Bala na agulha não é um romance fácil de classificar. É policial? É político, erótico? Não, *Bala na agulha* dispensa classificação. É um romance puro, de uma grandiosa simplicidade, escrito numa linguagem ácida, direta e veloz. É daqueles livros que o leitor não consegue largar. No país de Machado de Assis e Guimarães Rosa, é difícil que uma leitura despretensiosa e de entretenimento se imponha. *Bala na agulha* é uma aventura: o narrador, um traficante, se vê envolvido num assassinato em Nova York e é obrigado a fugir. De volta ao Brasil, descobre que seu pai é o novo herói da nação: foi eleito primeiro-ministro.

Marcelo Rubens Paiva reserva a seus leitores uma surpresa a cada obra. Começou em 1982 com *Feliz ano velho*, uma autobiografia precoce que fez muito sucesso no Brasil e no exterior. Enquanto todos esperavam que o autor continuasse na linha autobiográfica, surpreendeu em 1986 com a publicação de *Blecaute*, romance próximo ao realismo fantástico. Em 1989, in-

vestiu no teatro com a peça *525 linhas*, para voltar ao romance com a publicação em 1990 de *Ua: brari*.

Bala na agulha é a nova surpresa de Paiva. O leitor reconhecerá, nas páginas do livro, semelhanças com fatos que marcaram a história recente do país: o submundo das drogas e da prostituição em simbiose com as mais altas esferas do poder.



BALA NA AGULHA



MARCELO RUBENS PAIVA

BALA NA AGULHA


EDITORA SICILIANO



©1992 by Marcelo Rubens Paiva
Todos os direitos reservados.
Coordenação: Ana Emília de Oliveira
Diagramação: Lasergraph Editoração Ltda.
Revisão: Cláudia C. Guarnieri e Roberto Homem de Mello
Impressão e acabamento: São Paulo, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira
do Livro, SP, Brasil)

Paiva, Marcelo Rubens, Bala na agulha / Marcelo Rubens Paiva. — São Paulo
: Siciliano, 1992.

ISBN 85-267-0524-5

1. Romance brasileiro I. Título

92-2847 CDD-869.935

índices para catálogo sistemático:

Romance : Século 20 : Literatura brasileira 869.935

Século 20 : Romance : Literatura brasileira 869.935

8a reimpressão, abril de 2001. Proibida a reprodução total ou parcial. Os infratores serão processados na forma da lei. Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à Siciliano S.A. Editora Siciliano Av. Raimundo Pereira de Magalhães, 3305 CEP 05145-200 — São Paulo — Brasil e-mail:

esiciliano@siciliano.com.br

As palavras falam por si, e estas são minhas. Quer mesmo saber?

NOVA YORK

23h50

Enquanto ela estava no chão, amarrei a extremidade da corda no seu pulso. Fui arrastando-a para o quarto. Esperneou. Gritou (mesmo com o lenço preso na boca), mas ninguém ouviu. Coloquei-a na cama, joguei meu corpo sobre o dela e ameacei:

— Vou usar esta faca se não colaborar!

Seus olhos azuis perderam o brilho que, antes, ela tinha me lançado. Agora, olhos vermelhos, olhar assustado, cheio de ódio.

— Eu vou ser rápido. Costumo ficar a noite toda, mas hoje não posso. Um dia, se eu tiver a oportunidade, te explico...

Interrompi o discurso confidente lembrando que a cliente era ela, não eu; suas fantasias deveriam ser representadas, não as minhas; se alguém tinha o direito de desabafar, era ela, que pagava por isso. Voltei a agir profissionalmente. Amarrei seus braços na borda da cama. Fui amarrar os pés e ela enfiou um chute no meu peito que me jogou no chão.

— Quer parar com isso!

Eu nunca tinha estado com uma cliente tão resistente; demência!

— Você está pagando, mas me dá um tempo! Eu quero acabar logo!

Relaxou. Deixei seus pés soltos. Vestia uma saia até o joelho. Fiquei na dúvida se levantava ou tirava. Acabei tirando. Desabotoei sua blusa. Nua. Contraí o abdômen. Nua. Cruzou as pernas e fechou os olhos. Merda de vida! Por que me compram, se para eles o prazer é um sacrifício?

— Tiro minhas roupas?

Nenhuma reação. O contato tinha exigido que eu a comesse vestido de carregador, tal qual um estupro. Ignorei o contato. Tirei os sapatos e a calça. Em pé, olhando seu corpo indefeso, a pele lisa, branca, bateu uma dúvida: ela não precisa contratar um michê pra fazer aquilo, é o tipo de mulher que todos os homens desejam.

Agora não.



Antes, algumas horas antes. Seja paciente.

É melhor começar com o que me aconteceu naquela tarde; existem detalhes que não podem passar em brancas nuvens. Se nos acusam de sermos desconhecidos de nós mesmos, vou me situar melhor e escavar. Tentarei ser o mago que evoca o passado.

Agora sim, me lembro bem.

À tarde.

O tempo deve ser registrado, hora a hora, minuto a minuto. Estava e continuo sem pátria, nome e futuro. O tempo era, é, meu único bem. O tempo não controlo. Ele corre. Tento agarrá-lo, antes que seja tarde, e eu seja condenado por ter deixado escapar. O que não muda? Tudo muda. O registro do tempo não. É uma sina: se agarrar ao tempo. É a nossa salvação.

Os fatos duraram uma semana, começando exatamente naquela



QUARTA-FEIRA

O grunhido: — Ex? Ex? Ex?

O sujeito perguntava a quem passasse na sua frente cruzando a Washington Square, porta de entrada do Village. A primeira vez que o vi, imaginei que se tratasse de mais um michê alugando o corpo para uma trepada:

— Sex? Sex? Sex?

Não. Um reles traficante oferecendo uma viagem de ácido por dez dólares:

— Acid, acid, acid...

Há um bom tempo eu morava no Village. O bairro e eu, uma dupla. Atravessar a Washington Square era rota obrigatória para voltar para casa. O traficante me conhecia. Assim que me via, e mesmo sabendo que eu nunca parava, declamava, insistindo:

— Acid, acid, acid...

Eu amava sua persistência, sinal do regresso, prova de que eu continuava vivo. Talvez eu fizesse, durante toda minha vida, aquele percurso. Ele estaria sempre no mesmo lugar, oferecendo ácido, a despeito das transformações do mundo. Bom e ruim. Bom porque, na minha profissão, era agradável, harmônico, o alerta diário de que eu estava vivo. Ruim porque, na minha vida não havia transformações, como se a história fosse o encontro de repetições. Talvez um dia eu pare e compre aquele maldito ácido.

16h30

Verão em Nova York. Muita gente nas ruas, muito calor, tudo em excesso. Voltando para casa, o soneto:

— Acid, acid, acid...

Hino do regresso, eu estava vivo, e nada tinha mudado, e pela primeira vez, depois de anos, desejei que algo de muito sério me acontecesse, me tirasse do círculo. Que parassem de girar! Uma mudança.

Será que ela existe?

Sim. A prova disso está aqui.

Ao abrir a porta de casa, um número foi o prenúncio da transformação. A luz vermelha no visor da secretária eletrônica. Um número digital reluzindo. Seis. Um mau pressentimento. Não era comum ter seis recados gravados na secretária e eu sabia, por experiência, que o excesso tinha um significado perturbador: alguém estava ansioso atrás de mim, atrás de uma presença.

O número seis brilhando, eu, na dúvida se ouvia os recados, se ignorava, quando o telefone tocou. Seria o sétimo se eu não atendesse.

— Porra, caralho, estou o dia inteiro atrás de você!

Era a voz de Marcos de Sotto, do outro lado da linha, assessor de não-sei-o-quê do consulado brasileiro em Nova York. Deduzi que era ele o cliente ansioso.

Onde você está? — perguntei num tom cordial, procurando ganhar tempo. Não fazia a menor diferença saber onde ele estava. A prática tinha me ensinado: a relação traficante e usuário é mais que comercial, é sobretudo paternal. Numa negociação, a sede de consumo, a desconfiança e a paranóia estão abertamente envolvidas (fraturas expostas). Nós, traficantes, temos de freqüentemente esfriar os ânimos de certos clientes ansiosos.

Estou no Piazza, e já te liguei uma porrada de vezes!

O nome Piazza me deu calafrios e quase me fez desligar. Quem podia pagar a diária desse hotel e procurava cocaína com tal urgência, certamente era brasileiro e do poder. Marcos de Sotto, claro, sempre a postos para satisfazer os desejos urgentes de um brasileiro do poder. Vender cocaína para esse tipo de gente é um risco, risco que normalmente eu não correria.

— Quanto ele quer?

— Depende. É pura? - É.

E era mesmo. Eu costumava ser honesto com meus clientes e intermediários, o que me garantia a fama de um dos traficantes mais confiáveis de Manhattan.



No mais, era preferível ser honesto e fazer negócios por telefone, a vender ácido na esquina da Washington Square.

— Quanto você tem aí?

— Não muito — desconversei. Outro costume: ser prudente com clientes ansiosos.

Dez gramas?

É muito. Devo ter no máximo umas cinco.

Só isso?!

E olha lá.

— OK. Pega um táxi, já! Me encontra no saguão do hotel.

E desligou.

Existe uma ética nesse tipo de negócio. Assim como para uma puta não é recomendável escolher o freguês, é perigoso negar cocaína a um usuário ansioso: pode-se tornar um delator, fazer chantagens, atitudes movidas pelo desespero da abstinência. É preferível ter um cliente indesejável a pôr o negócio em risco. Os brasileiros que vivem em Nova York são os piores clientes de um traficante de classe. Reclamam do preço, mais alto do que o preço no Brasil; sempre pedem um abatimento, ou um ‘chorinho’, uma ‘pro santo’, bobagens que só confundem a transação. Apesar de eu ter conhecimento disso, fazia negócios com Marcos de Sotto; é útil ter amigos no consulado.

Eu tinha muito mais que cinco gramas. Mas foi a quantidade que negocieei. Sua ansiedade pedia cautela. Decidi que ele, ou para quem estivesse intermediando, cheiraria cinco gramas e só. Uma quantidade superior, problemas. Cada passo desse negócio é minuciosamente calculado. As falas ditas com duplo sentido garantem a segurança de ambos. Se gasta mais tempo com evasivas do que com fatos concretos. No entanto, Marcos fugiu às regras e foi direto ao assunto. Eu tinha de ser cordial, mas firme. É um negócio ilegal. As leis foram criadas por nós mesmos, vendedores e compradores. Os códigos e símbolos são pessoais. Demorei muito tempo para aprender todos os trâmites. Tinha uma longa carreira pela frente e, até o momento, fazia de tudo para preservá-la.

Ou não.

Merda!

Descarrilar. Eu estava cheio daquilo. Parar.

Apesar dos anos de janela, eu sentia um profundo desprezo pelos usuários de pó. Seus narizes, fossem de que cor fossem, formatos diversos, cresciam e fungavam como focinhos de cães. Bastava apresentar o pó para se tornarem servos obedientes, domesticados (rebanho dócil). O ruído da gilete esmagando



grãos de pó sobre um espelho, a preparação, o rito, me corroía, e eu deveria correr, gritar, pedir ajuda para não derreter. Mas não. Meu dever era ficar, presenciar o ritual, obter a aprovação, e receber a grana. Apesar dos narizes gigantes, tudo o que eu via era o bolo de dinheiro que carregavam no bolso. Vez ou outra eu esperava para assistir a droga fazer efeito. Seu prazer era o alarme que furava minha cabeça, que simbolizava minha rota de fuga. Desaparecer.

Esqueça as tramóias morais.

O problema estava em mim. Eu desprezava meu ganha-pão, já que não tinha conseguido sobreviver de outra forma, e revelava-se o retrato do meu fracasso; uma vida jogada no lixo, sem ter a quem recorrer ou pedir desculpa.

Quando a semente desse pensamento germinava, eu tapava com cal: me lembrava dos 175 mil dólares, guardados numa maleta, no fundo falso do armário, resultado de anos de tráfico. Um dia, eu sabia, chegaria a hora de parar e usufruir dos lucros. Talvez, aquele número seis reluzindo e aquele telefonema de Marcos de Sotto fossem o sinal.

Felizmente.

É. Felizmente

É uma fria vender cocaína para um nariz gigante, brasileiro, que visita os States. É uma fria vender cocaína para um cliente ansioso, cujo intermediário desliga o telefone sem ao menos perguntar o preço da grama. É uma fria negociar com hóspedes do Piazza. Ficar em casa, naquele fim de tarde, era a atitude mais sensata, no entanto óbvia. Enfieí cinco gramas no bolso e saí para a rua, desafiando minha rotina, em busca da tal transformação.

E ela veio, como um furacão.

E parou de girar.

17h25

Cruzei o saguão do Piazza com a perigosa constatação de que Marcos não estava lá conforme o combinado. Eu deveria virar as costas e ir embora, tal qual um escravo da segurança. Mas não. Surpreendentemente, sentei na poltrona mais ao fundo e abri um jornal; eu não era eu.

Olhava para as pessoas em volta. Não buscava alimento para uma paranóia, inventando tiras de walkie-talkie anunciando minha chegada. Apenas observava como pessoas normais, isto é, sem dívidas com a justiça, viviam. Turistas olhando mapas, homens de negócios, crianças correndo excitadas e carregadores, garçons, recepcionistas, funcionários de todos os tipos que, ao se mostrarem prestativos e simpáticos, buscavam, na verdade, uma gorda gorjeta. Finalmente a voz áspera de Marcos de Sotto tirou do ar o mundo dos comuns:

— Então, Thomas, trouxe as fotografias? Cada cliente usava seu termo para designar a coisa. Tive clientes que a chamavam de ‘sobremesa’, ‘ricota’, ‘fio de nailon’, ‘talco’, ‘fermento’ etc. Para Marcos, era ‘fotografia’.

Trouxe.

Você está bem?

Já tinha me acostumado com a ordem das perguntas: primeiro a coisa, depois eu.

— Indo.

Segui-o até o elevador. Ele costumava me chamar de Thomas, meu nome falso, nome do passaporte que ele havia me vendido. Não sabia se Marcos conhecia meu verdadeiro nome. Se conhecia, me chamava pelo falso para provar o bom profissional que era. Mais uma razão pela qual eu negociava com gente do consulado. Por cerca de dois mil dólares, dependendo do prazo de validade, eles arrumavam outra identidade: passaportes perdidos por brasileiros nos Estados Unidos, quando encontrados, são enviados para o consulado mais próximo, no entanto, na época, os meninos do consulado não os devolviam aos verdadeiros donos, vendiam.

Subimos sem nos falarmos. Ele era baixo, e eu tinha uma visão privilegiada de sua careca precoce. Sempre quando a via, tinha vontade de tocá-la ou riscá-la com uma gilete; era lisa demais para ser humana. Eu fazia um tremendo esforço para não julgar meus clientes e intermediários. E posso adiantar: não havia nenhuma amizade entre eu e Marcos, somente business e desprezo mútuo.

Descemos no décimo quinto. Seguimos por um corredor deserto, ainda sem nos falarmos, passando por portas e mais portas. No final, dois seguranças

estavam sentados na frente do 1500. Pareciam brasileiros, à paisana, muito fortes e aparentemente estúpidos. Levantaram assim que nos viram. Um deles estava pronto para me revistar, quando Marcos o interrompeu:

— Não precisa. Ele está comigo.

O estúpido número um parou, refletiu e, sem pedir licença, começou a me revistar. Apalpou por fora do bolso o pacote com as cinco gramas. Imaginou o que era, deu um tapinha nas minhas costas, e voltou para seu lugar, acompanhado pelo olhar encantado do estúpido número dois.

Marcos deu duas batidinhas na porta e me olhou com uma expressão que traduzi: “Não ligue para estes dois estúpidos...” A porta foi aberta por outra figura conhecida, Álvaro Turco, também do consulado.

Olá, Thomas, trouxe a coisa?

Claro.

Tudo bem com você?

Ignorei a segunda pergunta e entrei junto com Marcos. Turco fechou a porta. Por precaução, dei uma olhada rápida em volta, o local da transação, e fiquei próximo à janela. Marcos era esperto e, apesar de tudo, de confiança. Sabia que com ele eu não corria perigo. Não poderia dizer o mesmo do figurão, hóspede do Piazza.

Havia uma porta que nos separava de um quarto. Marcos bateu e entrou. Falou com alguém do outro lado, o verdadeiro cliente ansioso. Apesar da curiosidade natural, quanto menos eu soubesse, melhor. Abri a janela e fiquei encostado, com a mão no bolso; qualquer emergência, atiraria as cinco gramas longe. Álvaro Turco sentou, segurou três moedas e jogou-as sobre a mesa. Ao concluir o hexagrama do I Ching, perguntou:

— Por que esse troço me chama de ‘homem superior’?

— Você é, Turco, você é...

Ele me encarou, levantou a mão e esticou o indicador. Marcos voltou:

Então? Mostra a presença.

São 750 dólares, mais o táxi.

— Esse merda vai cobrar o táxi?! — Turco reclamou.

Vou, homem superior. Tudo, dá 800.

Tá caro — Marcos falou.

Tudo está caro — encerrei.

Eu costumava começar pelo dinheiro, não só para deixar claro, logo de cara, meu preço, mais alto que o normal, mas para me preservar de ter de assistir ao ritual. Marcos conhecia as etapas da transação. Sabia que não havia outra coisa a fazer se não enfiar a mão no bolso e contar o bolo de dinheiro:



Ah, Thomas, só tenho 500.

Me dá um tempo, Marcos...

Faz por 500 — Turco veio em seu socorro. Examinei o sorriso desonesto de Turco e disse:

Estou fora.

Fui saindo, quando Turco se postou entre eu e a porta. Marcos pôs a mão no meu ombro:

Vamos conversar. É verdade. Só tenho 500 — e me mostrou. — Eu queria dar um presente para um amigo — e apontou para o quarto vizinho.

Pede pra ele a diferença.

Faça uma homenagem, Thomas, pelo bem do Brasil.

Quero que o Brasil se foda! — foi a minha resposta, que fez os dois atravessadores rirem.

Está renegando a pátria mãe — Turco, inconformado.

Marcos ficou sério, como se fosse me contar um segredo de Estado:

— Você não tem idéia de quem está aí, em carne e osso, no outro quarto...

Os dois ficaram quietos, até explodirem em gargalhadas. Esperei se acalmarem. Marcos sentou na poltrona. Sentiu algo incomodando na cintura. Tirou uma automática presa às costas, colocando-a em cima da mesa, com o cano displicentemente apontado para mim. Fez aquilo pra me impressionar e, na verdade, sempre me impressionava o cano de uma arma. Era Marcos quem tinha de voltar a falar:

Então? Quanto te devemos?

Oitocentos dólares.

Este cara é um chato! — Turco, revoltado.

— Quanto você tem aí? — Marcos perguntou ao seu parceiro.

Ele mostrou as três moedas com que jogava o I Ching e fez uma expressão idiota.

Saco! Eu precisava ter paciência, aceitar as provocações e digressões. Alguém iria ceder, e não costumava ser eu. A porta do quarto contíguo foi aberta. Um sujeito, que eu não conhecia, perguntou num bom português:

— É pra hoje?! O homem está esperando!

— Faltam 300 dólares — tentei sensibilizá-lo. Ele olhou atônito para os dois assessores, até perceber que a única saída era pôr a mão no bolso e oferecer o restante:

— Só tenho 80. Aceita cheque?

Marcos e Turco voltaram a rir. Desta vez, até eu ri. Finalmente outra figura apareceu na porta. Marcos se levantou num pulo. Todos se calaram e olharam pro chão, em posição de sentido. Era um sujeito alto, com o cabelo engomado para trás, os olhos bem abertos e uma expressão dura no rosto. O cliente ansioso, que eu reconheci de imediato, apesar de nunca tê-lo visto pessoalmente. Veio até mim e me cumprimentou:

— Como vai?

Apertamos as mãos. Ficamos todos duros e em silêncio. A porta de ligação, escancarada, deixou à mostra a suíte, onde havia uma sala espaçosa e um quarto ao fundo. Uma mulher, esparramada na poltrona, assistia à televisão; reconheci-a também.

— Desculpe, senhor — Marcos lamentou, — estamos tendo um probleminha. Decidi intervir, resumindo:

— Com os 80 dólares do nosso amigo, mais os 500, ficam faltando 220 dólares.

— Tudo bem — o cliente ansioso sorriu, disposto a dar um fim no ‘probleminha’.

Voltou para o quarto e perguntou à mulher pela sua carteira.

— Ah, não me enche! — ela resmungou e ficou mudando os canais.

O cliente ansioso, agora irritado, encostou a porta e começou a discutir com a mulher.

Que situação, que situação... — Marcos repetiu.

Viu o que você fez, Thomas? — Turco, desapontado comigo.

No quarto vizinho, passaram a gritar um com o outro. Em silêncio, aguardamos. O cliente ansioso apareceu, entregou 200 dólares para Marcos e voltou para a suíte, batendo a porta.

— Acho que você vai ter que fazer por 200 — Marcos me ofereceu a grana.

Os gritos do quarto vizinho aumentaram. Peguei o dinheiro e joguei o pacote com as cinco gramas sobre a mesa. Marcos foi até ele, abriu, experimentou e aprovou. Seu sorriso foi o alarme. Eu não tinha mais o que fazer. No início, era o grande amigo. Depois de entregar o que queriam, passava a ser o mais indesejável do grupo. Minha permanência só tinha valor com as cinco gramas no bolso. Era o mesmo em todas transações. Era um tédio.

Fui saindo, quando na suíte uma garrafa se estilhaçou contra a parede. Um tapa, um corpo no chão. A discussão terminou, restando a mulher aos prantos; me lembrei daquelas bonecas que choram.

No corredor, ouvi Marcos:

— Obrigado, Thomas. Qualquer coisa, sei onde te achar.



Os dois estúpidos que, alertados pela briga do casal, se encontravam de pé e nervosos, olharam para dentro. Mas Marcos fechou a porta. Passei reto e nem esperei o elevador. Desci pela escada.

18h40

Feito. Um pato, no centro do alvo. Armas apontadas. No fundo, eu queria mudar a rota do que era certo demais, e saí do Piazza não muito confiante do meu sucesso. Deve-se mudar de vida? Deve-se escalar a montanha mágica, se enfiar por uma caverna escura, remar até a ilha perdida, ou ficar e esperar? Sim, deve-se. Uma lição tirei desse dia: sempre existe um lugar melhor para se ir.

O quê?

Como comecei?

No início, em viagens mensais, exportava pó para Paris. Um dia abusei da sorte e fui pego. A justiça francesa me condenou a dois anos de prisão. Cumpri a pena e me deportaram. De volta ao Brasil, sofri com o excesso, com o oposto de uma prisão. Me instalei num hotel de quinta do centro velho de São Paulo. É duro. Muitas informações, muitos lugares para ir... Passava horas no quarto, olhando para a janela, amedrontado. Por incrível que pareça, se sente falta da rotina da cadeia (onde as coisas chegam até você).

Nem procurei minha família, que soubera da prisão em flagrante, e logicamente sofrera com isso, pois ninguém conhecia os verdadeiros motivos das viagens; imaginavam que eu tinha projetos de estudar na França. Não pensei duas vezes e contatei os canais certos para iniciar a operação em outro país. Surgiu a oportunidade de traficar para os Estados Unidos e não deu outra.

Nos Estados Unidos, eu tinha de fazer bicos para um estoque de qualidade. Não levei mais que dois anos para arrebanhar uma clientela fixa que, como já disse, confiava em mim. No mais, pagava proteção a Manuel Pontes, cubano que trabalhava sem vínculo com os cartéis, e que tinha conseguido, na base de muita eficiência e, sobretudo, boa dose de violência, controlar o tráfico de pó no sul de Manhattan. Pagava não porque eu precisasse de proteção; minha participação no mercado era ridícula. Pagava porque é praxe nesse tipo de negócio ter alguém que abra portas, isto é, celas. Qualquer problema que eu tivesse com a polícia ou com outros traficantes, Manuel Pontes deveria ser o primeiro a saber.

Não faça julgamentos apressados.

Até que pensei em largar tudo e estudar numa universidade americana, por exemplo. Mas só pensei. Não tinha dinheiro para isso, e em vez de fritar hambúrgueres ou engraxar sapatos, preferi algo mais envolvente e que fizesse meu pé-de-meia. Um traficante de cocaína pode obter um lucro bruto de até 500%. Existem riscos, mas qual negócio de alta rentabilidade não os tem?

Desci do ônibus no Village.

No Arturo's, restaurante italiano barato onde eu costumava comer, cruzei com alguns conhecidos; trocamos acenos e poucas palavras; alguns davam a entender que queriam pó; pedi paciência avisando que eu iria comer primeiro. Fui me sentar na mesa mais ao fundo.

Não, o Arturo's não era meu ponto de venda. Nunca negocieei dentro do restaurante em respeito às duas belíssimas garçonetes finlandesas, estudantes de cinema da UNY, personagens de sonhos eróticos incompletos; surubas em panelas gigantes de espaguete, onde nossos corpos, melados por molho de tomate, não conseguiam se juntar (tentava me unir a elas, mas era só chegar perto para escorregar para longe). Merda de sonhos! Nunca lhes propus realizar tal fantasia. Nem saberia como propor. No mais, apesar da simpatia que tinham por mim, tinham total aversão às drogas, típica dos novos intelectuais e universitários americanos; todos, naquele restaurante, sabiam do que eu vivia.

Fiz o pedido a uma das finlandesas e, na espera, passei os olhos ao redor. Me chamou a atenção a letra F no bolso da calça de um sujeito no balcão, F de uma grife brasileira de jeans. Olhei com prudência e vi que estava acompanhado por outro sujeito; este desviou o rosto quando nossos olhos se encontraram. Só tomavam café, e me lembrei que entraram logo depois de mim. Podiam ter me seguido do Piazza num carro, já que não estavam no ônibus. Esperei para ver se faziam outro pedido, mas só ficaram no café. Tiras, em serviço, costumam tomar uma coisa rápida, para reiniciarem o trabalho se necessário. Não iriam jantar. Se eu saísse de repente, teriam de se livrar da comida. Eram tiras brasileiros e estavam atrás de mim!

Eu havia deliberadamente provocado aquilo ao negociar com o figurão do Piazza. No entanto, pensei que talvez não fosse o momento de mudar o que até então eu considerava uma vida tranqüila. Me deu pânico só em pensar que teria de recomeçar tudo de novo, num outro país, talvez, numa outra profissão. No mais, passei a sentir uma tremenda invasão à minha privacidade: não eram exatamente dois truculentos brasileiros quem eu esperava para trazer os ideais de uma vida nova.

Uma das finlandesas veio com o bloco para anotar o pedido. Trocou a simpatia habitual por um ar apreensivo quando lhe expliquei a situação. Pedi ajuda. Ela sabia quem eu era, o que fazia e o tipo de gente que estava me seguindo. Mas o certo e o errado são faces de uma moeda que não pára de girar. Eu tinha chances de, naquele momento, a moeda parar com a face que me interessava virada pra cima. E por alguma razão que só um conhecedor da



cultura escandinava poderia esclarecer, ela se prestou ao serviço, e foi prender a atenção dos dois sujeitos, oferecendo as maravilhas do seu cardápio, me dando a cobertura que eu precisava para escapar. Levantei e saí pelo ponto cego dos dois.

19h20

Dei uma volta pelo bairro para me assegurar de que não estava sendo seguido. Não restava outra coisa a não ser ir para casa, esfriar a cabeça, e pensar seriamente no tipo de futuro que eu almejava.

No meu prédio, havia uma porteira, síndica ou responsável (nunca soube como defini-la) que morava no térreo, espectadora assídua de telejornais, cujo dia-a-dia era preenchido pela comoção ante uma tragédia: terremoto na Turquia, furacão no Caribe, miséria nos países da América Latina etc. Personagem do apocalipse, tinha uma mala pronta, ao lado da porta, caso fosse necessário evacuar a cidade em minutos. Seu cabelo era arrepiado para cima. Vivia tensa, à espera da sua tragédia (seu sentido de vida); guerras foram criadas para tipos como ela.

Com a porta do apartamento aberta e a TV ligada, controlava o entra-e-sai dos moradores e possíveis hóspedes. Assim que alguém entrava, ela aparecia correndo para contar as últimas notícias, fazer lamentações e reclamar das injustiças do acaso. Encerrava o discurso com a previsão do tempo. Nunca saía de casa, mas era a pessoa mais bem-informada do bairro.

Ela gostava de mim. O que nos ligava eram as responsabilidades por vivermos sob o mesmo teto e as novidades do mundo, particularmente da América Latina.

Mal abri a porta e ela apareceu eufórica:

— Onde você andou?! Corre! Estão falando do Brasil!

Pegou na minha mão e me puxou para dentro do seu apartamento:

— Tem um novo governo lá. Vão mostrar depois dos comerciais.

Esperamos de mãos dadas até entrar o apresentador; no canto da tela, de fato, um mapa do Brasil, o novo governo, ruas do Rio e de São Paulo, Brasília. Corte. A posse do novo primeiro-ministro, Jorge Castilho. Fiquei estarecido ao ver o rosto tão familiar. Estava um pouco mais velho, porém com um olhar revitalizado. A síndica, tão interessada quanto eu, perguntou:

— Que homem forte. Parece um toureiro. Conhece?

— É meu pai.

Ela explodiu numa gargalhada que fui ouvindo enquanto subia a escada.

— Amanhã vai fazer mais calor...

Há anos que não tinha notícias dele. Entrei no apartamento ainda perplexo, chutando sem querer um telegrama sob a porta. Peguei-o, fui para a cama e liguei a TV. Entrevistavam Castilho, o ministro toureiro que prometia vida

melhor aos brasileiros. Tateei o telegrama sem a menor disposição de abri-lo já que, segundo os últimos acontecimentos, nele sim estaria a passagem para uma mudança, para uma (temida?) transformação. Imagens da infância. Lembranças, família, Brasil...

Abri o telegrama.

Precisamos muito de você. Volte, por favor.

Sandra C.

C. de Castilho, minha mãe. Não tinham idéia do país em que eu vivia. Num impulso, apaguei as luzes. Fiquei parado, em silêncio, sem respirar. Tranquei a porta, andei por instantes pelo apartamento, até pegar o casaco e sair pela escada de emergência.

Na rua, andando na sombra, observei carros estacionados com possíveis ocupantes de tocaia. Nas cabines telefônicas, busquei tiras à paisana. Procurei indícios nas janelas vizinhas às minhas. Nada que chamasse a atenção. A não ser um cano saindo de uma janela em frente, um cano fixo; na extremidade, reflexos; uma lente; a objetiva de uma câmera fotográfica apontada para o meu apartamento.

Recuei dois passos, quando lembrei da maleta, no fundo falso do meu armário, com 175 mil dólares. Olhei para o prédio e, antes de correr até ele, dois carros de polícia vindos do nada fecharam a rua. Um outro carro, placa fria, estacionou na porta do meu prédio. Desceram quatro sujeitos à paisana e correram para dentro. Entraram fazendo estardalhaço. Enquanto um deles gritava com a síndica, outros subiram a escada e, notava-se, pararam no meu andar. Mais gritos, até arrombarem a porta. Não encontraram quem procuravam.

Relaxaram, acenderam as luzes e tomaram posse. Não esperei o final do show. Virei as costas e fui na direção oposta, deixando para trás a identidade falsa de um Thomas, uma maleta escondida no armário, que cedo ou tarde seria encontrada e seu conteúdo repartido entre os tiras, resultado de quatro anos de tráfico, e perto de 30 gramas de pó, última remessa que eu tinha recebido. No chão, o telegrama de uma tal Sandra C. querendo alguém de volta.

Um traficante foge todo o tempo. Se esconde no otimismo. Nada de mal lhe acontecerá. Mas quando aparece, aparece como uma bala. Ninguém é imune. Se faz um buraco, fácil, como se perfurasse uma folha de papel. Segui sem olhar para trás. Demorei alguns minutos para tomar consciência: aconteceu. Parei numa esquina para vomitar.

20h10

Andei sem direção, atravessando ruas desconhecidas, esbarrando em pessoas apressadas sem conseguir me desculpar, e me apoiando em postes para continuar vomitando. Quando me dei conta, estava sentado num banco da Washington Square. Havia dois sujeitos parados a uns 200 metros. Olhavam na minha direção. Um deles com a calça F. Levantei e fui para o outro lado. Parei, me abaixei e joguei o passaporte de um tal Thomas no bueiro. Uma voz, em inglês, perguntou:

— Posso te ajudar?

Era o traficante de ácido. Em anos, foi a primeira vez que falou comigo. Já era hora. Sim, pode me ajudar, e como...

Conhece aqueles dois sujeitos?

Não. Mas são tiras. Tá na cara.

— São brasileiros. Não podem fazer nada. Estão me seguindo. Você tem alguma idéia?

Ele olhou de relance:

— São fortes. Vão dar trabalho. O que ganho em troca?

Abriu um largo sorriso.

— Dez dólares — ofereci.

Eu sabia que era por quanto ele vendia um ácido. Lógico que era pouco para o tipo de coisa que eu estava pedindo. De fato, um valor simbólico. Nos Estados Unidos, não existe 'quebra essa pra mim...' Se aceitasse, era porque tinha ido com a minha cara, e faria um favor que, um dia, eu teria de retribuir, o que nos ligava para sempre. Se aceitasse, era porque queria essa ligação.

— OK — e estendeu a mão.

Dei a grana e segui em frente. Os sujeitos vieram atrás. Quando cruzaram com o traficante, alguma coisa aconteceu. Não parei para ver. Foi justo o momento em que comecei a correr. Cruzei a esquina da West Broadway num pulo.

Manuel Pontes, o primeiro nome que me veio, um negro baixo, magro, muito elegante, com óculos redondos fundo de garrafa, meu protetor cubano. Quando o conheci não acreditei que aquele corpo esquelético era o corpo do controlador do tráfico de cocaína do sul de Manhattan. Seu jeito manso, simpático, sorridente era um disfarce; escondia um animal. Não usava porretes, barras de ferro, nenhuma arma. Talvez, por ser baixo e magro, quisesse provar para todos que se virava com as mãos limpas.

Já o vi espancando um sujeito que tinha lhe passado a perna. Os murros vieram de um pulso magro. O sangue espirrado enchia baldes. Quando o traidor estava na ante-sala da morte, os socos e pontapés ficaram mais violentos. E quando todos pensaram que Manuel Pontes tinha parado, que nada, fez apenas uma pausa: ajustou os óculos, trocou de mão e continuou esmurrando. Só parou quando ficou óbvio que mais um soco, nem isso, um simples tapa, mandava o sujeito pro inferno. O mais incrível foi que Manuel não se sujou. Nem uma gota de suor. Nenhuma roupa amassada.

Parei numa cabine telefônica na esquina da Avenida das Américas e disquei o número decorado e poucas vezes usado. Ao atenderem, chamei por Manuel Pontes. Do outro lado, a voz respondeu que não morava nenhum Manuel Pontes, e desligou rápido. Enfiei mais uma moeda e voltei a discar. Outra voz atendeu. Insistiu em que disse meu nome. Desta vez, eu desliguei. Lógico que a segunda voz era de um tira, o que tinha um significado surpreendente: meu protetor havia dançado. Talvez, por minha causa. Os tiras que estouraram meu apartamento podiam ter encontrado seu endereço ou número de telefone num pedaço de papel que eu não saberia dizer se existia ou não. Talvez eu tivesse dançado por causa do protetor, o que era difícil: ele só falava se apanhasse muito.

Um segundo nome me veio: Marcos de Sotto. Não podia ligar para o Piazza. Liguei para o consulado e, por sorte, o encontrei:

Já te disse pra não ligar pra cá!

Na verdade, estou precisando da sua ajuda.

Agora não. Estou de saída. Me liga em casa.

Tem que ser agora, Marcos.

Estou de saída para um jantar de negócios. Não tem cabimento você ficar ligando pra cá...

Quer parar com isso! Eu estou numa fria! Nós estamos!

Parou de chiar e refletiu. Se lembrou que ele era um intermediário, atravessador e, vez ou outra, usuário.

O que foi dessa vez? No que você se meteu?

Onde é o jantar? Eu encontro com você.

De jeito nenhum!

Marcos...

Voltou a refletir, até concluir que era melhor ter um jantar interrompido, a se envolver com problemas de um traficante de merda. Me deu o endereço e me recomendou discrição, como se fosse preciso, naquela altura, me recomendar alguma coisa.

21h25

Chanterelle, restaurante francês no Soho, nitidamente fora do meu padrão, já que me restavam apenas 800 dólares, resultados da transação no Piazza, e que teriam de ser preservados por um bom tempo.

No restaurante, olhei em volta constatando que ele não havia chegado. Fiquei na sala de espera, onde tinham mesas redondas e baixas, dessas que só cabem alguns copos e cinzeiros. Pedi um whisky e esperei. Entrou uma mulher que olhou para o relógio e deixou cair a bolsa. Foi ajudada pelo maître. Perguntou em francês por Marcos de Sotto, do consulado brasileiro. Relaxou quando descobriu que o atrasado era ele, não ela. O maître lhe sugeriu que se instalasse na mesa reservada, mas ela preferiu esperar ali mesmo, o que foi bom pois pude admirá-la mais um pouco.

Sentou ao meu lado e pediu uma Perrier. Cabelo chanel, pele branca e delicada, vestia um clássico tailleur escuro: pinta de empresária. Ficou acendendo e apagando um isqueiro descartável (indisfarçável tensão). Notou que eu examinava suas mãos e me olhou de relance. Voltou a me olhar, abriu os olhos e sorriu, como se fosse dizer alguma coisa, me perguntar qualquer coisa, me pedir um cigarro, ou como se me conhecesse de algum lugar (olhar confuso), até ser interrompida por Marcos.

Se cumprimentaram friamente em francês. Ele me viu, mas fez que não. O maître levou-os para se sentarem na mesa reservada, que ficava no meu campo de visão. Enquanto faziam os pedidos, notei que ela voltou a olhar para mim e a se confundir.

No início, a conversa entre os dois parecia cordial. Mas não demorou muito para ela voltar a acender e apagar o isqueiro. Depois de um tempo, Marcos se levantou e veio para minha sala, direto para o telefone sobre o balcão. Era o sinal. Fui até ele. Tirou o fone do gancho e eu, de costas para os demais, pausadamente, expliquei a situação:

Estão me seguindo. Dois tiras brasileiros. Quem são?

Não tenho conhecimento disso.

É melhor falar a verdade, se não boto a boca no...

Parei de falar. Eu não podia demonstrar desespero. Tinha de disfarçá-lo, para que ele não entrasse em desespero.

— Não tenho registro de nenhum policial brasileiro que tenha entrado nos Estados Unidos.

Pareceu ser sincero.

Como é que você caiu?! Que burrice!

Me entregaram, Marcos. Invadiram minha casa, ficaram com minha grana, e ainda estão me seguindo. Não é uma tremenda coincidência?

Logo depois de eu ter vendido uma presença para o seu figurão.

Tudo bem, pode ter vazado. Todo mundo sabe que ele é do time. Mas não faz sentido. Ele não manda mais nada. Não é mais ninguém. Já é passado, História. Acho que você dançou conforme sua própria música.

Não acredito em coincidências.

Você está no ramo pra enfrentar esse risco. Você escolheu. Ninguém te obrigou. O que eu posso fazer?

Dei uma pausa para voltar ao tom cordial, ou melhor, cúmplice:

Preciso de um passaporte.

Ficou maluco?!

Não percebe que eu tenho que me mandar?

E eu com isso?! Não tenho obrigação de ficar te ajudando! Não te devo nada!

E se eu for preso? Vão querer saber quem me arrumou o passaporte de um tal Thomas, nome que está no registro daquele imóvel. Por enquanto, sou peixe pequeno para merecer uma investigação. Mas quando souberem que uso um passaporte falso, e que quem me vendeu é do consulado, vão fazer estardalhaço. É tão bom pra mim como pra você que eu fique longe.

Te vira!

Voltou para a mesa. Continuei no balcão, respirando fundo. Pedi outra dose. Marcos não era fácil. Mas estava muito enrolado para pôr em risco sua pseudo carreira diplomática. Provavelmente todos sabiam, inclusive a polícia americana, do seu envolvimento com negócios ilegais: da prostituição ao tráfico, passando pela venda de documentos falsos. Só não tinham provas. Notório homossexual, de família pobre e sem tradição no fechado clube diplomático, sua carreira não tinha futuro: estava fadado a pertencer ao escalão de assessores de quinta. Por um problema de identidade, auto-estima e principalmente grana, foi inevitável sua ligação com o mundo ilegal. Uma maneira de se sentir útil, importante, essencial. Um assessor para assuntos ilegais.

O maître me avisou que um sujeito queria que eu me juntasse a ele. Fui encaminhado até a mesa do casal. Marcos, em francês, me apresentou à mulher:

— Mona, este é Pablo, estudante argentino, amigo meu.

— Pablo... — ela estendeu a mão. Cumprimentei-a num francês que há muito não praticava, aprendido num presídio parisiense, cheio de gírias e erros gramaticais.



— Junte-se a nós — Marcos apontou para o lugar vago.

Acabei sentando. Continuamos a conversa em francês.

— Pablo... — ela repetiu, como se estivesse surpresa por eu ter esse nome. — De que cidade da Argentina?

— Buenos Aires — foi a primeira que me veio. Ficamos um tempo em silêncio. A impressão que se tinha era de que todos mentiam. O tempo foi necessário para que cada um elaborasse o personagem falso e sua fala. Marcos disse que eu fazia doutorado em literatura latino-americana, na Universidade de Colúmbia, e costumava ir ao consulado para ler revistas e jornais brasileiros, já que eu era amante do Brasil, principalmente da música. Meus olhos e os de Mona não se desgrudavam. Ela sorria. Era como se soubesse que eu não me chamava Pablo, e nem era um estudante argentino. Era como se um diretor de teatro analisasse meu desempenho. Havia algo no ar. Eu conhecia aquele olhar: era o de uma cliente em potencial. Não de drogas. Uma cliente carente.

Seus olhos brilhavam. Sugavam. Eu tentei, a todo custo, disfarçar olhando para Marcos, para o salão, para a mesa. Mas ao encontrar suas mãos, eu era levado a olhar para quem elas pertenciam, e voltava para seu rosto, sua beleza, para descobrir que continuava me encarando com brilho nos olhos. Interrompeu Marcos e me perguntou:

Onde aprendeu o francês?

Num presídio.

Ela riu. Marcos a acompanhou:

— É verdade... Havia me esquecido desse detalhe. Ele já me contou a passagem negra. Pablo ficou preso por estar ilegal. Sabe como os europeus tratam os latinos...

Você tem cara de italiano.

Meus avós eram espanhóis.

— Espanha... — ela suspirou como se tivesse dito o nome de uma bebida afrodisíaca, ou do perfume mais inebriante.

Mudou de assunto e começou a falar de literatura. Enquanto dissertava sobre o realismo fantástico, notei Marcos fazendo um sinal para eu sair. Quando ela pediu a minha opinião a respeito do último livro de Gabriel Garcia Marquez, me levantei:

— Desculpe, mas fiquei de encontrar uns amigos ali no bar.

Trocamos gentilezas, apertei a mão de Marcos, a mão de Mona, e voltei para o balcão. De longe, percebi que os dois discutiam. Eram ríspidos um com o outro, até ela se cansar de acender e apagar o isqueiro, jogar o guardanapo sobre a mesa e sair. Passou por mim sem se despedir. Marcos ficou

envergonhado já que todos, ao redor, notaram a fuga apressada de sua convidada. Finalmente, deixou uma nota sobre a mesa e veio:

Então, onde estávamos, Pablo?

Pára de me chamar de Pablo!

Não gostou do nome?

Preciso de um passaporte.

Ela faz seu estilo, não faz? “Espanha...” — imitou. — Tenho um passaporte argentino quase vencido, aliás, de um tal Pablo.

Trabalha com produto argentino agora?

“Yo tengo tantos hermanos que no los puedo contar...” Pra você, faça por mil dólares.

Está aí com você?

Fez sim com a cabeça. Estendi a mão. Ele a olhou vazia e franziu a testa:

Ah, não vem com essa!

Depois te pago.

— Nem fodendo!

Saco! Dei um tapinha no rosto de Marcos e me despedi, blefando:

— Tudo bem. Tenho outras fontes.

Fui saindo, esperando que ele me impedisse. Segurou meu braço:

Aonde vai? Está sempre correndo. Eu tenho um serviço pra você. Mil dólares. Não é uma coincidência? Já sei, você não acredita em coincidências... — passou a mão por trás do meu ombro e continuou: — Eu gosto de você. Confio em você. Por isso te escolhi. Já trabalhamos muito. Formávamos uma grande dupla. Quantas lembranças... Você era o melhor, o mais fino, educado. Eles te veneravam. Me ligavam depois para contar os detalhes. Me agradeciam por eu ter enviado você.

Eu larguei os programas, Marcos.

Eu sei, eu sei, e pra quê, pra traficar? Foi uma grande perda para a noite nova-iorquina. Até hoje, ainda me ligam te requisitando. Ficam decepcionados quando digo que você não trabalha mais. Você fez fama, tinha um grande futuro. Eu era seu contato preferido, não era? — ele sempre perguntava isso. Marcos precisava ser bajulado, aceito, se sentir indispensável. — Mas está na hora de voltar. Eu tenho um programa para você. “A volta do filho pródigo” — ele disse como se vislumbasse uma manchete de jornal. — Ninguém larga os programas. É um vício.

Marcos, eu não tenho muito tempo.

É só por hoje.



Por alguma razão, senti o perfume da casa da minha infância.

Homem ou mulher?

Infelizmente, mulher — ele riu. — Então? Eu não disse sim. Mas devo tê-lo encarado como se tivesse dito, já que:

Maravilhoso! Se quer cair fora, se quer um passaporte, vai ter que resgatar o Mel que você já foi e trepar com a minha cliente.

Quem?

Marcos ganhou confiança. Me tinha nas mãos:

Acabou de conhecê-la.

Mona, a francesa?

É uma gata.

Ela não parecia sua amiga.

Estava uma fera porque o viadinho que eu tinha arrumado pra ela ligou há pouco dando o cano. Ela estava prontinha, ansiosa. Mas foi bom. O destino uniu vocês. Ficou fascinada por você. Pediu pra te chamar na mesa, pra te examinar em detalhes.

Saiu como uma bala, sem se despedir.

Ela é tímida. É a sua primeira vez. Nós não temos muito tempo. Ela me deu duas horas. No Hotel Empire. Você me encontra no saguão.

Eu não disse que aceitava.

Você já aceitou... — e tirou do bolso o passaporte argentino. Virou as costas e foi embora.

Explicações?

Já me prostituí, sim.

Você não faria o mesmo se te oferecessem de 500 a 1000 dólares por algumas horas de trabalho? Pois era em torno disso o cachê pago em Nova York. Não cheguei a me dedicar a fundo. Foi a maneira que encontrei de saldar dívidas, encomendar pó e fazer caixa.

Qual é o problema?

Com a paranóia da Aids, muitos me contratavam para me exhibir enquanto se masturbavam, ou para satisfazer taras que, na maioria das vezes, não chegavam à penetração.

Quando desembarquei em Nova York, alguns brasileiros me levaram até Marcos. O assessor foi com a minha cara e passou a me agenciar. Era como se eu tivesse tirado a sorte grande; nem bem havia chegado e já estava empregado.

Fuja dos dilemas morais; eu precisava de grana.

Minha rotina era uma baba. Logo cedo, eu deveria telefonar e avisar que



estaria disponível. Aguardava o retorno próximo a um telefone, já que a maioria dos compromissos eram marcados em cima da hora; clientes que tinham encontros ou reuniões canceladas e que decidiam preencher o vazio com uma trepada. Encontrava-os em hotéis de luxo ou em de quinta, o que, para eles, aumentava o tesão, trazendo ao sexo o brilho das estrelas ou a sujeira do mundo barato.

Sim, posso contar detalhes.

Eu não gozava, já que fazia parte do 'contrato' não gozar. E garanto que nunca gostei, nem mesmo quando me relacionava com um cliente atraente.

Já que é pra falar...

Menti se disse que fiz só por dinheiro. Havia um sentimento de autoflagelação, um teste: eu queria ver até onde ia, provar o insano, me punir, me enfiar num buraco com garras e dentes, checar minha resistência, checar se eu sairia ileso.

Chega!

São detalhes que não levam a nada se relatados nesse momento; ou talvez eu não queira relatar, por pudor e respeito próprio.

Está bem, respondo à curiosidade maior: fui com homens e mulheres, óbvio.

Mil dólares era um cachê alto para o que o mercado recessivo oferecia. Minhas contradições: quis trepar com aquela mulher. Teria ainda um passaporte para a fuga; começar em outro país. Uma chance dessas, só um idiota desperdiça. Sabendo dos riscos que estava correndo, e ansioso para presenciar o que estava por vir, enrolei por um tempo até me dirigir ao Hotel Empire.

23h10

Os caprichos de Mona, uma neblina, impregnavam as dependências do Empire, hotel luxuoso (a meia quadra do Central Park), impessoal, onde os hóspedes têm de andar com um cartão de identificação. No saguão, apesar da hora, havia filas para elevadores, telefones e para o front desk. Muitos carregadores uniformizados, para cima e para baixo, com carrinhos entupidos de malas. Era o começo do começo do verão de Nova York.

Desta vez, Marcos me esperava no saguão, como havia sido combinado. Em vez de me dar a mão, me estendeu uma sacola, e pediu para eu vestir as roupas que estavam nela. Ele subiria para acertar os últimos detalhes com Mona. Marcamos um encontro no banheiro. Eu já não me surpreendia com as sugestões e exigências de certos clientes. Existem até os que fornecem figurino ao seu puto querido. Mona, então, pertencia a este grupo.

No banheiro, dentro de um closet, examinei o uniforme de carregador do Hotel Empire que estava na sacola. A loucura de Mona: trepar com um carregador do hotel em que estava hospedada. Parei, respirei e declamei: “Mona...” Quer ir a fundo (pois se é para ir, que se vá pisando nos cacos da loucura). “Mona...” Me contratou. Ganha o direito de exigir o máximo. Não, não será uma noite como outra qualquer. Será a noite. Darei a ela este presente. Serei seu, todo seu, mulher. Celebraremos estarmos vivos.

Fascinante ser personagem de taras alheias. É como se prestássemos um serviço à criatividade, à imaginação, à loucura feminina.

Marcos apareceu e trancou a porta do banheiro. Riu quando me viu vestido de carregador:

— Que gato... Sem afobação. Respira fundo.

Obedeci.

— Não se esqueça de que está enferrujado. Olha lá, não vá apressar as coisas. Lembre-se do que te ensinei: eles são os donos do ritmo. E tem mais: não é o trabalho fácil que você costumava fazer.

Me deu uma corda, uma faca e a chave do quarto de Mona. Voltou a rir. Apontava e ria. Uma das taras dos que requisitam um garoto de programa é ser amarrado. Normal. Diminui a culpa, como se tivessem sido obrigados a fazer aquilo. Mentem a si mesmos. A loucura tem parentesco com a mentira. Honestamente, não imaginava que Mona, com aquela classe, fosse do tipo. Marcos ria. Tinha vários motivos para agenciar garotos de programa. Um deles era, num certo sentido, se colocar acima daqueles que têm de pagar pelo prazer,



ou dor (ou seja lá o que sentem quando trepam com um ou uma puta).

O que ela quer?

O que ela quer. Ser estuprada.

Isto explicava o cachê alto. Eu teria de fazer o que todos querem: representar. Mas nem todos os garotos de programa se submetem ao papel do estuprador.

— Mas tem que ser real, muito real — Marcos procurou ser didático. — Se não for real, bye bye passaporte. Ela fez economias. Levou muito tempo planejando esse dia. Já desistiu várias vezes em cima da hora. Hoje, quer ir até o fim, e está pagando caro. Você vai entrar no quarto de surpresa, e tirar o fone do gancho; ela não quer o telefone tocando durante a cena. Aponte a faca e trepe com ela vestido de carregador. E não pare. Mesmo que ela peça, não pare.

Isso já me aconteceu uma vez. Uma cliente, no meio da trepada, começou a chorar e pedir para eu parar. Quando parei, ela perguntou por que eu havia parado.

Você vai agarrá-la onde estiver, tomando banho, deitada, sei lá. Seja um excelente ator. Vai amarrá-la na cama e... você sabe.

E se ela gritar?

Isso não vai acontecer.

E se acontecer?

Por que ela gritaria? Bata nela. Se gritou é porque quer apanhar.

Vamos, Marcos, eu não vou bater nela.

O que há com você?! Já se esqueceu que é assim!? Ela está te pagando! Você não está entendendo. É uma mulher bonita, gostosa, mas quer ser amarrada. E tem que ser real. Se tiver que bater, bata. Já disse, é a primeira vez que ela faz isso, por isso me procurou pedindo o melhor. Você é o homem. Esperarei aqui embaixo com o passaporte.

Quero o passaporte antes.

Eu gosto de você. Sempre gostei. Existe algo em você que me atrai. Você é um canalha mas, diferente de mim, mostra a possibilidade da dúvida. Chega a encantar. Eu pareço acorrentado, enquanto você evolui. Vai trabalhar, vai!

E saiu do banheiro.

Quer que eu enumere minhas razões?

1. Dois tiras brasileiros me seguiam.

Tiras americanos estavam na minha casa e, pouco a pouco, conheciam detalhes da vida de um Thomas traficante.

Meu protetor, Manuel Pontes, estava preso, sofrendo pressões para entregar seus protegidos.

Só havia uma saída: fugir.

O cavalo...

Existem outros motivos. Admito. Se a fantasia daquela mulher era ser estuprada, o que não dizer da minha?

Era uma mulher linda, cujo olhar... Eu tinha curiosidade, vontade de fazer aquilo. Afinal, o que seria de mim sem centenas de fantasias?

Eu não andava pelo corredor, flutuava, prestes a entrar num templo de cores perfeitas, para rezar a última reza. Abri a porta com todo o cuidado. Uma suíte. As luzes apagadas. Não totalmente escuro. Uma luz vinha do quarto, onde estava Mona, sentada na cama, de costas para mim, falando no telefone. Coloquei a sacola com minhas roupas ao lado da porta, e fiquei encostado no canto mais escuro, com o coração querendo sair pela boca. Dei uma checada no ambiente. Havia uma extensão do telefone na sala. Esperaria ela acabar para tirá-lo do gancho.

Ela demorava no telefone. Me habituei com a semi-escuridão. Me aproximei, rente à parede.

Parei quando ouvi sua voz. Falava em português, num sotaque carioca. Era brasileira. Ouvi dizer:

— Eu preciso falar com ele em Tóquio. É urgente!

Aquilo me deixou confuso. Se era verdade que estava me esperando, por que procurava alguém com urgência? Talvez ela tivesse recebido o telefonema e não pôde desligar. Talvez fosse o roteiro de sua celebração: ser surpreendida no meio de um telefonema. Estaria fingindo, esperando eu atacar?

Desligou o telefone e foi pro banheiro. Abriu o chuveiro. Entrar em ação. Tirei o fone do gancho, segurei a faca e vi um vulto, na janela: minha imagem refletida; um uniforme ridículo; segurando uma faca, se preparando para canonizar uma brasileira! O que era aquilo?! Desistir, lógico. Mas a luz foi acesa. Mona, ainda vestida, gritou ao me ver:

— O que está fazendo aqui?!

Cruzou os braços para se defender ao notar a faca na minha mão. Mas relaxou quando descobriu que debaixo daquela farda estava eu, Pablo, o estudante argentino. Sorriu sutilmente, e de seus olhos, brilho, aquele. A janela se abriu empurrada pelo vento. As cortinas voaram. Uma brisa quente. O verão. Da rua, barulho, vida.

— O que você quer?!

Se não fosse o profissionalismo da relação, e se eu não estivesse acostumado com clientes, apesar dos braços oferecidos, resistirem à minha presença, eu viraria as costas, e iria embora com a sensação de ter errado de porta. Mas era

ela, ela queria, e meu dever era ajudá-la. Avancei dois passos.

— Sai daqui! Vá embora, se não eu grito! — ela recuou.

— Seu desempenho merece um Oscar.

Ela gritou. Não um grito de alguém pedindo socorro. Foi um grito para que apenas nós dois escutássemos, o que fez com que eu também buscasse, dentro, um ator escondido: Mel.

— Pro seu bem, fique quieta! Senão vou ter que te machucar!

Viu o telefone fora do gancho e gritou mais uma vez; um grito ainda abafado. Depois, deu as costas para que eu não a visse sorrindo. Foi fechar a janela. Santificá-la. Fui até minha cliente sem saber o que fazer. Sem fazer o que sabia, pus a mão na sua boca. Ela tirou-a com força. Pus de novo. Tentou fugir. Agarrei-a. Começou a espernear. Passava dos limites. Por pouco não joguei ela no chão e fui embora. Eu já tinha chegado na metade do percurso. Um passaporte me esperava no saguão. Valia qualquer sacrifício. Seus dentes se cravaram na minha mão. Apertei seu queixo e consegui me desvencilhar. Exagerei na dose. Estava pronto para pedir desculpa, mas ela passou a me xingar. Irritado, parti pra cima. Peguei o lenço que estava no seu pescoço e fiz dele uma mordança. Xinga, agora, quero ver! Ainda tentou se soltar, mas um tapa forte a fez cair no chão. Se acalmou. Decidi acabar logo com aquilo, antes que ela desistisse, antes que eu desistisse, antes que batessem na porta e decretassem o fim da cerimônia; e eu perderia uma das poucas chances de fuga que me ofereciam.

Enquanto ela estava no chão, amarrei a extremidade da corda no seu pulso. Fui arrastando-a para o quarto. Esperneou. Gritou (mesmo com o lenço preso na boca), mas ninguém ouviu. Coloquei-a na cama, joguei meu corpo sobre o dela e ameacei:

— Vou usar esta faca se não colaborar!

Seus olhos azuis perderam o brilho que, antes, ela tinha me lançado. Agora, olhos vermelhos, olhar assustado, cheio de ódio.

— Eu vou ser rápido. Costumo ficar a noite toda, mas hoje não posso. Um dia, se eu tiver a oportunidade, te explico...

Interrompi o discurso confidente lembrando que a cliente era ela, não eu; suas fantasias deveriam ser representadas, não as minhas; se alguém tinha o direito de desabafar, era ela quem pagava por isso. Voltei a agir profissionalmente. Amarrei seus braços na borda da cama. Fui amarrar os pés, e ela enfiou um chute no meu peito que me jogou no chão.

— Quer parar com isso!

Eu nunca tinha estado com uma cliente tão resistente; demência!

— Você está pagando, mas me dá um tempo! Eu quero acabar logo!

Relaxou. Deixei seus pés soltos. Vestia uma saia até o joelho. Fiquei na dúvida se levantava ou tirava. Acabei tirando. Desabotoei sua blusa. Nua. Contraiu o abdômen. Nua. Cruzou as pernas e fechou os olhos. Merda de vida! Por que me comprem, se para eles o prazer é um sacrifício? — Tiro minhas roupas?

Nenhuma reação. Marcos tinha exigido que eu a comesse vestido de carregador, tal qual um estupro. Ignorei-o. Tirei os sapatos e a calça. Em pé, olhando seu corpo indefeso, a pele lisa, branca, bateu uma dúvida: ela não precisa contratar um michê pra fazer aquilo, é o tipo de mulher que todos os homens desejam.

Um problema: eu não conseguia ficar de pau duro. Sentei ao seu lado e abaixei a cabeça, incrédulo, já que estava sendo pago, e bem pago, para fazer o que, naquelas condições, não seria feito. Me lembrei das meninas, putinhas de sorte, que não têm um órgão que, se não fica em pé, traz prejuízo ao negócio, negócio, aliás, que, em se tratando de prostituição masculina, se leva muito em conta o comprimento, a largura do órgão e a duração da ereção. No caso de homossexuais, a metragem é o que leva um cliente a selecionar seu garoto de programa; com clientes mulheres, o garoto sensível, carinhoso, educado e bonito é o que lucra; mas mesmo com elas tem que funcionar. Eu não tinha outra saída a não ser relaxar, mudar de personagem, e buscar o tempo como aliado.

Servi uma dose de whisky do frigobar. Diminuí as luzes. Fiquei em pé, na sua frente. Seus olhos me fuzilaram. Traduzi seu ódio. Por mim? Não, Por ela, por culpa; como em todas as primeiras vezes. Bebi uns goles. Vi minha sombra, na parede. Uma estátua. O libertador. Sentei ao seu lado, peguei a faca, e comecei a passá-la na sua testa, no seu peito, até levá-la à sua barriga. Contraiu-a. Deixei por um tempo a lâmina esfriar seu corpo. Congele, congele; aqueça a lâmina. Continuava tensa. Com a ponta da faca, acompanhei suas curvas, desenhei flores, escrevi seu nome, escrevi o meu, um anjo, o cão. Com a ponta da faca, acariciei a barriga, os seios, levando-a para a boca, ameaçando rasgar seus lábios. Levantei a faca. Podia furar seus olhos, cegá-la, pôr um fim no olhar de tantos sentidos, muitos deles incompreensíveis. A morte está tão próxima. Mas não. Deixei a faca de lado e passei a lamber e beijar tudo o que via, quase sem encostar a boca, como se aquela pele fosse o mais fino papel, e qualquer movimento brusco pudesse rasgá-lo. Ficou arrepiada. Às vezes, relaxava, mas ainda, na maior parte do tempo, tensa.

Não tive pressa. Examinei com a boca todos os detalhes e lugares secretos,



para depois, sim, afastar os pêlos e me encontrar com o núcleo, a boca e a seta, que a fez pular e trançar as pernas. Pacientemente, comecei tudo de novo evitando seus olhos. Tive de fazer força para destrançar suas pernas. Ataquei. Enfiei minha boca na boceta. Ainda tensa. Mas já os primeiros gemidos, constatação: uma mulher, naquela cama, confusa entre a dor e o prazer.

Finalmente ela colaborou. Abriu a pernas. Se posicionou melhor, para experimentar prazer; me jogou o centro de tudo, ali, quero ali; me ensinou o caminho. Meu pau, duro, em pé, para fazer o que estava... Fui pra cima. Ela voltou a ficar tensa. Recusou meu mundo. Chega! O objeto, o agente. Agarrei suas pernas e levantei o quadril. Enfiar. Entrou. Primeiro a cabeça, para, pouco a pouco, tudo. Ela pulou, recusando. Mas joguei meu peso sobre ela. Suas pernas amoleceram. Agora, sim, estávamos grudados.

Nos olhando a poucos centímetros, esbocei um sorriso sem resposta. Uma lágrima escorrendo. Não, não faça isso, é um jogo, é mentira, viva a mentira, e a porta se fechará atrás de mim, para você encontrar outra mentira (sua verdade). Suas pernas se trançaram nas minhas costas, enfim, e pela violência dos puxões, percebi que ela queria chegar rápido ao final. Eu estava sem prática. Não gozar. Eu tentava diminuir o ritmo, mas ela me puxava, mais e mais, num jogo de corpo fatal. O gozo, gozei, foi inevitável.

.É

QUINTA-FEIRA**01h35**

Orgulhoso da minha performance, abri bem os braços para ampliar a sombra do libertador. Foi um trabalho de mestre que teria sua recompensa; se entrega o cetro ao líder. Mas quebrei a regra número um: nunca gozar antes do... Ela? De olhos fechados, quieta, quieta demais.

Vesti a calça e fui ao banheiro sem desamarrá-la. Em frente ao espelho, tive vontade de dançar. Numa recaída, pensei em falar alguma coisa, conversar. Talvez, lhe escrever um bilhete. De sua bolsa, aberta sobre a pia, saquei uma caneta. Não havia papéis. Peguei um envelope em branco com o timbre de um hotel de Miami. Escrevi o nome Mona. Mas o que dizer? 'Foi bom'? 'Poderíamos nos encontrar novamente, numa situação diferente'? 'Eu te ligo'? 'Gostei'? 'Desculpe a falta de prática'? 'Na próxima irei caprichar'? Ora. Amassei o envelope e guardei no bolso.

Me olhando no espelho, não dancei, e atravessou outra dúvida. E se não existir um passaporte como pagamento? E se não existir um pagamento? Olhei para Mona. E se for mais um golpe de Marcos, e ela nunca requisitou um garoto de programa? Dei chances para ela se explicar? Eu poderia ter traduzido errado o ódio em seus olhos; nenhuma culpa; ódio de mim.

Minha imagem, no espelho, sem movimento algum. Perguntar a ela? As respostas estavam no saguão. Não pensei duas vezes. Vesti o resto do uniforme. Peguei meus 800 dólares. Prefiro não desamarrá-la. Esclareceria minhas dúvidas para depois voltar e libertá-la e beijar seus pés e pedir bênção.

Espiei por uma fresta. O corredor, vazio. Saí, encostei a porta e não flutuei, voei.

O elevador demorava. Abri a porta da escada e derrubei um balde cheio de água. A arrumadeira me xingou. Pedi desculpa. Cheguei a oferecer uma ajuda, mas o cão! A deixei falando sozinha e corri.

Já era tarde. Pouca gente no lobby. Nem sinal de Marcos. Entrei em parafuso; agir depressa. Procurei em todos os cantos, no restaurante e nos bares do hotel. Vamos, Marcos, apareça! Parei: ele podia estar no banheiro onde foi feito o acerto. Fui até lá. Abri a porta, e dei de cara com dois sujeitos se lavando na pia, caras conhecidas, um deles com uma calça F. A água escorrendo pelo bueiro e alguns segundos de indecisão. Minha reação: virei as costas e saí. Vieram atrás. Acelerei o passo. Eles, idem:

— Volta aqui!



Atravessei o saguão do hotel. Vieram no vácuo.

Corri pelo meio da rua, pulei a mureta do Central Park, e continuei correndo. Tiros. Puta que o pariu! Corri muito. Me embrenhei no mato, onde fiquei, por um bom tempo, teoricamente, são e salvo, mas, na verdade, começando o que estava por vir. Ao longe, sirenes de carros da polícia que cruzavam a cidade. Nenhum lobo uivou. A partir daquele momento, as sirenes, quaisquer que fossem, ganhavam outro sentido: a trombeta do fim.

Em segurança, saí de onde estava, e fui para a extremidade oposta. Columbus Circus. Ela continuava amarrada? Foda-se. Salvar a própria pele (não é isto que está escrito nos manuais?). Peguei um táxi na Broadway.

Antes ela do que eu; eu não disse; diga você.

02h15

De um telefone público, liguei para Marcos de Sotto. Tise, sua empregada portuguesa, atendeu furiosa. Era muito tarde e tive de dobrá-la para não bater o telefone. De má-vontade, disse que o patrão viajou. Quando? Não sabia, já que ela tinha ficado o dia todo fora, e ao voltar encontrou um bilhete com as tarefas da semana. Viajou e não tinha data para voltar. Soava como um álibi. Não pude saber mais detalhes. Cumpriu a ameaça e me deixou falando sozinho.

No consulado brasileiro, atendeu uma mensagem gravada, primeiro em inglês, depois em português, se desculpando por estarem fechados, e avisando o horário do expediente.

Marcos já me agenciara para tantas. Por que Mona não seria mais uma? Talvez ele tivesse saído. Talvez tivesse se escondido dos tiras brasileiros, e depois voltado para seu posto. Marcos poderia estar me aguardando no saguão. Era uma chance.

Descobri o número do hotel e liguei. Atendeu uma telefonista sonolenta que me transferiu para a recepção. Pedi para localizarem um sujeito baixo e careca; não falei o nome Marcos de Sotto. Alguns minutos depois, veio a informação de que não havia ninguém no lobby. Insisti. Como ele poderia procurar alguém cujo nome eu não sabia? Começou a troca de ofensas, claro. Me sentindo culpado, e por preferir Mona salva, fosse lá o que pudesse lhe acontecer, mudei de assunto. Calmamente, o suficiente para que acreditasse em mim, avisei que uma mulher, amarrada no próprio quarto, corria perigo. Dei o número do quarto e desliguei.

Entreí num desses cinemas 24 horas. Fiquei encolhido num canto. Era um filme pornô. Os closes dos atores trepando, os gemidos, prazer de praxe, traziam a lembrança recente de Mona, violentada. Segundo por segundo, refiz a cena. Ela gritou, sem estar gritando. Seus olhos brilhavam, e me odiavam. Era para eu receber um cachê, mas o contato não estava no saguão. Foi um golpe ou não? Fui usado? Preparei o cenário para um crime? Deixei minhas impressões digitais por toda a parte. Qualquer legista faria análises do meu sêmen e me identificaria.

Eu ainda sentia as marcas de Mona; suas pernas nas minhas costas; o cheiro de sexo. A todo o tempo, flashes: seu corpo embaixo do meu; seu abdômen contraindo; o jogo do seu quadril. Muitas fêmeas, depois do coito, matam seus machos.

Muito sangue jorra quando gatos trepam. Mata-se por sexo. Sexo, por vezes, tem o gosto da morte.

Muito cedo para afirmar que caí num crime perfeito; julgamento apressado, veredicto: otário. Antes, Mona era a estrangeira de classe. Quem já viveu no mundo da prostituição sabe que existem os tipos mais estranhos, entre eles, estrangeiras de classe em viagem pelos Estados Unidos, hospedadas em hotéis luxuosos que, por si só, catalisam experiências de todos os tipos. A solidão nova-iorquina pode ser facilmente sanada quando se tem bala na agulha, e geralmente são as mulheres de classe que as têm.

No mais, cansei de amarrar clientes homens e mulheres. Representar é o que mais pedem, para sonharem acordados, viverem experiências de medo e prazer; duas coisas ligadas. Sexo, para a maioria dos que procuram michês, é para ser sujo e violento; querem viver experiências que não vivem com maridos, namorados etc. Uma minoria é carente, e busca carinho, busca aquilo que não têm vivido com maridos, namorados etc, um parceiro cuja fonte se esgotou. Mas é uma minoria. Não interessa saber a qual grupo Mona pertencia. O que interessa é que eu fiz com ela o que já havia feito com muitos: realizar a tara do estuprador.

Detalhe: eu não conseguiria afirmar se Mona estava gostando. Durante o ato, incertezas, que eu acreditava serem devido à minha falta de prática. Mas se eu não estivesse tão tenso, talvez esse detalhe ganhasse a dimensão que merecia.

Pensando no pior, me lembrei de que precisava de um álibi, qualquer que fosse. Deveria, também, preservar meus 800 dólares. Conhecendo Nova York, enfiei 400 no sapato. Saí do cinema e fui caminhando, pela Broadway, com o rosto escondido.

Entrei no Six, bar decadente dos antigos yuppies, escuro e esfumaçado com predominância de neon, ponto de encontro de garotos e garotas de programa, pessoas que eu não via há muito, que costumam se juntar no meio da madrugada para dirimir sentimentos de culpa, analisar loucuras alheias (jamais as próprias) e trocar experiências. Fiz questão de ser notado; minhas testemunhas.

No balcão. Uma mulher, com um ray-ban preto nos olhos, ao meu lado. Denunciava: uma mulher à procura de programa. Abriu a bolsa para tirar um cigarro. Nada disso: abriu a bolsa para exhibir suas notas de dólares. Levantou o ray-ban, me examinou, e pediu fogo. Estas notas, minha senhora, podem ser

minhas? Podem. Dez vivas à solidão. Eu não tenho fogo, mas tenho fogo.

— Mel?! — D'Millus, uma amiga gaúcha. Ficou entre eu e a ray-ban. — Me desculpa interromper — falou para mulher —, só vou bater um papinho com meu putinho de maior sucesso...

A mulher saiu. Mel, meu nome de guerra, nome que eu usava para os programas.

Não ria.

Esse nome me deu muito dinheiro. Me inspirei em Mel Gibson; na época, o ator da moda, e nossos nomes nasciam e morriam com as modas.

Há quanto tempo? Anda sumido.

Não tenho vindo mais aqui.

Largou os programas? Eu ainda não larguei. Mas vou, já, já.

É o que todos dizem. D'Millus havia nascido para a prostituição. Não largaria nunca. Era das poucas que assumia em público a profissão. Era das poucas que tinha orgasmos com os clientes; era famosa por isso. Era das poucas que gostava de trepar. Inventou uma fala de muito sucesso: 'Eu não devia...' Isso deixava seus clientes loucos. Em plena transa, costumava sussurrar 'eu não devia, eu não devia...' Todos nós tínhamos nossas falas, trejeitos, armas de sedução, visando arrebanhar clientela através da propaganda boca a boca, ou mesmo ganhar o cliente para muitas outras trepadas. D'Millus era imbatível. Gostava de contar com quem saiu ou estava saindo. E se gabava por ser cara:

Estou saindo com uma mina de dinheiro. Boa pinta. Você sabe que eu sou cara. Nos encontramos num hotelzinho barato do Queens. Do Queens!! Não é que eu vou toda maravilhosa, e ele atende a porta vestido de mulher! Peruca, saia, unha postiça, cílios, batom... Pede para eu currar ele com aqueles paus de borracha. Cada louco... O que você está fazendo? Trabalhando num hotel?

De onde você tirou isso?

— Esta roupa. Na nossa profissão, baby, quem não conhece a roupa de um carregador de hotel daqui de Manhattan? Deixa eu ver... Esta aí é do Ritz. Não. Do Empire? Isso mesmo. Este friso azul. Que loucura. Largou os programas para ser carregador?!

Me levantei e paguei a conta. Ela olhou surpresa:

— O que você tem?

Fui atrás da senhora ray-ban. Mais uma. Seus dólares, meu pau. Falei qualquer coisa no seu ouvido. Senti aquele maldito perfume da minha infância.



Alisei seu rosto. Mexi no seu cabelo. Guardei seus óculos e namorei seus olhos. Vamos? Não temos tempo para a última dança. Demos as mãos e saímos. Na rua, perguntei:

— Onde você mora?

Me abraçou e tentou me beijar. Não. Nada de beijos. Impedi colocando o dedo entre as bocas. Nada de beijos. Acariciei seus cabelos, olhei com ternura e apressei:

— Num hotel?

— Não. No beco. Não sei... Você pode desistir. Estou... Eu queria, encostada no muro. Você agüenta?

Quem era eu? Ninguém para desistir. Ninguém para discordar. Mundo... Dei meu preço. Achou caro. Negociamos. Entramos num acordo. Entramos no beco. Num canto sem sombras, cercados por lixo, nos encostamos na parede.

Não me machuca... — ela pediu. Fiquei comovido.

Com carinho...

Fiquei deprimido. Levantou a saia, me agarrou, me tirou do comando. Abaixou minha calça e me apertou. Seu corpo estava gelado. Meu corpo não se manifestava. Segurou meu pau com toda a força, quando senti um cano gelado na nuca.

— Quietinho — ordenou uma voz atrás de mim.

Obedeci. A ray-ban parou, sorriu, se ajeitou, e revistou meus bolsos. Encontrou dólares e contou 400, enquanto seu parceiro me mantinha na mira. Enfiou o dinheiro na bolsa e saiu. Seu parceiro, ainda me apontando a arma, me mandou deitar e contar até 100. Deitei. Esperei um tempo, me arrumei e voltei pra rua. Não foi a primeira vez. Mundo...

Peguei um táxi para o Village. Aproveitei para arrancar os frisos azuis da calça, e resgatar 300 dólares escondidos no sapato. Mantive 100 nele. Havia uma pessoa que eu queria encontrar. A última saída.

05h50

As ruas começaram a ganhar outros personagens; saíam os notívagos e chegavam os diurnos. Atravessei a Washington Square. Ele estava lá, apesar do horário; sempre estaria lá, dia ou noite, sol ou chuva, um monumento vivo. Desta vez, não cantou o soneto ‘Acid, acid, acid...’ Em silêncio, esperou ficarmos frente à frente.

Quem anda nesse ritmo é porque está encrencado — disse amigavelmente.

— Obrigado pelo que fez à tarde. Sei que não se faz mais favores, mas preciso de outro. Uma arma.

Não se alterou. Provavelmente, até esperava por isso:

Não é fácil achar uma arma a essa hora.

Eu pago.

Que tipo de arma?

Uma automática.

Quanto tempo você me dá?

De quanto tempo você precisa?

Uma hora.

É muito.

Uma hora — repetiu.

Está bem.

Dei a ele o que tinha no bolso, ficando com alguns trocados:

— Sei que é pouco. Mas é tudo o que tenho.

— Talvez você possa pagar com outra moeda. Faço um bom câmbio.

Fiquei surpreso: então ele sabia que eu também traficava, mesmo sem eu nunca ter dado pistas; colegas. Eu não disse que, naquele momento, estava a zero.

— Me encontre daqui a uma hora, aqui mesmo. E saiu. Fui procurar um refúgio. Caminhei até a avenida das Américas e entrei num bar.

06h20

O balconista ligou a televisão. O som estridente da vinheta da abertura do telejornal invadiu o bar. Eu não estava com o menor apetite, e tudo o que pedira até então fora uma xícara de café. Logo de cara, a manchete do jornal era arrasadora, acabando por embrulhar meu estômago:

Apresentador:

“Veja a seguir: brasileira encontrada em pedaços em Manhattan...”

Engoli em seco e esperei. Em 30 segundos, que pareceram 30 horas, na tela, a cama de Mona. Um lençol sujo de sangue cobria o cadáver. Closes das manchas de sangue. Em segundo plano, a polícia tirando fotos e colhendo provas. Plano geral do quarto do Hotel Empire. O apresentador, em off:

“Tudo indica que foi estuprada antes de ser morta. Há sinais de tortura. Marcas de cigarros apagados na pele. Agulhas de injeção enfiadas nas gengivas e uma garrafa quebrada no ânus. A causa mortis não pôde ser revelada já que, depois de morta, seu corpo foi esquartejado, pernas e braços separados do tronco. A cabeça e as mãos arrancadas não foram encontradas no local. Tudo indica que o assassino se vestiu de carregador do hotel para ter acesso ao quarto. A porta não foi arrombada. Nosso repórter está no local.”

Repórter:

“A polícia acredita que não será difícil chegar ao criminoso. Ele foi visto por uma arrumadeira fugindo pela escada de serviço. Neste momento, ela está prestando depoimento para se obter um retrato falado. Há pistas por todos os lados. Estamos tratando de um criminoso inexperiente. A polícia técnica está recolhendo mostras do sêmen para fazer a identificação. Tudo o que se sabe é que a vítima era brasileira, solteira e funcionária do governo do seu país. A polícia não deu mais detalhes para não atrapalhar as investigações. Um dos recepcionistas de plantão foi quem recebeu a denúncia anônima avisando do crime. Dois outros brasileiros foram baleados no Central Park, ao que tudo indica, minutos antes desse crime. Ao que parece, ambos os crimes têm ligação, já que eram hóspedes do mesmo hotel. Um dos brasileiros baleados morreu. O outro foi ferido e está, neste momento, internado em estado grave. A qualquer



momento, voltamos a informar.”

Os fregueses do bar se olharam. Demonstraram a indignação ao crime com expressões de rosto. Pesquisaram a indignação de cada um. Me olharam. Por que me olham, minha expressão é outra?

Esperaram meu comentário. Por que eu devo comentar se não sei do que se trata?! Me levantei e fui ao banheiro. O closet estava ocupado. Tive de vomitar na pia, um vômito seco. Bati com a cabeça na parede. Queria quebrá-la em pedaços para jogá-los no esgoto. Fiquei um bom tempo respirando fundo e repetindo o mantra: ‘Fugir, fugir...’ Vejo o cavalo.

Repassei meus passos. O que ela estava sentindo era ódio. Não dei chances para se defender. Voei em cima como me ordenaram. Voei em cima porque eu queria. Acreditei estar representando um papel. Não estava. Era eu. Era ela, vítima. Tentou fugir. Achei que fazia parte do script. A morte prova a existência. Mona, agora, existe, e fui ator de sua vida.

Qual o interesse de Marcos? Uma ameaça; talvez ela soubesse de segredos que pudessem incriminá-lo e o estivesse chantageando. Mas por que a cena? Tentei me lembrar das suas palavras no telefone. “Eu preciso falar com ele em Tóquio.” Não significavam nada.

Lógico que fui usado para preparar o cenário de um crime. Marcos arquitetou o enredo do estupro; ‘primeira vez’, ‘ela está louca por você’... Há quanto tempo ele planejava? Minha ida ao Piazza estava ligada ao estupro? Foi ele quem entregou Manuel Pontes, e depois me entregou, para que eu não tivesse alternativas a não ser procurá-lo? Armou todo o cenário no restaurante francês e me fez ir ao Empire. Primeiro, subiu para falar com Mona e roubou a chave. Subi e não dei chances a ela. Logo que saí, entraram e acabaram com ela. As suspeitas caíam sobre o rapaz que a encontrou num restaurante francês e, encantado, decidiu estuprá-la até a morte.

Me entregar à polícia? Traficante, estuprador e assassino. Como?! Único pensamento: fugir. O cavalo voa.

Antes de voltar para Washington Square, entrei numa farmácia e comprei éter, acetona e bicarbonato. Peguei o celofane de um maço de cigarros jogado na calçada, e fiz a mistura ali mesmo.

07h15

O traficante me esperava sob o arco de entrada da praça. Assim que me viu, recitou:

— Gun, gun, gun...

Fiquei ao seu lado. Percebeu meu estado:

Passando mal?

Não.

Deu uma pausa e aguardou meu desmaio. Como não ocorreu, passou a tratar de negócios:

— Foi muito caro.

Enfiei a mão no bolso. Trêmulo, derrubei tudo o que tinha. Nos agachamos. Entreguei a mistura do celofane. Exalava éter. Se deu por satisfeito, aceitando a troca. Notamos, no chão, o envelope que eu tinha levado do quarto de Mona (o começo de um bilhete). Ele leu o timbre.

— Hotel Helit. Preciso de umas férias. Quem sabe não me hospedo em Miami, nesse hotel? Sua arma está debaixo daquele banco.

Eu não tinha muito tempo. Pegar a arma e voar para longe, antes que ele experimentasse a mistura. Para ele, eu era um traficante que atravessava todos os dias o seu ponto. Só não sabia que aquela, talvez fosse a última vez que nos veríamos. Levantamos.

— Não vai esquecer a chave - me deu uma chave que estava dentro do envelope.

Não a conhecia. Por via das dúvidas, enfiei no bolso e fui ao tal banco. Veio atrás. Tive de pensar rápido. Vou lhe apontar a arma quando experimentar a mistura e descobrir que é apenas uma mistura. Sentado, enfiei a mão por baixo, apalpei a grama, sem conseguir encontrar a maldita arma. Ele, sentado ao meu lado, levava o dedo com a mistura em direção ao nariz. Subitamente parou e olhou para a rua. Um sujeito, pedalando uma bicicleta, vinha na nossa direção. Tira? Minha mão vasculhando a grama. Se a polícia aparecesse, eu me entregaria sem reagir. O ciclista, a metros. Poderia ser um tira à paisana. Se me reconhecesse, daria o sinal para outros que cercavam a praça. O traficante abaixou o dedo, segurou forte o celofane com a mistura, pronto para jogar longe. Continuei apalpando até, finalmente, sentir o cano. O suspeito parou a bicicleta na nossa frente. O traficante jogou a mistura longe. Eu, com a mão ainda debaixo do banco, segurei a arma pela coronha e enfiei o dedo no gatilho. O ciclista começou a rir:



— Você esqueceu isto!

Segurava um pacote. Não era tira. Levantei rápido a mão, apontando a arma contra a sua cabeça. Ele jogou o pacote no colo do traficante e saiu pedalando.

— Boa, cara, boa! — o traficante agradeceu.

O pacote era arredondado. Ele levantou para examinar melhor. Gritou. Escorria um líquido vermelho. Sangue. Continuou gritando feito um alucinado, até jogar o pacote longe e correr. Fui até o saco e apalpei-o. Era frio. Levantei-o e olhei de frente. A cabeça de Mona, com os olhos azuis bem abertos, envolta por um saco plástico. Joguei o saco no chão. Desnortado, respirei fundo. Pensei melhor. Controlei qualquer sentimento de aversão, engoli o vômito, peguei o saco e corri. Parei numa esquina, enfiei-o numa lixeira e voltei a correr.

Fiquei um tempo circulando ao redor do Aeroporto La Guardia, examinando o entra-e-sai e a movimentação da polícia. Comprei uma mala e umas roupas na Ditmars, rua dos arredores, matando os cem dólares que me restavam.

08h30

Entrei no saguão do aeroporto, notando que não havia nada que fugisse à rotina. Talvez, o rigor da busca do criminoso brasileiro estivesse no embarque, na alfândega e num possível controle de passaportes. Eu tinha pressa. Mas tinha de ser paciente e escolher o momento e vítima certos pois essa, sim, era minha única chance. Me instalei no desembarque internacional, de olho nos passageiros que chegavam e que, de uma certa maneira, tinham os mesmos traços que eu. Minha atenção se concentrava na chegada dos vôos latino-americanos. A cada minuto, minhas chances diminuía pois assim que a polícia tivesse um retrato falado do criminoso, ele seria distribuído para todos os guichês do aeroporto.

Alguns passageiros desembarcavam de um vôo procedente do Chile. Na fila de táxi, com minha mala, me enfiar entre eles, até encontrar a vítima certa. Aproximei e joguei a cartada:

Você é chileno?

Não. Argentino.

Como vai. Geraldo. Sou brasileiro.

Percebi pelo sotaque...

Não se mostrava amistoso. Estava preocupado com o andamento da fila e, principalmente, com que eu não a fusesse. Fui logo ao ponto:

Soube que é caro um táxi para Manhattan.

É um pouco.

— Vamos rachar um? A gente só gasta a metade. Você vai para Manhattan?

Pausa. Ele me olhou desconfiado, me examinou de cima a baixo e:

— Não. Vou para Staten Island. Mas você pode pegar o ônibus que sai de 15 em 15 minutos. É mais barato.

Mandei ele se foder e virei as costas.

09h15

Abandonei o desembarque dos vôos latino-americanos e fiquei atento à chegada dos vôos europeus. Os latinos são mais pobres, mas são desconfiados e íntimos dos golpes dados em aeroportos. Prestei atenção no desembarque de um vôo londrino: um 747 abarrotado de jovens ingleses em férias nos Estados Unidos.

Me misturei entre eles, e um sujeito pareceu ser a vítima certa já que, na sua mochila, havia adesivos da Escócia; os escoceses têm fama de pão-duros.

Na fila de táxi, me apresentei como sendo Armani, um estudante italiano. Ganhei sua confiança num inglês macarrônico, contando piada de ingleses, odiados pelos escoceses, até dar a cartada, sugerindo racharmos um táxi, o que foi aceito.

Colocamos a bagagem no porta-malas e sentamos no banco de trás. Fiz como se fosse minha primeira vez em Nova York, olhando com deslumbramento a cidade. O motorista, descobri através da licença presa no painel, era jamaicano, e o carro, de frota, o que me ajudava e muito. Falei, falei, falhei em nada.

Entramos em Manhattan. Pedi ao motorista que seguisse para o Soho. O escocês disse ser um cara de sorte pois, logo no primeiro dia, fez um amigo (e que amigo...). Marcamos de nos encontrar no concerto ao ar livre que aconteceria no dia seguinte, no píer, segundo anunciavam os cartazes colados nos muros.

— E é de graça — comentei, fazendo ele rir. Era um sujeito simpático, mas deu azar: encontrou alguém virado do avesso.

Mandei o motorista seguir pela Canal Street. Fiz que não sabia com exatidão onde iria ficar, e pedi para rodar devagar; na verdade, procurava a rua mais deserta. Pedi para entrar na Mercer e parar na esquina com a Grand. Olhei em volta. Pouca gente na rua. Apontei para um prédio velho, cheio de lofts, afirmando ser o meu lugar.

O carro parado com o motor ligado. O escocês perguntou se não era perigoso andar com uma mala por aquela redondeza. Foi a minha deixa. Apontei a arma:

— Desliga o carro, filho da puta! Desliga esta merda e me dá a chave!

Era tudo ou nada. Era preciso pegá-los desprevenidos, assustá-los e deixar bem claro que minhas intenções eram as piores. O motorista ficou por instantes paralisado, me olhando pelo retrovisor. Minha mão tremia. Eu me perguntava se aquilo estava acontecendo e se era eu o dono daquela voz:

— Desliga esta porra, filho da puta!

Ele pensou em dialogar, mas só pensou. Dei um tiro no pára-brisa, estilhaçando-o. O estrondo assustou os dois e tornou-os obedientes. Desligou. Apontei a arma para o escocês, xinguei-o de tudo quanto é nome e mandei que tirasse a roupa. Comecei a suar em bicas. A adrenalina quase me intoxicando. Minha preocupação era o motorista, apesar de saber que os jamaicanos costumam pensar cem vezes antes de darem uma de herói, ainda mais quando o carro não é deles. Relaxou quando viu que a vítima não era ele, mas o passageiro. Olhei para o lado esperando que uma multidão estivesse se formando, alertada pelo disparo. Mas a rua continuava deserta. O escocês demorava.

— Vai logo, caralho! — gritei apressando-o. Obedeceu. O motorista deu uma risada contida.

— Você também, tira a roupa!

Os dois acabaram tirando. Procurei nos bolsos do escocês a grana e a passagem. Na sua barriga, uma bolsinha de amarrar, presa por um cinto, típica de turistas. Dentro, passaporte e cheques de viagem. Enfiei tudo no bolso.

— Estou esperando! — falei para o motorista, que me deu o bolo de dinheiro que estava numa caixa de charutos ao seu lado. — A chave!

Obedeceu. Joguei as roupas pela janela e saí com cuidado, sem tirar os olhos dos dois. Abri o porta-malas, arranquei a etiqueta de identificação da mochila do escocês. Peguei minha mala e devolvi a chave. Mandei o motorista pôr no contato. Avisei que se não seguisse em frente, ia chover bala. Enquanto ele encaixava a chave, chegou a hora, tinha de ser feito, a arma começou a pular, o suor encharcava o gatilho, mirei o revólver no peito do escocês, fechei os olhos e puxei o gatilho. Abri os olhos lentamente. O tiro foi certo. Sangue jorrando. Sua cabeça pendeu para a frente. O peito estourado. O motorista começou a berrar. Gritei:

— Vai embora!

Ele tremia. Não conseguia dar a partida. Longe, alguns curiosos. Apontei a arma na direção deles. Dispersaram. O motorista, aos prantos. Quanto mais eu gritava, mais ele chorava. Fiquei dando coronhadas no capo e gritando:

— Vá!

Não tinha jeito. Decidi dar as costas e correr para longe. No caminho, carregando minha mala, joguei a arma e tudo o que não me interessava numa lixeira, ficando com o passaporte, a passagem e a grana.

Entrei na Canal St. Station e peguei o metrô para o Queens. Enquanto o trem corria, fiquei em pé, próximo da porta. Fechei os olhos e apertei a cabeça com as mãos, tentando pensar noutra coisa, lembrar de alguns dos cheiros da minha



infância. Não lembrei de nenhum.

A porta se abriu e trouxe a palavra: tempo. Fugir! Vejo um cavalo voando.

Aeroporto. Kennedy ou La Guardia? Do primeiro saem mais vôos internacionais. O segundo é mais caótico. Entrei num táxi e pedi o La Guardia.

Quer mesmo saber?

Foi a primeira vez que atirei em alguém e, naquela circunstância, faria de novo. O tiro foi para me dar tempo. A cena deixaria o motorista em pânico. A primeira coisa que faria seria correr para um hospital.

Agora eu digo: antes ele do que eu.

Se o escocês morresse, melhor para mim que ganharia, então, uma nova identidade e poderia usufruir dela por um bom tempo. Se vivesse, sorte dele. Mas até conseguir dizer quem era, eu já estaria longe, depois de ter usado seu nome: Paul Surrender - solteiro, 27 anos, visto de permanência para um mês.

A maioria dos vôos que chegam num país fica em terra algumas horas, o suficiente para reabastecer, trocar a tripulação etc. Sua passagem era de ida e volta. O avião que trouxera Paul Surrender seria o mesmo que me levaria embora. Londres. Fim de linha. Não teria problemas em viver por lá, até me organizar melhor e partir pra outra. Em dinheiro consegui mais de mil libras e quase dois mil dólares, incluindo os do motorista de táxi. O bloco de travellers foi picotado e jogado pela janela. Li com atenção os dados do passaporte procurando memorizá-los. Eu estava pronto.

11h35

La Guardia novamente. Fui direto ao balcão da British Airways. O vôo sairia em duas horas. Tive de dar muitas explicações digressivas de porque eu, Paul Surrender, estava querendo voltar se acabara de chegar. Fui ouvindo pacientemente um sermão até vir a confirmação de que o vôo estava lotado e que eu poderia aguardar na lista de espera. Londres; fica pra próxima.

Era arriscado ficar me expondo. Passei a me movimentar com mais cuidado. No painel de partidas e chegadas, descobri que vôos estavam de saída. A maioria domésticos. Havia um para a Espanha mas, no balcão da companhia, descobri que estava lotado. Começo de férias. Alta temporada. Estava prestes a desistir e tentar outro meio quando, no balcão da Aero Peru, fui informado que havia lugares num vôo para Lima. Não era o ideal, mas uma chance que não podia ser desprezada.

Não fizeram muitas perguntas, já que paguei in cash. Despachei minha mala. Passagem na mão. Comprei umas revistas e o exemplar vespertino do Daily News. Sem perder tempo, fui para o embarque.

Tiras checavam os passaportes; resultado do crime do Hotel Empire. Uma fila se formara. Me misturei entre turistas europeus que viajavam para Machu Picchu. Havia um tratamento diferenciado para europeus e latino-americanos — que ficavam mais tempo na guarita que ‘nós’, europeus. Tudo estava lento demais. Parecia que estava há horas naquela fila, até chegar minha vez. Mantive a calma. O policial não olhou para a foto. Viu na capa a nacionalidade escocesa e foi direto para o visto. Carimbou. Ia me devolver quando alguma coisa o fez mudar de idéia. Sussurrou:

— Surrender?...

Olhei rápido para a porta calculando os passos e a velocidade que precisaria para me safar de mais uma. Sim, otimista, eu ainda tinha chances; até ele pular a guarita, ou gritar, ou tocar o alarme, eu estaria entre a multidão do aeroporto. Voltou a abrir o passaporte. Levantou a cabeça, me encarou, olhos nos olhos:

Você é meu primo.

Não brinca...

— Eu também sou Surrender. Olha aqui no crachá.

Olhei e, de fato, era meu primo, talvez um primo distante. Sorriu, emocionado:

— É a primeira vez que encontro um parente. É de Glasgow?

Não. Edinburgh — me lembrando da cidade onde tinha sido expedido o



passaporte.

E como é lá, bonito?

Antigo. Você devia vir nos visitar um dia. Somos uma grande família.

Ah... — encantado, folheou o passaporte e encontrou 0 visto de entrada.

Apontou para a data: — Não gostou da América?

Estou de passagem. Primeiro, o Peru. Depois eu volto — sorri, com o sorriso mais escocês, de um típico Surrender.

Ele devolveu o passaporte e, emocionado:

— Lembranças à família...

Fui para o banheiro mais próximo, me tranquei no closet, sentei na privada e olhei a edição da tarde do Daily onde, na capa, a manchete:

BRASILEIRA ESQUARTEJADA EM MANHATTAN

Algumas novidades no que já estavam chamando de 0 Crime da Brasileira Esquartejada:

A polícia já tem pistas do suspeito. Ele foi visto por freqüentadores do Six, boate de prostituição, na madrugada do crime; sabe-se que já foi garoto de programas. Vestia a calça do uniforme dos carregadores do hotel. Algumas testemunhas foram intimadas a depor e a colaborar na constituição de um retrato falado. Confirmou-se a suspeita de que o criminoso é brasileiro, conhecido como Mel. Algumas testemunhas, conhecidas do criminoso, ressaltaram os aspectos de sua personalidade violenta e agressiva. Suspeita-se que seja homossexual. O consulado do Brasil confirmou que a vítima era funcionária do governo brasileiro, assessora para assuntos especiais da Presidência da República. Suspeita-se que os dois brasileiros baleados no Central Park são policiais em serviço, e que o atentado tem ligação com o crime do Hotel Empire. Um dos policiais, ferido gravemente, continua internado na UTI do Hospital Universitário de Forhan. Não se descarta a hipótese do crime ter sido cometido por razões políticas.

13h05

Sobrevoando o East River, me despedi com alívio de uma Nova York ensolarada e ansiosa pelo verão. Eu, o oposto: mais de 24 horas acordado e de estômago vazio. Me encolhi na poltrona de onde não levantei. Cheguei a comer alguma coisa. Mas não dormi um minuto sequer. Virava o rosto quando algum passageiro ou membro da tripulação vinha falar comigo: era como se lessem nos meus olhos as manchetes da última edição do

Daily. Tinha a sensação de que alguém iria se levantar e me acusar.

O retrato falado do tal Mel, puto gay, estaria em todos os jornais. O motorista de táxi me reconheceria, me ligando ao roubo do passaporte de um turista escocês. A organização Crime Stoppers paga até mil dólares para quem delatar um criminoso; o motorista já deveria estar fazendo planos de como gastar essa grana que passeia ao seu redor. Quando soubessem quem é, ou era, aquele escocês, saberiam que fugi usando seu nome. Os computadores entrariam em ação denunciando um Paul Surrender a caminho de Lima.

Se Paul Surrender sobreviver, minha liberdade acabará com a publicação do retrato falado e com o reconhecimento pelo motorista de táxi. Se ele morrer, minhas chances aumentam: mesmo se o motorista me reconhecer, não saberão com que nome fugi, já que levei tudo o que poderia identificar o escocês.

Vejo um cavalo voar. Atravessa as nuvens, acompanhando as manobras do avião.

Eu estava seguro, mas não totalmente, já que estava a caminho de um país desconhecido, sem que eu tivesse um contato sequer.

O cavalo está próximo. O couro é espelhado; reflete as janelas do avião. Me vejo refletido no seu corpo.

Brasil!

O país onde eu poderia me virar com facilidade e, fundamental, assumir minha verdadeira identidade, suja por uma passagem numa prisão parisiense, cuja pena já havia sido cumprida. Nada de Thomas, o traficante incomum, Pablo, o estudante argentino, Armanni, o turista italiano, Mel, o puto gay, Paul Surrender, o azarado, mas Flávio Castilho (meu nome verdadeiro).

O cavalo pega fogo. Perde altura. Arde. Some da minha vista.

Voltar como Flávio Castilho, lembrar dos mortos e vivos, conhecer os que nasceram, pertencer a um espólio, honrar um nome; um cavalo domado.

LIMA
17h05 (hora local)

O desembarque, caótico, como um desembarque num país latino-americano. Uma nova língua, uma nova ordem, sinais e corredores e barreiras estranhas, etapas e etapas. O passaporte foi manuseado e carimbado com total desinteresse. As malas (dos vôos que chegaram simultaneamente) foram empilhadas no mesmo saguão; os passageiros tratados como intrusos, como viajantes oportunistas. Havia guichês para a revista, mas não revistavam nada. Presentes o tédio e o olhar mal-encarado de praxe dos policiais peruanos; uma segurança onipotente; que sorte...

Nem bem saí do desembarque, fui cercado por tagarelas anônimos que, pelo jeito, pediam e ofereciam coisas (a língua deles ainda soava incompreensível, mesmo para alguém recém-chegado de Nova York). Provavelmente ofereciam táxis, hotéis, carregadores, cambio e pediam grana.

Brasil!

No balcão da companhia aérea brasileira (numa outra língua, a minha), minha intenção era fazer uma reserva no primeiro vôo para o Brasil. Minha intenção se esbarrou numa vagabunda brasileira, picareta de plantão: lamentou que só havia lugares na primeira classe; talvez fosse um golpe da empresa (empurrar passageiros de última hora para o lugar mais caro); mas seu cinismo denunciava que era um golpe da própria, que poderia ser contemplada com uma comissão. Eu não tinha tempo para um julgamento ético. E tinha dinheiro para pagar. Fiz a reserva, pedindo para a vagabunda um comprovante. Vôo 833. Saída 0h30. Chegada em São Paulo às 6h50. Nome? Respondi, com todas as letras:

— Flávio Castilho.

Esperei aplausos. Nada. O nome não lhe causou nenhuma emoção; se concentrava no cálculo da sua porca comissão.

Brasil...

Na rua, depois de atravessar o cordão de tagarelas anônimos com seus pedidos e ofertas, descobri que não havia táxis, nem filas para táxis, nem nada do tipo. Acabei voltando para o saguão, identifiquei a língua, e aceitei a oferta do primeiro atravessador.

Pegou minha mala e me levou para o estacionamento do aeroporto, um pátio escuro ideal para crimes de segunda classe. Perguntou, pelo caminho, se eu

tinha hotel, se queria uma dica, se eu queria loiras, morenas, virgens, orientais, grávidas, ou se eu preferia do mesmo sexo, que tudo bem, que num estalar de dedos, ele me conseguia o mundo. Fiz que não entendia sua língua e ri como um turista ingênuo, repetindo apenas:

— Táxi...

Me apontou para um carro preto caindo aos pedaços. Aquilo era um táxi. Dei uma gorjeta e ele saiu fora. Tentei abrir a porta do carro. Forcei. Não se soltou na minha mão pois o motorista foi rápido e me apontou a outra porta. Esta, se comportou bem. Entrei e mandei o motorista seguir para a embaixada brasileira. Ficou encantado:

— Ali, brasileiro...

Não falou mais nada. Tive de esperar ele me examinar como se examinasse um bicho exótico. Satisfez a curiosidade e seguimos. Lentamente, atravessamos o que parecia ser o parque industrial de Lima. Quase sugeri que andasse mais rápido. Mas logo me dei conta de que aquela era a velocidade máxima permitida, já que todos os carros eram tão lentos quanto. No mais, como se estivéssemos em plena guerra civil, havia tanques atravessados na pista e barreiras policiais Por toda a parte. Metralhadoras (em cima de jeeps estacionados) apontadas para nós, rastreavam nosso caminho. Estava prestes a me livrar do passaporte escocês quando vi uma patrulha do exército bloqueando a estrada e fazendo sinal para encostarmos. O motorista obedeceu, desligou o carro e desceu com o ar de quem cumpre uma rotina. Fiquei no canto, ou melhor, no pedaço mais escuro. Abriram o porta-malas e começaram a revistá-lo. Um fecho de luz iluminou meu rosto. Um soldado, com uma lanterna acesa, mandou eu descer. Fiz que não entendi. Gritou. Fiz que me assustei. Me apontou uma arma. Me assustei. O motorista veio em meu socorro. Avisou que eu era turista brasileiro e que acabara de chegar. Isso não me ajudou em nada. Me obrigaram a sair do carro e a encostar as mãos no capô. Obedeci; a posição clássica: mãos no capô e pernas abertas. Os carros, na avenida, diminuía a marcha, e seus ocupantes me olhavam como se eu fosse mais um terrorista procurado e encontrado (para a sorte da nação).

Deram uma geral na minha mala.

Deram uma geral em mim; foi o mais nervoso que me revistou. Falavam comigo e eu os ignorava, como se a língua em questão fosse de outro planeta. Encontraram o passaporte de Paul Surrender. Não. Eu não era brasileiro. O motorista se mostrou decepcionado (nenhum exotismo pela Escócia?). Não pediram desculpas. Nos liberaram, sem mais. Seguimos caminho, sem o ar encantado do motorista.



Estavam fechando a embaixada quando entrei, furioso, gritando que me roubaram, que me levaram os documentos, que eu tinha de voltar para o Brasil naquela noite, que aquele país era uma zona, que os peruanos eram uns vagabundos, que isso não se faz... Gritava em português para chamar a atenção de todos. Pedi para avisarem o embaixador, o adido, qualquer pessoa. Final de expediente, não pareciam dispostos a colaborar. Tentei impedir a passagem daqueles que saíam. Um soldado tentou me acalmar. Os funcionários tentaram escapar. As tentativas pararam e a cena teve seu desfecho quando, então, explodi. Misto de revolta, medo e cansaço, chorei.

Honestamente, eu não saberia dizer, agora, se estava representando ou chorando de verdade. Mas funcionou.

Uma mulher me trouxe um copo d'água e ficou me consolando. Acabei dizendo quem eu era e, principalmente, quem era meu pai. Seus olhos cresceram quando ouviu meu sobrenome; quase aplaudiu. Afirmar que precisava embarcar naquela noite, e que tinha uma reserva; mostrei a ela o comprovante da companhia aérea brasileira.

Me levaram para uma sala onde fiquei a sós, por alguns minutos, até entrar uma senhora de meia-idade que se apresentou como sendo a adida cultural. Com as mãos trêmulas, me cumprimentou, me fez sentar, me olhou como se tentasse me reconhecer, e não disfarçou que estava na frente de um grande problema. Não é possível que já saibam...

— Ora, ora... Então, o filho de Jorge Castilho. É uma grande honra poder ajudá-lo.

E meu pensamento voou para longe e aterrissou no chão do quarto, no Village, onde a polícia tinha encontrado o telegrama de uma Sandra C., expedido em Brasília, provavelmente na agência de alguma repartição pública. Fariam a conexão Sandra C, Sandra Castilho.

Era questão de tempo, e eu já esperava, a polícia ligar Thomas, o traficante, a Mel, o assassino. Bastava a síndica reconhecer meu retrato falado. Mas se a investigação chegasse a Sandra C., e minha mãe reconhecesse o telegrama, ela se tornaria uma testemunha em potencial.

A adida falou muito, e minha cabeça a mil, descobrindo que o Brasil não era um lugar totalmente seguro. Ela me deixou sozinho. Saí de onde estava e percorri os corredores da embaixada. Não havia mais ninguém. Fui até a porta. Poderia ir para o Chile, Argentina. Usar enquanto houvesse tempo o passaporte do escocês. Uma gravura, na porta, me chamou a atenção. Um cavaleiro solitário erguia sua espada. Talvez, um imperador proclamando a independência de um país. Talvez, empunhando a arma para a guerra, ou



melhor, para a batalha final. Li em seu rosto um sabor de vingança. Não era um herói. Era o mal. Não era um líder. Mas não era um covarde. Era um solitário em guerra. Foi este detalhe que me fez ficar. Brasil, seja como for.

22h55

No aeroporto, não movi um dedo. Depois de horas de espera na embaixada, onde chegaram a falar com o Brasil, no momento em que eu cochilava num sofá, o cansaço me pegou: havia como que uma névoa ao meu redor; não via, não ouvia, nem sentia. A adida resolvia todos os problemas. Repetia sempre:

— Sendo quem você é, as autoridades vão facilitar.

Pagou o bilhete, retirou o cartão de embarque, despachou minha bagagem e me acompanhou até a sala VIP, de onde não saí. Quando chamaram o vôo, me entregou um envelope com o timbre da *EMBAJADA BRASILEÑA*, onde estava atestada a perda dos meus documentos. Na despedida, apertou minha mão longamente:

— Fiquei feliz em conhecê-lo. Eu queria ir com você para testemunhar o que está acontecendo no Brasil. Soube que a vitória do seu pai é comemorada nas ruas até hoje. Meus amigos me ligam eufóricos. Fazem mil elogios a seu pai. Mas eu vou ficar e ajudar no que puder. Se precisar, conte comigo.

Havia um misto de formalidade e emoção na sua voz. Eu não tinha me dado conta mas, a partir daquele momento, eu assumia uma identidade com autoridade e com um sobrenome de peso e respeito.

SEXTA-FEIRA**0h30**

O avião decolou pontualmente. Passei a desenhar, na cabeça, o aeroporto de São Paulo, o caminho de casa, salas, corredores, quartos e a irmã tagarela: Ana Luiza, a caçula, talvez o único ser vivo com quem eu me importasse.

Amigos?

Não se faz amigos no tráfico. Nem é recomendável. São conhecidos que vão presos, que somem, que caem na clandestinidade, que são perseguidos, que apanham e sofrem atentados e morrem. Morre-se muito neste meio: troca de tiros ou overdose.

Quando digo overdose, esqueça.

Doses pequenas matam. O ofício nos obriga a experimentar porcarias que sabe-se lá do que são feitas. Pó de mármore, vidro moído, fraudes que rasgam narinas e bênção.

Ana Luiza. Cabelos crespos, metida, moleca, bem mais nova que eu. No início, uma cúmplice. Mas foi crescendo, tomando consciência. E passou a me evitar; seus colegas deveriam traçar um estatuto exagerado do irmão traficante. No fim, se envergonhava de mim. Era criança quando a vi pela última vez, mas madura o bastante para me confundir com a reencarnação do diabo: eu com minhas drogas! Mesmo assim, na minha cabeça, era a tagarela doce, amiga de sempre. Eu fazia planos de um dia voltar e reconquistá-la.

Talvez, com a volta, eu conseguisse. Ana Luiza... (me fazia bem pensar nela).

Havia um peso no meu bolso que me levou ao banheiro. Picotei o passaporte de Paul Surrender. Examinei meus pertences, procurando algo que pudesse me incriminar. Apenas pounds e dólares. Noutro bolso, uma chave pequena; a chave de Mona que levei por engano. Não a joguei fora. Seria, a partir de então, meu talismã.

Abri a torneira e ensaboei o rosto. Passei água e ensaboei de novo. Repeti. Me olhava no espelho procurando registrar minha fisionomia, estudar meus olhos, meu sorriso, como se buscasse um Flávio Castilho. Era difícil arrancar a máscara que eu, como escultor, moldara.

Escrevi com o sabonete meu nome no espelho. Li, em voz alta, como se declamasse um poema. Busquei em cada letra a intimidade perdida. Eu sou este que vejo, este que leio. Sou estas letras. Em torno delas, desenhei um círculo, tal qual uma moldura, para que elas ficassem expostas por muito tempo. Ganhariam vida. Nós. Cada qual é o mais distante de si mesmo. O ar ruim. O ar bom.

SÃO PAULO
06h50 (hora local)

Cumbica. Na porta do finger, um sujeito atento a todos os passageiros que desembarcavam sorria segurando uma placa. Estava escrito:

FLÁVIO CASTILHO

Olhei aquelas letras. Lembranças me levaram, por instantes, para outro mundo.

— Flávio Castilho? — o sujeito perguntou. Ao seu lado, um tira com o jaleco da Polícia Federal. Eu deveria ignorá-los e seguir os outros passageiros. Mas ele sabia quem eu era. Quebrando meu silêncio, repetiu: — Você é Flávio Castilho?

Segurava um fax com minha foto impressa. Os dois examinavam a foto e a mim. Eu não tinha escapatória. Daquela vez, eu tinha de ser eu, ou melhor, a partir daquele momento, tinha de começar a ser eu:

Sou eu.

Muito prazer. Deixa eu ter a honra de ser o primeiro a cumprimentá-lo — seu sorriso dobrou. Tirou uma caneta Montblanc do bolso e me pediu um autógrafo. Assinei meu nome no fax. — É para a minha mulher — justificou. — Sou assessor do seu pai. Ele nos pediu para recebê-lo. Estão todos muito felizes com sua chegada. Este aqui é o dr. Mattos. Vai nos ajudar com os trâmites...

O policial estava mais preocupado com o andar de uma aeromoça. Examinava seu requebrar. Apertei a mão do policial que, sem desviar os olhos da bunda da mulher, disse:

— Soubemos que está sem passaporte.

— Fui roubado em Lima. A embaixada me deu estes papéis...

Entreguei a ele o envelope e seguimos por um corredor.

— Cavala... — disse o policial apontando para a mulher.

O Montblanc pediu os tickets da minha bagagem, enquanto o policial checava meus papéis e outras bundas. Como um burro cego, fui seguindo o fluxo de passageiros. Mas o policial me pegou pelo braço e apontou outro caminho. Atravessamos uma porta, descemos escadas, atravessamos corredores vazios, exclusivos às autoridades, cortando caminho até desembocarmos atrás dos guichês da Polícia Federal. Os passageiros do meu vôo estavam do outro lado; curiosos ante meu privilégio, comentavam entre si, me apontavam, e cada um fazia sua dedução; quem é aquele?



Meus acompanhantes pediram para esperar. Cada um foi para um lado. Fiquei em pé, examinando as saídas. Como em todos os aeroportos, havia sujeitos fardados nas portas, controlando o entra-e-sai. Notei o tal dr. Mattos entregar minha Papelada em um dos guichês. Nele, um terminal de computador. Digitaram meu nome. A resposta que queriam apareceu em segundos, o que resultou num pequeno debate entre os tiras. Me olhavam com frequência, até o dr. Mattos voltar. Olhou fundo nos meus olhos (num olhar que só um tira sabe dar), e sem exprimir nenhum sentimento pediu autorização para me revistar. Mesmo que eu não autorizasse, seria revistado. O pedido seguia as normas da boa educação dos federais; sempre buscando se diferenciarem dos tiras brutamontes comuns.

— O Brasil mudou. A coisa aqui está séria — justificou. — Todos que já tiveram algum envolvimento com tráfico, digo, com a justiça, devem ser revistados.

O Brasil mudou. Queriam revistar o filho de um ministro pelo prazer de revistar um filho de um ministro. O Montblanc voltou e, sabendo da revista, esboçou um pequeno escândalo, até eu interrompê-lo e me colocar à disposição.

Me levaram para um reservado onde fiquei a espera da minha mala. Os policiais que entravam me examinavam de cima a baixo, e davam uma olhadela nos meus papéis e na ficha que o computador do aeroporto imprimira, onde provavelmente estava o histórico da minha prisão e deportação de Paris. Alguns me cumprimentavam emocionados, como se eu fosse um personagem histórico. Mas a maioria era hostil.

Minha mala chegou junto com outros policiais. A maioria não queria perder o grande momento, assistir à humilhação de alguém tão poderoso, enquanto a minoria protestava. Tirei a roupa sem titubear. Alguns ficaram constrangidos, mas a maioria queria show. Revistaram os bolsos e a mala. Notas de dólares, pounds, moedas e a chave de Mona. Na minha mala, poucas roupas, revistas e um exemplar do *Daily News*. Colocaram meus pertences sobre a mesa. O jornal ficou aberto em destaque. Ninguém notou a manchete do dia, em inglês:

BRASILEIRA ESQUARTEJADA EM MANHATTAN

Abri os braços, pus as mãos na cabeça e, nu, no meio da sala, esperei a ordem de me abaixar. Já havia passado por aquilo; quando cheguei deportado de Paris, tive de me despir e me abaixar para que examinassem meu cu; tive de passar a mão no cabelo e abrir a boca sob o facho de uma lanterna; minhas orelhas foram



examinadas através de uma lupa; procuravam drogas, o que era ridículo em se tratando de alguém recém-saído de uma prisão francesa; procuravam, sim, intimidar, mostrar autoridade.

Enquanto o Montblanc e alguns policiais protestavam, outros me olhavam com deboche; no choque entre poderes, venceu o mais forte. A ordem de abaixar não veio. Vingou o constrangimento: “Não se faz isso com o filho do homem”. Mandaram eu me vestir. O Montblanc foi catando minhas coisas e dando broncas em todos.

Finalmente me vesti e, não me pergunte porque, agradei:

- Obrigado a todos...

Os policiais hostis foram saindo, para voltar para o serviço, derrotados. Os outros, tiraram fotos abraçados a mim.

Os vôos para Brasília estão lotados — o assessor, como todo assessor, mostrando serviço. — Mas sendo quem você é, arrumamos um jeito. Não sei se quer ficar em São Paulo, ou se prefere ir direto?

Preciso ficar pelo menos um dia em São Paulo.

Seus pais estão ansiosos.

Imagino. Mas quero rever um amigo.

Então precisamos te arrumar um hotel.

Prefiro ficar em casa. Ainda existe, ou não?

— Existe. Ninguém se muda em definitivo para Brasília. Seu pai tem o tipo de emprego que não tem estabilidade. Olhe para as pessoas em volta. Observe a felicidade de todos. Estamos num outro Brasil. Estamos em festa. Pela primeira vez, temos em quem confiar...

07h30

O ar da manhã. Névoa e um sol embrulhado, cobrindo São Paulo. Agora sim: Brasil. Incógnita. Há quanto tempo... Numa estrada, num carro velho, dirigido pelo próprio Montblanc:

— Lamento a atitude dos policiais. Alguns queriam te humilhar. Você deve saber que seu nome foi muito lembrado na campanha eleitoral. Não cansavam de repetir que você tinha sido preso na França, que era envolvido com o narcotráfico, tudo para prejudicar seu pai. No último debate, gastaram muito tempo te denunciando. Foi a cartada final. Fotos suas saíram em todos os jornais e TVs. Diziam que você vivia em Nova York, e continuava traficando. Nos últimos dias de campanha, valia tudo. Chegaram a tomar depoimentos dos seus antigos colegas. Alguns confirmaram que você vendia cocaína no colégio. Mas não repercutiu. O povo queria o seu pai de qualquer jeito. Fizemos maioria e seu pai está lá.

Duas vezes notícia de jornal. Numa, um retrato falado aproximado do criminoso do Hotel Empire, provavelmente nas bancas de Nova York naquela manhã. Noutra, uma foto antiga do filho de um candidato a primeiro-ministro. O cerco se fechava. Eu era um pato morto.

Fiquei curioso em ler as declarações dos meus ex-colegas. Não os culpo: eleição é guerra. No mais, não mentiram: trafiquei drogas na escola. Mas eu deveria estar me sentindo traído, já que fiz bem a eles: ofereci pó de primeira qualidade. Não traficava apenas por dinheiro; havia motivos mais nobres. Traficava para tirá-los da rotina, para apresentar-lhes o mundo dos cães, para desinibir os inibidos, para destravar os tímidos. E também porque eu precisava conquistá-los; a aprovação.

É inútil tentar me explicar, já que você está preso em cem preconceitos.

Nem sei se minhas explicações interessam.

Mas se chegou até aqui, esclareço um ponto.

Nunca fui nada especial. Nunca tive coisa alguma a oferecer. Comum e apático, a média era o meu lugar; o vazio costumava ser meu pensamento mais profundo, e na minha cabeça, uma neblina. Li alguma coisa. Assisti a alguns filmes. E daí?

Ser incomum.

Trafiquei para ser incomum.

Não, nunca cheirei: “Don’t get high with your own supply”.

Quando comecei a vender drogas, passei a ser querido, popular,



indispensável nas festas, reuniões e viagens; conheci a glória (do anonimato para o fechado clube das celebridades). Escutar meu nome: “Ei, Flávio, chega mais, preciso falar com você urgente!” Urgente. É bom ser urgente para alguém. Eu os queria à minha volta, servir, sanar essa urgência, salvar o mundo. Eu tinha a doença e a cura. Eu me sentia um enviado de Deus. Para chegarem até mim, deveriam escalar uma torre de pó: meu totem. Talvez eu quisesse minar o talento, por inveja e frustração. Por que riem? Quem amam? Que culpa eu tenho de ser, nascer, Castilho?!

Pátina.

São Paulo...

Me aliar ao incomum.

Você não tem idéia das responsabilidades que um Castilho tem de carregar; juristas de tradição, respeito e honra. O sucesso dos membros da família nem é comemorado, já que é uma obrigação, como se o talento estivesse afixado no código genético de cada um. As árvores têm frutos. Fui a fruta podre que caiu de uma árvore aparentemente perfeita e imortal.

Aí estão os porquês.

Satisfeito?

Até então, pouco me importava a minha mentira. Eu tinha construído um mundo próprio, com seus vícios, e que se movimentava, respirava, independente daquilo que me propuseram toda a vida. Eu tinha me libertado.

Tudo bem, sei que cheguei a pensar, há dois dias, numa mudança, num descarrilar.

Mas agora...

08h10

Entrando nas ruas de São Paulo, os vestígios da campanha eleitoral chamavam a atenção. Out-doors, faixas e cartazes em muitos postes. Fotos do meu pai. O assessor Montblanc suspirou aliviado:

— Foi uma campanha fantástica, acuradíssima. Desculpe a franqueza, mas a imagem de todos saiu desgastada, principalmente a sua. Seu pai é um herói. Desde que denunciou a corrupção e levou muita gente pra cadeia. Por isso, o interesse de alguns grupos em borrar a imagem dele. Mas virou o símbolo da moralidade. É popular e querido.

Jardim Europa. Fui indicando o caminho. Não estava disposto a viver cenas que teriam de ser vividas; o reencontro. Nenhuma emoção, por favor. Esperava que todos estivessem em Brasília. Queria me afastar de sentimentos fortes. Queria sumir por uns dias, me apagar. Talvez ir embora e viver num outro país, sem família. Poderia requisitar um passaporte em nome de Flávio Castilho e me arrancar o mais rápido possível. Poderia ir viver no Caribe, ou em Bali, ilha quente, tropical e previsível. Mesmo uma fruta podre é capaz de germinar. Mas fiquei confuso quando minha casa apareceu como um flash; anos e anos de memória. Ali era o meu lugar. Naquele país, eu tinha costas quentes. Naquele Brasil, eu não era um criminoso anônimo, mas o filho do herói da nação. O primeiro-ministro era o escudo, o álibi que eu precisava. Sua popularidade era minha maior defesa. O Montblanc me perguntou:

Quando você estará pronto para ir pra Brasília?

Não sei. Eu te ligo.

É melhor eu te ligar. Fique com meu cartão para qualquer eventualidade. Não demore muito. Seu pai está ansioso para revê-lo.

Como posso fazer uma segunda via do meu passaporte?

Essa pergunta o pegou de surpresa. Fechou o sorriso:

— Posso ver isso pra você, se me deixar a papelada.

Não confiei nele:

— Depois — e fiquei com os papéis. Voltou a sorrir:

— Você tem os olhos do seu pai. Apreendi muito com ele. Me devolveu a esperança. Me devolveu o otimismo. Confio nele tanto quanto confio no meu verdadeiro pai. Posso te fazer uma pergunta? Por que voltou? Foi pelo mesmo motivo, não foi? Foi para viver o momento histórico em que estamos vivendo?

Foi por seu pai?

Olhei para a casa. Minha volta poderia ser encarada como um acaso, uma fuga. Mas e se eu desse um outro sentido a ela? Olhei para ele e:

— Foi pelo meu pai, sim...

Desci do carro e ele partiu. A rua estava, era, silenciosa. O sol ficava forte. Já havia sombras das árvores dos Jardins. Algumas delas tinham raízes à mostra; perfuravam a calçada. A casa: um sobrado grande, aparentemente modesto, lembrando uma casa de fazenda. Era branca, com as janelas azuis, tal qual um céu nublado com frestas entre as nuvens. Havia grama em toda volta.

Por um tempo fui feliz naquela casa.

Fiquei parado com medo de entrar, com medo de encontrar um passado que fiz de tudo para esquecer, com medo de ser algo que eu não era há muito, com medo da guerra e de tudo mais. Um vigia saiu da guarita e veio até mim:

— Não tem ninguém aí.

— Pensei que talvez, uma empregada ou um caseiro.

Tem uma empregada. Saiu por agora.

Eu sou filho do seu Castilho. Estava viajando.

— Eu sei. Te vi nos jornais — fez uma pausa e sorriu. — Parabéns — e me apertou a mão. — Acho que a empregada vai demorar. Tem a chave? Se não, pode esperar ali na guarita...

— Tenho — e mostrei a chave de Mona.

Pulei o portão e fui para os fundos. Tinha uma maneira de entrar que eu usava quando não queria ser surpreendido, ou quando perdia a chave. Subi pela grade da janela até o telhado. Um alçapão, nunca trancado, me daria acesso ao desvão do telhado, de onde eu poderia pular para o corredor do segundo pavimento. Mas, desta vez, estava trancado. Fiquei por um tempo na dúvida se esperava a empregada ou se arrombava o que fosse preciso. Mas me bateu uma vontade de entrar, de ir à luta. Dei uns pontapés no alçapão. Nada. Comecei a pular em cima. Cedeu um pouco. Parei, respirei fundo, juntei forças e continuei o trabalho. Notei o vigia, na esquina, me observando. Acenei para ele e pulei. Consegui desimpedir a passagem e entrar.

Nenhum perfume. Forte cheiro de mofo. Parecia estar fechada há dias. O primeiro impulso foi abrir todas as janelas para deixar entrar um vento fresco. Mas não. Prefери manter tudo fechado.

O meu antigo quarto tinha se transformado numa sala de TV. Nenhum vestígio da minha infância ou adolescência. Nenhuma roupa, objeto, nenhum sinal da minha existência. Nos armários, toalhas, travesseiros, cobertores, um depósito de cama e mesa. Uma fria e sóbria sala de TV.



Entrei no quarto de Ana Luiza, minha irmã. Nada de bichinhos, bonecas, decalques e cheirinho doce. Era o quarto de uma garota; devia estar, agora, com 18 anos. Pelo que vi, havia se transformado numa leitora aficcionada por clássicos ingleses. Seus livros estavam rabiscados, e as folhas se soltavam. Abri o armário. Não me sentia bem xeretando suas coisas, mas eram minhas mãos que, mesmo inseguras, abriam gavetas e procuravam sua transformação: roupas arrojadas e sensuais. Fiquei surpreso ao ver calcinhas de rendas, meias-calças e sutiãs; na minha cabeça, Ana Luiza era criança. Peguei uma calcinha. Abri com os dedos. Era preta, rendada, minúscula. Ardia. Fiquei confuso. Joguei-a no armário e fechei a porta do quarto. Senti falta de Ana Luiza criança; a nova era chama.

No térreo, a maioria dos móveis estava coberta por panos brancos. Muita poeira se levantou com o abrir das portas. Apesar da escuridão, reconheci alguns objetos: retratos, quadros, sofás, mesas, tudo no mesmo lugar, sempre no mesmo lugar, desta vez cobertos por poeira e panos brancos. Havia uma pilha de cartas e telegramas sobre a mesa. Felicitavam a posse do novo ministro, desejando sucesso etc. Os mais recentes desejavam boa viagem.

Uma garrafa de whisky reluziu. Foi a primeira coisa em que toquei, enchendo um copo guardado na cristaleira. Engoli de uma vez. Repeti a dose.

Segurei a garrafa, encostei na parede, e fui deixando as pernas amolecerem, até eu sentar no chão, atrás de um sofá.

Minhas fotos em todos os jornais. Se o vigia me reconheceu, os policiais do aeroporto sabiam quem eu era. A adida cultural, em Lima. Marcos de Sotto, talvez. Mona, certamente, já que, como assessora da Presidência, tivera contato íntimo com os dramas da campanha; na sala de espera do restaurante francês, me olhou como se me conhecesse; pensei ter duvidado de Marcos quando ele me apresentou .mo sendo Pablo; o brilho nos olhos eram de curiosidadeco

Entornei mais uma dose.

Ela sabia quem eu era, desde o início.

Entornei outra dose.

12h00

Acordei com as doze badaladas do relógio de parede. Fui até ele e segurei o pêndulo, para que a máquina encerrasse o registro do tempo, para que fossem 12h00 para sempre.

Subindo a escada, degrau por degrau, se tornavam nítidos os gemidos de uma criança. Mas no corredor, percebi que os gemidos eram de uma mulher. A cada passo eu ouvia um novo som; rangidos de uma cama de metal; respirações ofegantes; os gemidos de um homem acompanhando, no mesmo ritmo, os da mulher. Sem fazer barulho, parei na porta do quarto dos meus pais, de onde vi, sobre a cama, um casal se amando violentamente. A mulher agarrada nas grades da cama, e o homem sobre ela, com a cara amassada no colchão, movimentando seu quadril como uma britadeira furando o asfalto. Os gemidos se tornaram gritos, se atropelaram, enquanto o ritmo da britadeira aumentou. Os olhos da mulher estavam fechados. Suas mãos, agarradas nas grades. Dos braços, escorria suor. Mãos agarradas espontaneamente. Seus dedos, firmes nas barras; como se ela estivesse se segurando para não cair num abismo.

De repente, ela abriu os olhos e notou minha presença. Deu um grito, soltou as mãos, empurrou o homem e se cobriu com o lençol. O sujeito me olhou assustado e voou em direção à trouxa de roupas no chão, de onde sacou uma arma e me apontou. Gritou para eu pôr as mãos na cabeça. Obedeci. O homem se vestiu, e sobre ele, se montou a farda de um vigia. A arma ainda apontada pra mim. A mulher, escondida sob o lençol. Consegui dizer quem eu era. Duvidaram. Joguei bons argumentos. Ela me olhou por um instante, e voltou a esconder a cabeça. Passou a chorar copiosamente. O sujeito guardou a arma, abotoou a farda e pediu desculpas, passando a me chamar de 'doutor'. Tentou se justificar: achou que eu era um assaltante, por isso apontou a arma. Não chegou a calçar os sapatos: saiu com eles nas mãos. A mulher tirou a cara pra fora, viu que eu ainda estava no mesmo lugar, e voltou a se esconder.

— Pode sair.

Peguei suas roupas do chão, joguei-as em cima da cama e repeti:

Pronto. Pode sair.

Eu sou a empregada.

Eu sei.

Não vi o senhor entrar.

Eu já estava aqui dentro.

Mas ninguém me disse que o senhor vinha. Não tem ninguém aqui. Nunca

tem ninguém. Estão todos em Brasília. Há dias que eu estou sozinha. Pelo amor de Deus, nunca fiz isso, ele que insistiu. Ele me obrigou. É verdade. Me apontou a arma e me obrigou.

Não é verdade.

É verdade!! — e voltou a chorar. — Tua mãe vai me matar... — se contradisse.

Sai daí.

Não! Daqui eu não saio!

Tudo bem. Deixei-a para trás e fui à cozinha, onde dei uma busca na geladeira. Havia poucas coisas, o suficiente para um lanche. Coloquei tudo em cima da mesa e sentei. Alguns minutos depois, ela apareceu, escondeu o rosto e passou por mim como uma bala. Sem dizer nada, acendeu o fogão e pôs água no fogo. Entrou para a área de serviço. Com a água fervendo, ela voltou e, de costas para mim, abriu um armário, tirou uma garrafa térmica, pó e coador, e fez um café. Ainda sem me encarar, depositou a garrafa cheia na minha frente. Pude observar suas mãos, antes, tensas na grade, agora, mãos servis. Ela estava para sair, mas segurei seu braço. Nossos olhos se encontraram. Vi nela um misto de ódio e vergonha. Agradei o café e libertei-a. Ela sumiu pela área de serviço.

No passado, houve uma Noris, uma empregada (uma professora). Primeiro, inocentes mamadas nos seus peitos, quando brincávamos de mamãe e filhinho; só que eu já tinha 14 anos. Com ela aprendi a beijar, lambe, massagear. Aprendi, ainda, a ter paciência com o corpo feminino; nasceram do nada as noites em que ela dizia não, por temperamento, charme, indisposição, fenômenos inexplicáveis, desculpas absurdas que contrastavam com meu tesão explosivo. Eu crescia e o não, cada vez mais freqüente; depois de ter me ensinado quase tudo, ela me abandonava, abandonava seu aluno, aluno sem condições de experimentar o saber, o sabor. Havia um ligeiro sadismo na sua castidade. Era como se dissesse, sem dizer, que eu só valia a pena como um inexperiente garoto.

Noris, então, não saía da minha cabeça. Passei a viver um inferno naquela casa. Eu definhava pelos cantos, à beira de um colapso; um animal acorrentado. Fiz greve de fome, implorei. Nada. Nem as antigas mamadas. Numa noite de verão, arranquei minhas algemas, fui até seu quarto evitando todas as armadilhas, abri a porta e uivei quando a vi nua, iluminada pela lua. Pulei em cima e preendi seus braços. Queria minha última lição, a que daria um ponto final, a que me explicaria, de uma vez por todas, a origem de tudo, a que me



possibilitaria fazer chover, ventar e falar com os deuses. Mas nem comecei. Fomos surpreendidos pelos donos da casa. A verdade cruel desta relação foi revelada: eu perdi algumas mesadas, ela, o emprego.

Ainda procuro a derradeira lição, sem nem pensar na hipótese de que talvez ela não exista.



12h00

Fiquei por um tempo indefinível sem fazer nada. Há muitos anos, me colocaram frente a uma bifurcação e ordenaram: prossiga! Tive de escolher uma das estradas, querendo viajar pelas duas. Peguei a da esquerda, a mais escura. Me via, então, de volta à bifurcação. Pegar a da direita? Pagar a dívida.

A empregada apareceu e abriu as janelas da sala. Sem sair do lugar, pedi para que deixasse tudo fechado. Obedeceu, fechando as janelas. Foi tirar os panos brancos dos móveis. Pedi que deixasse os panos. Me encarou. Joguei um olhar duro, de quem quer ser obedecido e tem poderes para isso. Ela me devolveu um olhar firme. Ficamos por um tempo nos enfrentando. Desisti, encostei a cabeça e fechei os olhos. Deixou os panos e se retirou. Desafiadora.

12h00

Na despensa, percebi que o estoque de comida estava no fim. Bati no quarto da empregada. Ela me atendeu friamente. Havia uma mala cheia de roupas sobre a cama. Estava de partida. Não tomei conhecimento e perguntei:

Tem algum jornal por aqui? Demorou para responder:

Coloquei na mesa da cozinha.

Tirei uma nota de cem dólares e dei a ela.

— Vá até um banco e fale com o gerente, só com o gerente. Troca isso pra mim. É bastante dinheiro. Depois, vá a um supermercado e faça umas compras. Volte de táxi. Entendeu?

Não esperei a resposta. Coloquei a nota na sua mão e dei as costas. Peguei o jornal e fui pra sala. Eu não queria que ela fosse embora. Dei ordens para confundi-la. Talvez desistisse de partir e encarasse a divisão de classe como um desafio.

Havia uma chamada de capa para os crimes ocorridos em Nova York. Uma foto de Mona.

Diziam se tratar de uma colaboradora influente do partido vencedor, mais especificamente, responsável pelos programas de televisão do horário eleitoral. A única novidade, para mim, era que, através de uma denúncia anônima, havia sido efetuada a prisão de um traficante na Washington Square que tinha ligação com o crime, ligação ainda não revelada. Os dois outros brasileiros baleados eram, de fato, policiais em serviço; sabe-se que na época da campanha eram seguranças de palanque.

O telefone tocando interrompeu a leitura. Não atendi. Voltou a tocar, até desistirem.

O traficante de ácido era uma das pontes que faltava entre Mel e Thomas. Reconheceria os brasileiros baleados. Diria que comprei uma arma. Marcos de Sotto pode tê-lo denunciado. Mas por quê, se o crime que planejou foi executado com perfeição, e a culpa cairia sobre um misterioso puto gay e traficante?

Eu acreditava que Marcos preferia que não chegassem em mim que, me dizendo vítima de um complô, poderia acusá-lo do crime e da venda de passaportes falsos. Era melhor para ele que eu não fosse descoberto. Mas quem mais poderia ter denunciado o traficante?



12h00

Mal a empregada entrou com as compras, o telefone voltou a tocar. Ela foi atender, mas impedi:

— Não atenda o telefone. Nem a campainha. Não faça nada, ouviu?

Esperamos em silêncio o telefone parar. Fui ajudá-la com as compras. Me deu o troco. Eu disse que ela podia ficar com o troco, mas, orgulhosa, recusou.

12h00

Investiguei umas roupas do meu pai. Eram folgadas. Vesti uma delas mesmo assim. Olhando os ponteiros imóveis, num lapso, pensei em fazer o relógio funcionar. Mas não. Minha preocupação, no momento, era não fazer e não pensar em nada.

Como a casa estava muito quieta, fui procurá-la. A porta do seu quarto estava encostada. Os móveis eram familiares; testemunhas das minhas primeiras experiências com Noris. Notei sua mala, sobre a cama, já fechada. Ela, na frente do espelho, dava os últimos retoques na maquiagem. Vestia uma roupa justa, com cores berrantes, cafona, e exalava um perfume barato. Estava pronta para partir. Fiz com que notasse minha presença. Ela se virou desinteressada. Ficou claro que eu tinha visto a mala. Ficou claro que eu sabia que ela iria embora. Perguntei se ela costurava e se podia me ajustar aquelas roupas. Intuí que se eu comesse a pedir favores, ela, adiando a partida, talvez desistisse de ir. Se dispôs a costurar.

Escureceu. Não acendi as luzes. Penumbra, poeira e vazio; muitos estímulos me largariam em pensamentos e lembranças, por isso me concentrei só no vazio. Somente eu e a empregada. Às vezes o telefone tocava e havia alguém do outro lado da linha. Mas era apenas a campainha de um telefone tocando, e não havia ninguém além dela e de mim. Preparei um jantar. Coloquei somente um prato na mesa. Ela apareceu com minhas roupas costuradas e sua mala. Estava pronta para ir. Não consegui imaginar nenhum pedido, ordenar nada. Uma pena. Não havia nada que precisasse ser dito. Suas únicas palavras:

— Boa noite.

Me aproximei. Empalideceu como um raio, abriu os olhos e deu dois passos pra trás. Estendi a mão e disse:

— Boa noite.

Ela não sabia o que fazer, até estender a mão. Segurei-a. Olhou incrédula para nossas mãos grudadas, até puxar a sua, sorrir sem graça, e sair.

Boa noite. Cheguei a ver, através da janela, ela em pé, na calçada, com sua mala no chão, esperando alguém. Fiquei com pena pois estava muito frio e escuro. Era uma imagem triste, como toda despedida é.

12h00

Não sei quanto tempo passou. Não muito, mas o suficiente para eu adormecer no sofá e acordar ainda na mesma noite. Tempo. Maldição. Domá-lo. As 12 batidas do meio-dia acabam a dispersão. Ouvimos e constatamos: é meio-dia. E daí? O que está por vir? Não se sabe, mas temos, pelo menos, batidas que virão: uma, duas, três...

Tenho registrado as horas, os minutos, meu único bem. O tempo, que me deveria ser útil, tomara o poder, e eu me tornara seu escravo. Não me perder. Nomes falsos. Crescer 175 mil dólares e nada mais. Mas um passado me cercava: era uma possibilidade.

Como já disse, eu poderia dar um sentido ao retorno.

Fui até a cristaleira e servi uma dose de conhaque. Da janela observei, na calçada, uma figura solitária sentada numa mala, encolhida de frio. A empregada, esquecida: a imagem triste. Tomei a bebida num gole e fui até ela. O frio era de matar. Seu rosto estava pálido, duro, sem vida. Pensei em dizer alguma coisa para consolá-la. Mas o que doía nela começava a doer em mim. Não consegui dizer nada. Ajudei-a a se erguer, peguei sua mala, e voltamos para dentro de casa. Sentei-a na cozinha e dei a ela um conhaque. Aceitou mesmo sem saber o que era, porque, naquele momento, aceitaria qualquer presente. Bebeu tudo num gole. Resolvi me sentar na sua frente e fazer companhia. Bebemos em silêncio, a nós. Depois de um tempo, me abri:

— Estou fora do Brasil há quase oito anos. Não vejo minha família há tanto...

— ter uma casa e uma família. Foi o que ela disse É bom

Voltamos a beber em silêncio.

Na estante, encontrei uma agenda telefônica antiga. Seus nomes e números não significavam nada, mesmo os que estavam escritos com a minha letra. Havia parentes. Mas eu os lia e não via ninguém: Flávia, Juliana, Luciana, Marta, nada...

Rompi com um Flávio, construí um outro cujo único bem eram horas e minutos e um punhado de dólares, não encontrei mundos, amores, não encontrei o que me prometeram. Qual é o segredo? Como recomendar, reconstruir?

Voltei para a mesa e, na frente da empregada, animal indefeso, como eu, desabei; dois animais soltos no mundo. Ela me encarou. Quem é você?



Uma empregada que se relaciona comigo através de obrigações contratuais que estabelecem limites para o seu comportamento e exigem deveres em troca de uns trocados. Quem é você, que também chora ao meu lado o seu abandono? Acabamos nos abraçando. Estávamos bêbados e enganados. Os corpos não obedeciam nenhum comando. Automaticamente, começamos a nos mover no ritmo de uma música imaginária. Seu vestido era de seda, muito liso. Nos agarramos mais. Tonta, encostou a cabeça no meu ombro. Consegui escutar sua respiração. Animais soltos. Nossas pernas grudadas. Nossos ventres, um só.

Quer detalhes?

Está bem.

Paramos de dançar e nos olhamos. A expressão era uma só: se é para fazer, vamos fazer!

De mãos dadas, subimos a escada e fomos para o quarto dos pais, para a mesma cama em que a flagrei. Tirou a roupa sem nenhum constrangimento, como se estivesse num ritual inevitável, condenada àquilo; sobreviver e esquecer, nossa alienação. Deitou, levantou os braços, abriu as mãos e agarrou, com força, as barras de ferro, como se estivesse num lugar sagrado, pronta para o sacrifício. Livre, vulnerável. Tirei a roupa com a mesma calma. Deitei sobre ela. Me encaixei por entre suas pernas...

Trepamos.

Sem que eu tirasse os olhos das suas mãos agarradas às grades, que se contraíam toda vez que eu me empurrava sobre ela, quase que esmagando as barras, mas que não se soltavam, apesar de estarem livres e desamarradas.

*SÁBADO*

12h00

Clareou.

Acordei na mesma cama, sozinho, com um cobertor sobre mim. Procurei uma sombra no teto que me mostrasse o próximo passo, mas não encontrei nenhuma.

Levantei e desci a escada enrolado no cobertor. Na cozinha, a mesa estava posta. Sentei e apoiei a cabeça nas mãos, denunciando uma impiedosa ressaca. Bati os olhos na capa do jornal do dia: um retrato falado do criminoso do Hotel Empire. Era para ser meu retrato. Mas, surpreendentemente, não tinha nada a ver comigo; as testemunhas não conseguiram me descrever, ou não quiseram. Ela apareceu. Vestia o avental, uniforme, o que era um alívio, já que voltara a ser o que era. Não olhei para seu rosto, me privando desse desconforto. Não quis saber se estava sorrindo, feliz, ou o quê. Colocou a garrafa térmica sobre a mesa. Nem para sua mão olhei. Me servi de uma xícara de café. Ela ficou atrás de mim. De repente, colocou as mãos na minha cabeça e começou a afagá-la.

Puxou minha cabeça para encaixá-la no seu peito. Me senti desconfortável. Seus carinhos ficaram intensos. O telefone começou a tocar. Me levantei e fui até a sala, sem olhar para trás. No caminho, dei uma batida no pêndulo do relógio, fazendo-o voltar a funcionar. Pensei se já não era hora de atender o telefone. Foi o que fiz.

BRASÍLIA
(qualquer hora)

Desci do avião sem pressa. Desta vez, ninguém me esperava. O Montblanc tinha me recomendado pegar um táxi, dando até o dinheiro para isso. Segundo ele: “Seu pai aboliu as mordomias. Temos todos que dar o bom exemplo”, justificou. Antes, fui à livraria do aeroporto, onde comprei um exemplar do *Daily News*. Mas adiei a leitura. Tinha de me preparar para o reencontro. Havia, em mim, uma disposição incomum. Pai, mãe e filho.

matar o primeiro,
foder a segunda,
diz a música.

Um táxi me deixou no ministério. Não precisei anunciar meu parentesco com o ministro: me reconheceram. Atravessando secretárias e mais secretárias, subindo andares, me perdendo pelos corredores de um templo da burocracia estatal, cheguei na sala de um tal chefe de gabinete que me recebeu desprevenido. Se desculpou por não ter sido avisado da minha chegada. Avisou que o pai estava muito cansado e abalado com a morte de uma amiga; não atendia ninguém; cancelou todos os compromissos agendados; mas certamente abriria uma exceção e me receberia. Me deixou numa sala e sumiu.

Eu era alvo da curiosidade de secretárias e boys que me apontavam e cochichavam entre si. Acenei para eles. Imaginei ser colega de trabalho daquelas pessoas, fazer parte daquele universo. É para rir.

Demorou para o chefe de gabinete voltar. Pediu desculpas e anunciou que apesar de meu pai estar muito ocupado, iria me receber em minutos. Me deixou, novamente, esperando.

Passou quase uma hora, e nada.

O chefe de gabinete voltou. Sem graça, disse que meu pai teve de sair às pressas para receber um prêmio na Federação das Indústrias, e perguntou se eu não queria escrever um bilhete. Entramos no gabinete do ministro. Era uma sala com vários ambientes num mesmo espaço sem divisórias; uma mesa de reuniões oval, sofás e poltronas, estante com livros, papéis, uma televisão e uma mesa de trabalho com muitos telefones. O chefe de gabinete lamentou:

— Seu pai chegou hoje de Tóquio. Está exausto e triste com a morte de uma amiga que o ajudou na campanha.

Apontou para o jornal aberto sobre a mesa, no qual estava estampada a manchete da brasileira esquetejada em Manhattan. Mona ao telefone: “Telefone de Tóquio...” Meu pai e Mona.

Na saída do prédio, boys e secretárias me aplaudiram. Pode?...

Um táxi me levou até a península dos Ministros, lago Sul. A casa era térrea, estilo mediterrâneo (um U visto de cima; uma piscina, no centro, cercada por um jardim). Reconheci alguns móveis e quadros do passado. Uma empregada uniformizada, muito atenciosa, me levou até a sala. Mais uma vez, esperando; comecei a me sentir uma visita fora de hora, um intruso, invadindo a privacidade da família que, tinha de me acostumar com a idéia, era minha.

Passos firmes e apressados na minha direção. Surge, no outro lado da sala, Sandra C, a mãe (o bem). Assim que me viu, juntou as mãos agradecendo a Deus:

— Flávio...

E veio para um abraço. Pegou meu rosto para examiná-lo melhor:

— Flávio...

Na minha memória, ela costumava aparecer como um tipo sério, segura de si, equilibrada, muito educada e formal. Na minha memória, Sandra C. era uma mulher que calculava seus gestos, que ria quando esperavam dela um riso, que se comportava como se estivesse num palco, representando a personagem que fala aquilo que se quer ouvir, sem grandes contradições, sem surpreender ninguém, uma unanimidade. Lembrava a mulher que se tem vontade de embriagar, tirar para dançar, fazer cócegas, quebrar uma garrafa na cabeça, qualquer coisa que fugisse do normal, e que ela não tivesse, no arquivo, a atitude pronta a tomar. Seguindo a lógica, Sandra C. não iria chorar neste reencontro. Se emocionar, sim, mas sem tomar atitudes que demonstrassem um descontrole emocional. No entanto, para me contradizer, começou a chorar. Sandra C. tinha mudado. Confessou que tinha rezado muito para eu voltar. Segundo disse, era o dia mais feliz de sua vida. Sabendo que uma pessoa cresce, evolui ou cai, acreditei nela. Se referiu ao telegrama.

— Que telegrama? — perguntei.

— Enviei um telegrama para Nova York. Tem certeza que não recebeu?

— Você sabia onde eu estava?

— Seu pai, há alguns dias, apareceu com a notícia de que sabia onde você morava. Me deu o endereço. Não tem importância agora. O que importa é que você está aqui. Que época feliz, esta. O que fez você voltar?

— Aqui é o meu lugar, não é?

Ficamos nos olhando. Nosso silêncio, barulhos da casa: ligam uma torneira ao longe; lavam uma louça; um carro passa na rua; o som intermitente de um relógio que marca... não olhei. O telefone começou a tocar. Ambos olhamos para o aparelho. Tocou uma, duas, três, e ninguém da casa o atendia. Olhou para mim, para o aparelho, juntou as mãos...

— Bem.

E foi atendê-lo. Na dúvida entre sentar e ficar em pé, escolhi a segunda. Por educação, caminhei para a extremidade da sala, dando uma distância que proporcionaria privacidade à conversa telefônica.

A porta da casa foi aberta. Passos. Me deu um frio na espinha. Ana Luiza, a temporã, jogou a bolsa e os livros no sofá. Ao me ver, tomou um susto. Seus cabelos eram longos, avermelhados: uma chama. Me lembrei da calcinha justa. Me lembrei da pequena tagarela de dez anos. Ficamos parados a uma certa distância. Eu não a conhecia. E ela parecia não saber quem eu era. Sabia sim. Mas a surpresa foi tamanha que preferiu fingir que não sabia.

Sou eu — fui direto ao assunto.

Flávio...

Me cumprimentou com um aperto de mãos, como se eu fosse um estranho.

— Como tem passado? — perguntou. Continuamos de mãos apertadas sem que eu respondesse. Parecia forte, segura de si; herança da mãe. Tirou os cabelos do rosto para me examinar melhor e, talvez, para exhibir seus olhos. O queixo, erguido. Olhava com firmeza. Sua roupa era arrojada, insinuante, fora dos padrões normais. No entanto, anéis delicados e um colar de pérolas a tornavam bem feminina. Sua postura era elegante, tal qual uma modelo de moda. Olhou para a mãe, no telefone, como se implorasse para que ela desligasse e a salvasse deste problema: o que dizer ao irmão que parece um estranho.

Com quantos anos você está? — perguntei, quebrando o gelo.

Chuta.

Dezoito.

Acertou...

Sorriu e voltou a olhar para a mãe que, insensível, continuava a falar no telefone.

Você está diferente — eu disse.

Você também. Envelhecemos...

Fecharam a torneira da cozinha. Na rua, nenhum carro passou. Mas a mãe desligou o telefone. Ambos olhamos para ela, que caminhava até nós. Esperamos que fosse a primeira a se pronunciar. Ela saberia fazê-lo:

Está com fome? — perguntou.

Não, obrigado.

Convidados por ela, sentamos. Tive de responder a um inquérito: onde estava, que países conheci e no que trabalhei. A mãe repetia:

— É ele mesmo...

A filha a interrompeu com o propósito de dinamizar a conversa:

— Eu conheço Nova York. É especial, elétrica. É o centro do mundo — disse como se fosse uma agente de turismo. — Mas prefiro o bom e velho continente. Nem se compara. A Europa é mais...

Sua irmã estudou dois anos num colégio em Londres.

Oxford, mamãe, Oxford... — corrigiu e fez o ar da mais infeliz das criaturas por ter uma família tão ignorante.

— Vai ficar conosco? — a mãe perguntou. Ana Luiza olhou para ela como se a censurasse por tocar no assunto. Minha presença talvez a incomodasse. Foi durante anos a rainha do lar. Ganhou um concorrente. Estava com medo de que eu significasse a neve do aparente calor familiar. Esperavam minha resposta. Não queriam que eu ficasse. Mas e o telegrama de uma Sandra C? Num oceano, a falta de ventos e o céu claro podem ser traduzidos como calma. No entanto, correntes nas profundezas arrastam e tumultuam. É na escuridão que as feras atacam. Aparentemente, a família Castilho estava bem. Talvez eu fosse a corrente que arrasta e tumultua. Eu sou o mal:

— Não sei, ainda não decidi...

Me levaram para o quarto de hóspedes. Relataram os detalhes de cama e banho e me deixaram a sós, imaginando que eu quisesse descansar. Coloquei minhas coisas no armário. Reservei uma gaveta para o exemplar ainda intacto e que fervia do *Daily*. Adiei sua leitura. Estava encarregado de uma missão mais dura e deveria me concentrar nela: conquistá-los. A grande batalha estava reservada para o encontro com o pai. Certamente se sentia traído pelo filho que quase interrompeu sua promissora carreira política. Anos para construir um trono. Por pouco não serraram os quatro pés com meu passado. Conquistá-lo era o meu desafio, e teria de me dedicar de corpo e alma a essa missão. Disposição não faltava. Porém minhas armas eram obsoletas, já que eu estava sem prática do convívio familiar.

Tomei um banho etc. Não esperei me chamarem. Fui à luta, que certamente teria vários rounds: antes, durante e depois do jantar.

ANTES,

Minha mãe me contava o que havia sido feito do meu passado, amigos, parentes etc. Uma comitiva estacionou na frente de casa. Abriram a porta com solenidade. Faltaram as trombetas para anunciá-lo. Entrou apressado, seguido por alguns assessores. Parou assim que me viu e sorriu. A mãe foi até o séquito e fez menção para que saíssem. Obedeceram, exceto o chefe de gabinete que ficou ao lado do grande chefe como um fiel escudeiro.

— Vem aqui, meu filho...

Estava mais emocionado do que eu tinha previsto. Estendeu a mão. Fiz o mesmo. Apertamos as mãos. Seu rosto estava mais fino. Vestia um terno velho, amassado e desbotado (não lembrava a roupa de um primeiro-ministro).

— Puxa... Me dá um abraço — falou. Nos abraçamos.

— Que bom... Por onde tem andado todo esse tempo? — perguntou como se eu fosse um parente distante.

Nova York.

Nova York...

Virou herói, a ponto de se tornar primeiro-ministro. Foi longe. Ganhou. Eu, tenho de admitir, perdi, e estou de volta. Ficamos de mãos dadas:

— Estou muito feliz. Quando chegou?

Ele sabia quando eu chegara, mas, para preencher o vazio, fez a pergunta.

— Cheguei hoje em Brasília, pai.

A palavra 'pai' saiu com dificuldade. A palavra 'bem'.

— Espero que fique conosco — ele disse.

A mãe se virou para o chefe de gabinete ordenando que cancelasse todos os compromissos e audiências marcadas, pois tínhamos um jantar em família. O ministro e o chefe de gabinete trocaram olhares. Após refletir, ele fez um sinal para que o subordinado obedecesse à mulher. Foi, levando embora a comitiva.

Finalmente a família reunida. O pai, ainda emocionado, não sabia se me abraçava, se me beijava, se beijava a mulher. Buscou no arquivo a atitude a tomar frente ao filho-problema, e disse:

— Você nos fez falta.

E perguntou, com uma ponta de mágoa, aquilo que, eu sabia, iria explodir em minutos:

— De quem é a culpa? Mesa posta, todos a ela.

DURANTE

A mãe quebrou o gelo;

Estranho não ter recebido meu telegrama.

Pedi ajuda à embaixada em Washington — disse o pai —, quando soubemos que você estava nos Estados Unidos.

Silêncio. Provavelmente, se lembraram das notícias publicadas nos jornais, que denunciavam o filho do provável ministro, filho traficante de pó. Se pediram ajuda à embaixada, Marcos de Sotto, do consulado em Nova York, foi quem me localizou. Marcos sabia então que Thomas era Flávio Castilho. Vamos. Desabafem. Vocês querem saber se é verdade ou não o que denunciaram na campanha eleitoral. O pai tomou a iniciativa comentando pela segunda vez:

Espero que você fique conosco.

Tenho alguns negócios pendentes nos Estados Unidos.

Que tipo de negócios?

Pronto, estava feita a pergunta. A mãe, buscando o adiamento do confronto, curtindo os últimos minutos de paz, foi generosa comigo ao interrompê-lo:

O que ficou fazendo em São Paulo?

Não saí de casa.

Nós telefonamos. Ninguém atendeu. Fiquei preocupada. Estava muito bagunçada? Tinha comida, pelo menos?

Comprei alguns mantimentos.

A empregada estava lá?

Me ajudou a cozinhar.

Te tratou bem? Não sei, é muito novinha.

Me tratou muito bem.

O pai não tocava na comida. De cabeça baixa, riscava o prato com a faca; esmagava grãos. Tinha uma idéia fixa, e não iria dar um passo adiante sem confirmar suas suspeitas. Repetiu a pergunta, e eu não tinha decidido se abria o jogo ou não:

O que você fazia em Nova York?

Muitas coisas...

Você sabe o que aconteceu na campanha? — perguntou. As mulheres pararam de comer. As buchas comprimiram a carga do primeiro canhão. — Descobriram a bobagem que você fez na França e tentaram alimentar um escândalo, nos últimos dias da campanha, associando você ao narcotráfico.

A mãe, novamente em minha defesa:



— Seu filho não tem culpa se existem políticos que se metem nos problemas íntimos de uma família. Todos têm algo no passado de que se envergonhar. Ninguém é santo. Você é? — perguntou ao marido.

O pai olhou por instantes para a mulher e voltou a me encarar:

— Me desculpe. Não é o momento, eu sei, mas... Você tem o direito da defesa. Seu passado pode ser perdoado. O brasileiro, como bom católico, tem o dom do perdão. Foi uma surpresa quando vimos seus colegas acusando você de traficar cocaína na escola. Foi um pesadelo sua prisão em Paris. Mas você era jovem. Pode-se perdoar um jovem entusiasmado com o dinheiro fácil e com a ilusão das drogas. Hoje, é um homem maduro. Quero saber das acusações que fizeram à respeito das suas atividades em Nova York.

Eles não tinham provas — a mãe.

No que você trabalhava? O que aprendeu nesses anos todos? Você estudou? Por favor, fale a verdade, eu preciso ouvir de sua boca.

Comecei como pintor de paredes. Fui até garçom.

Por que não estudou? — insistiu.

Eu não tinha dinheiro para pagar uma universidade americana.

Poderia ter nos procurado. Eu poderia ter te financiado. Ora, pagamos os estudos da sua irmã em Londres,...

Oxford — corrigi.

... por que não pagaríamos os seus?

Fim do apetite. Os talheres foram depositados na mesa. Ana Luiza, com um olhar entediado, se levantou e pediu licença.

Senta, minha filha — o pai pediu. — Vamos esclarecer nossas dúvidas. Acabei de chegar de viagem e terça-feira embarco para os Estados Unidos. Não vou ter tempo para voltar a discutir. Vamos ter uma conversa franca, sem preconceitos, sem rancores.

Isto aqui é um jantar de boas-vindas — a mãe interrompeu. — Está sendo um momento difícil para todos. O que importa é que Flávio voltou e vamos fazê-lo se sentir em casa, com sua família

— engasgou, como se fosse chorar. Levantou e saiu; acompanhamos com o olhar o seu caminho. O pai perguntou:

— Por que tinha de ficar tanto tempo sem dar notícia? Você nos fez sofrer. Sua mãe ficou arrasada durante anos, desde a sua estúpida prisão. Só soubemos que você tinha saído da cadeia quando voltaram as cartas. E nunca mais deu notícias.

Parou para ver Ana Luiza, mais entediada que antes, se levantar e sair, desta vez, sem impedi-la. Fracasso. Ninguém tinha tocado na comida.



— Me desculpe. Estou cansado... — ele disse.

Eu e meu pai, a sós. Era a oportunidade de jogar duro comigo. Mas não. Demonstrando o bom político em que tinha se transformado, adiou o conflito. Abaixou a cabeça, pegou os talheres e começou a comer. Não falou comigo, não me olhou. Comia como se estivesse sozinho na mesa. Pegou a garrafa de vinho, serviu uma dose, e me perguntou:

Você quer?

Não, obrigado.

Bebeu um gole e voltou a comer. Estava com fome. Acabei me levantando.

Fui dar uma volta no jardim. A noite estava um contraste: não se via colunas de fumaça, não se ouvia os gritos dos feridos, o céu, estrelado. Grilos, cigarras e um sapo, em cuja barriga enfiei um chute, jogando-o dentro da piscina.

DEPOIS

Com a família reunida na sala, o pai, novamente, foi o primeiro a falar:

— Além de pintar paredes e ser garçom, o que mais você fez?

Fui enumerando as muitas profissões que brasileiros clandestinos costumam exercer em Nova York: engraxate, motorista de limusine, vendedor de hot dogs, hambúrgueres etc.

— Pelo menos aprendeu inglês? — Ana Luiza, irônica, perdendo a cada minuto sua boa educação.

— Não tenho certeza disso — respondi. Me olharam com total desprezo.

— Você traficou em Nova York? — o pai perguntou.

Ouvi o coaxar de um sapo. Temi que estivesse conclamando outros para invadirem a casa por vingança. Preferi mentir:

— Claro que não.

Houve um alívio. Ana Luiza, no entanto, pareceu decepcionada, como se eu tivesse desmascarado seu inimigo, seu pesadelo; o irmão que a fez passar tanta vergonha não era traficante.

— Aqueles porcos! — a mãe socou a mesa. — Eu sabia que era mentira.

O pai insistiu, não se dando por vencido:

— Vai me dizer que nunca se envolveu com drogas?

Poderia clamar inocência, alegando ser vítima de um complô, mas preferi assumir ao menos uma culpa, para compor um personagem rico e envolvente: o filho-problema.

— Me envolvi, sim, e foi um erro, cuja pena já paguei naquela prisão de Paris. Mas em Nova York... fiquei longe das drogas.

Belo discurso. Neste ritmo, era questão de dias conquistá-los. Decidi inverter os papéis. Movido por uma grande curiosidade, perguntei a meu pai:

— No que consiste o seu trabalho?

Me olharam surpresos; era como se um réu, no meio do julgamento, passasse a inquirir o juiz.

Por que seu interesse no que eu faço? — devolveu.

Talvez você precise de alguém de confiança ao seu lado. Talvez eu queira ajudá-lo.

Não sabia se eu falava a sério ou não.

Claro, por que não? — a mãe.

Não é o tipo de trabalho com o que você está acostumado — a irmã

debochou.

Posso pintar a parede do ministério, ou servir cafezinhos...

Não entenderam minha ironia. Na verdade, mal me conheciam. Fui um criminoso cuja distância piorou a reputação e que estava, agora, falando em colaborar com o pai. Insisti:

Quais são seus projetos? Estou fora há tanto tempo que nem conheço as prioridades do país.

Temos muitos projetos. Vamos unir as pessoas, dar esperança, devolver a alegria, dar credibilidade, oferecer chances e punir quem não cumpre as leis... — me olhou no fundo dos olhos como se me enviasse um recado. Depois, sorriu e disse: — Claro que você pode nos ajudar. Deve nos ajudar — se levantou e passou a mão na minha cabeça: — Nós temos muito o que conversar... Fiquem à vontade. Preciso dar uns telefonemas — e saiu.

As mulheres retomaram o formalismo da ocasião, sem perguntarem o que queriam perguntar, mas falando apenas para preencher o vazio. Eram nobres, e um plebeu atravessava o caminho. Examinavam meus gestos procurando saber em que animal eu me transformara depois de ter ficado dois anos na prisão.

Passaram a falar de assuntos do dia-a-dia, dos quais eu estava totalmente por fora. A mãe tinha sua didática. Quando se referia a pessoa que eu não conhecia, ela fazia um sumário do seu currículo para que eu participasse da conversa e para que eu fosse conhecendo, aos poucos, seus novos amigos. Foram tantas pessoas que me confundi. Acabei me levantando, pedi desculpas pelo cansaço e me retirei.

Fechei a porta e, como não estava cansado, nem disposto a enfrentar a segunda batalha, ler o *Daily*, apaguei as luzes e deitei na cama para examinar as sombras no teto, e decifrar, na sua superfície, um futuro: sentado numa mesa indicando Chefe de Gabinete.

Por que não?

Se uma coisa aprendi no estigmatizado mundo do tráfico, foi como marcar e desmarcar compromissos, e como organizar uma agenda produtiva. Enfrentaria preconceitos mil; ex-presidiário envolvido com drogas (a palavra mágica). Mas era uma oportunidade de me salvar de qualquer acusação, de ser intocável e de conquistar imunidades. No mais, era a oportunidade de acompanhar as pegadas do inimigo, aprender sua rotina, descobrir onde se esconde.

Para quê?

Ora, para quê....

De repente eu abro os olhos e vejo, na porta, a silhueta grande do meu pai. Fingi que estava dormindo. Ele me olhava. Devido a escuridão, era difícil eu identificar sua expressão. Depois de um tempo, entrou no quarto, se aproximou, me colocou a coberta, me deu um beijo na testa, e saiu fechando a porta com o maior cuidado.

Perdi o sono e acendi a luz. Fui ler o *Daily*, mas bateram na porta. Sandra C. veio cumprir seu papel de mãe. Parecia atrapalhada. Tudo bem, eu também não tinha intimidade com as falas de um filho.

Vim ver se está tudo bem.

Está.

Estou feliz que tenha voltado.

Já havia dito isso. Ela estava com uns 50 anos. A plástica que provavelmente fizera deu uma forma estranha ao rosto. Mas tinha seu charme.

Eu e seu pai estamos muito felizes. Ele atualmente vive no stress da carreira pública. É um homem visado. Uma minoria quer destruí-lo a todo custo. Está cansado. Passa mais tempo fora de casa do que conosco...

E você?

Me olhou como se eu tivesse me referido a uma personagem desconhecida. Insisti:

Você está bem?

Para ser sincera, nem sei responder. Sua mãe se transformou numa mulher de político. Jantares, reuniões... O pior é arranjar assunto com mulheres de outros políticos, de juízes, de promotores, de milicos...

Parou de falar. Talvez não quisesse entrar em detalhes. Mas eu queria detalhes, precisava dos detalhes. Insisti:

— Vocês estão bem?

Não me respondeu. Mudou de assunto, sugerindo que eu acompanhasse Ana Luiza a uma festa badalada, naquela noite; caso eu não estivesse cansado. Segundo disse, era uma “ótima oportunidade para reingressar na sociedade” e me “mostrar recuperado”, encerrando o “falatório” a meu respeito. Era, também, “uma chance de agradar meu pai”, já que muitas pessoas do governo estariam presentes.

— Basta mostrar esta carinha saudável para todos verem que você não é nenhum...

— ... bandido — concluí por ela. Pedi desculpas e evitou meus olhos:

— Vou precisar de tempo para encontrar as palavras certas. Sabe, sua prisão mexeu comigo. Você mexe comigo — procurou meus olhos. Respirou fundo,



olhou para as mãos, para as unhas e desabafou: — Tive contato com um mundo que eu não conhecia. No início, lia biografias de ex-presidiários. Buscava referências. Tentava adivinhar o que você fazia, como era sua rotina. Me preocupava com sua saúde e sua cabeça — olhou para a porta para se certificar de que estava fechada. — Tenho um primo que é promotor. Através dele, pedindo sigilo, visitei várias vezes a Penitenciária do Estado, em São Paulo. Ninguém sabe disso. Cheguei a me oferecer para o trabalho de voluntária. Não fui aceita. Aprendi uma lição. Aprendi a apreciar a liberdade.

Que liberdade?

A de transgredir, por exemplo — abaixou o tom de voz e sentou na cama. — Passei a visitar, aos domingos, alguns presos que não tinham famílias. Levava cigarros, açúcar, café, comida, bolos, essas coisas. Via, em cada um, o seu rosto. Ajudava-os porque não podia ajudar você. E torcia para que uma mãe, na França, fizesse o mesmo pelo meu filho. Fiquei íntima de alguns presos. Ouvia suas confissões, seus desabafos, como se estivesse ouvindo você. Talvez, eu procurasse conhecer o filho que eu não conhecia. Depois que descobrimos o que você havia feito, tive raiva de mim, raiva de não conhecer meu próprio filho. Você tem um cigarro?

Não.

— Eu não fumo. Mas agora me deu vontade. Deixa pra lá — mexeu no cabelo e mudou de posição para ficar mais confortável. — Uma vez, um dos presos me pediu para eu levar maconha na próxima visita. Eu não era revistada e ele sabia disso. Inventou a desculpa que sofria de asma e que não tinha dinheiro para comprar lá dentro. Mentira. Eu mesma levava os cigarros; e cigarro, lá dentro, é dinheiro. Eu disse não. Fiquei decepcionada com ele. Me senti usada. Onde já se viu? Eu? Como? Aquilo não saiu da minha cabeça. Surpreendentemente, me vi, durante a semana, andando de carro pela cidade imaginando onde comprar a tal maconha. Eu não fazia nada na época. Andava de carro pela cidade pensando nos presos, me preparando para o próximo domingo. Moralmente eu não iria comprar maconha. Mas queria comprar, para ajudá-lo, para transgredir as leis, não sei... No outro domingo, eu entrei no presídio me sentindo parte da bandidagem, só porque andei de carro imaginando procurar maconha. Me senti bem por repartir um segredo com um preso. Me senti parte de uma quadrilha. Eu tremia, olhava para trás com raiva dos guardas. Entrei no pátio e fui até ele. Percebeu imediatamente que eu estava disposta a ajudá-lo. Fomos para um canto. Outros deram cobertura. Me orientou. Me deu o endereço de onde eu poderia comprar. Até me ensinou a ‘mocoçar’ — disse, usando a gíria certa. — Cheguei a ir no tal endereço. Eu estava ridícula, com uns óculos escuros,

olhando pelo retrovisor para ver se não estavam me seguindo, e com uma faca de cozinha na bolsa. Era um açougue. Fiquei dentro do carro, com o motor ligado, olhando a movimentação. Eu estava querendo sentir o que você sentia. Imaginava o que você faria. Imaginava você vendo aquilo, tendo orgulho de mim. Mas... Não era o meu mundo. Errando é que se entende e se perdoa os erros dos outros. Já me bastava ter ido àquele endereço. Não tinha mais o que provar. Liguei o carro e fui embora. Nunca mais voltei para o presídio...

Levantou e foi até a janela. Olhou para a vista e continuou:

— Amadureci muito com sua prisão. Fui criada num meio em que acha que essas coisas não existem. Eu vivia numa redoma de vidro, protegida, no entanto frágil, como o vidro é. Você estilhaçou a redoma. Desculpe, sei que sofreu. Todos nós sofremos. Mas eu cresci, mudei, e você é o responsável por isso...

Fiquei comovido: é uma mulher que extrai de experiências negativas grandes pinturas; é uma glória encontrar pessoas assim.

Na sala, eu e minha mãe esperávamos Ana Luiza. Estávamos quietos, quites, sentados bem juntos, curtindo a troca de segredos, a cumplicidade e a admiração mútua.

Ana Luiza apareceu, se despediu e passou reto. Minha mãe se levantou e avisou que eu iria acompanhá-la na festa. Ela nos olhou como se tivéssemos declarado guerra a Vênus. A menina virou as costas, dizendo, educadamente:

Não precisa.

Não, eu insisto — a mãe ficou na sua frente. Ana Luiza parou, refletiu, virou-se para mim e:

— Vai você. Eu não estou bem disposta. Te dou o endereço. Vai ser bom conhecer novas pessoas — ela disse; guia turística.

Minha mãe chamou-a para o canto. Discutiram. Alguma chantagem foi feita, já que a irmã acabou cedendo.

Fomos pro carro. Eu estava com a roupa comprada na loja vagabunda em frente ao La Guardia, e com um fino paletó do meu pai por cima, o que a levou a perguntar, depois de me examinar de cima a baixo:

Você vai assim?

.É a última moda em Nova York

Há muito não dirigia e, ao manobrar, estava me perdendo entre embreagem, acelerador e câmbio.

— Tem certeza de que quer ir?

— Já dou um jeito nesse troço. Finalmente partimos pelas ruas escuras do



Iago Sul, com Ana Luiza dando as indicações:

— Muda a marcha.

Eu obedecia. O carro engasgando e minha co-pilota lembrando:

— Muda a marcha. E eu mudava.

A festa não era longe. Mas demoramos uma meia-hora. Uma mansão com vista para o Plano Piloto. Muitos carros estacionados. Paramos numa vaga distante e, na entrada, ela empacou.

— O que foi?

— Me empresta a chave. Vai entrando que eu esqueci a bolsa no carro.

Voltou para o carro. Era óbvio: não queria entrar comigo, correndo o risco de me reconhecerem, reconhecendo nela a irmã que contracenou com o escândalo. Não entrei. Ela veio. Sem dizer uma palavra, me afastei, encostando num carro. Ela aproveitou o momento para entrar sozinha. Olhei a cidade. Não seria difícil voltar para casa a pé.

A vista era linda. Se eu abrisse os braços, a cidade caberia num abraço. Dava vontade de dobrá-la em muitas partes para colocá-la no bolso e guardá-la para sempre. Fiquei curioso para conhecer a cidade, mais que isso, morar nela, tê-la à mão e invertê-la.

Esperei alguns minutos e entrei na festa.

Alguns fotógrafos no hall miravam suas câmeras para todos que entravam. Comigo não foi diferente. Antes que disparassem, aproveitando o momento de indecisão pois, assim de cara, não sabiam quem eu era, num pulo, atravessei o salão e ganhei o anonimato, me misturando às pessoas na beira da piscina. Eu não deveria ser fotografado enquanto retratos falados rodavam o mundo.

Fiquei no canto mais escuro, atento à movimentação dos fotógrafos.

Havia de tudo na festa: árabes com turbantes, japoneses à caráter, negros falando em francês, gringos, pessoal das embaixadas e brasileiros das tribos mais variadas. Não era exatamente a festa bem comportada que eu esperava: a maioria, excêntrica. Pude relaxar, já que ninguém me reconheceu, ou se reconheceu não estava interessado em águas passadas; tudo era festa.

Passei a observar as pessoas que dançavam numa sala sem móveis, escura e esfumaçada. O volume da música era alto, suficiente para as paredes vibrarem. Era o ambiente para dançar ou olhar os que dançavam. Olhei. No meio da pista, Ana Luiza. Com os braços para o alto, dançava sozinha. Não dançava, adorava a si mesma, como se todos, ao redor, existissem apenas para vê-la dançar. ‘A poesia.’ Ela passava a mão no corpo, virava, jogava os cabelos, como se a música tivesse sido composta para ela, como se o mundo lhe pertencesse e

nada, ninguém, se comparasse a ela; sua existência era nossa bênção; éramos privilegiados por podermos assisti-la. E, de fato, as pessoas paravam para observar aquela garota, com os braços para o alto, de uma beleza incomum, se entregar de corpo e alma à música. A pequena tagarela era, então, cultuada, um objeto de desejo, retrato da perfeição. De repente, parou de dançar e veio até mim:

— Não quero que fique me olhando.

Continuei onde estava.

Pára de me olhar! Você me incomoda.

Eu sou seu irmão.

— Você não é mais meu irmão. Eu te perdi, há anos.

Então vou ter que conquistá-la, pensei. Virei as costas e me afastei, deixando o mundo só para ela. De longe, percebi que voltara a dançar. Olhou para mim e abriu bem os braços desvendando seu corpo para que eu o cultuasse. Passou a se exhibir para mim, me seduzir, me desafiar. Algumas pessoas notaram que era eu o alvo de sua dança. Veio dançando em minha direção. Chegou perto e ficou me provocando, com os braços ao meu redor, sem me encostar, com o quadril se mexendo, tal qual num coito.

De trás dela, saiu um sujeito com uma câmera apontada e estourou um flash no meu rosto. Segurei o cara e pedi o filme. Ele me xingou e me apontou novamente a máquina. Não deu outra. Arranquei a câmera e saí. Ele deu um grito e veio atrás. Abriu um clarão e ele começou a gritar para que me segurassem. Tive de empurrar algumas pessoas e correr. Fotógrafos vieram atrás. Flashes pipocaram nas minhas costas. Corri para fora da casa, empurrando quem estivesse na frente.

Entrei por um terreno baldio e despistei-os. Fiquei um bom tempo escondido. Finalmente, joguei a câmera longe e peguei o rumo de casa. Ao descer o morro, fui caminhando pela calçada de uma larga avenida quando um carro passou por mim, parou e deu ré. Ana Luiza desceu e se postou na minha frente:

Você ficou louco?! Cadê a câmera?

Joguei fora.

Por quê?!

Um dia eu te explico.

Meu Deus! O que eu faço com você?! Olhou para o céu, olhou ao redor, olhou para mim, tirou o cabelo do rosto e:

— Por que voltou? Estávamos indo muito bem sem você.

Não. Não estavam. Você sabe disso.



Vá embora. Deixa a gente em paz.

Sua mãe me mandou um telegrama pedindo para voltar.

Ela parece forte, mas é ingênua, não sabe quem você é. Vá embora. É melhor para ela ter a fantasia de que você foi vítima de um mal entendido.

Entrei no carro, sentei no banco do motorista e dei a partida.

— Quer que eu te leve pra casa? — perguntei. Ela ficou por instantes sem saber o que fazer.

Passou uma camionete com bêbados na carroceria. Mexeram com ela, assoviaram, chamaram de ‘gostosa’.

— Você não é meu irmão? Não vai me defender?

— Vamos, eu te levo.

Ela entrou e bateu a porta. Partimos.

Eu não sei o caminho.

É só seguir em frente. Obedeci.

— Você está frito — ela continuou o sermão. — Esses fotografos vão sair correndo para levar a grande notícia. Amanhã, todos vão saber da volta triunfal do bad boy. E as acusações contra você, que tentamos desmentir, vão ganhar força. Não imaginou o problema que isso pode nos causar? Não. Só pensa em você. Na próxima vire a direita. Não percebe que ao voltar colocou uma cruz na família? Aqui, vire a direita. Aqui! Desobedeci.

Não te falei pra virar a direita?!

Estou com fome.

E eu com isso?

Vamos dar uma volta pela cidade. É cedo ainda.

Pare o carro! Eu quero sair daqui, pare o carro!

— Vamos. Seja gentil e me mostre a cidade.

— Eu não sou guia turística. Pare o carro, por favor...

Havia uma ponte que atravessava o lago. Achei por bem pegar a ponte, já que a maioria dos prédios estava do outro lado, o que poderia significar bares abertos. As ruas eram todas iguais e não demorei para perceber que estávamos dando voltas. Ela, ao invés de me ajudar, ficou calada. Notei que havia uma lógica numérica entre as ruas, que crescia e decrescia dependendo da direção. Fui no sentido decrescente

Peguei uma avenida larga. Ao fundo, o inconfundível Congresso Nacional iluminado. Ao lado, passamos por vários prédios, cada qual um ministério.

Contornei o Palácio do Planalto emocionado em ver, ao vivo e em cores, aquilo que só conhecia por fotos. Eram menores do que imaginava, mas nem por isso menos imponentes; havia uma certa aura de poder naqueles prédios. Voltando pelo sentido contrário, cruzamos com a catedral, com um ginásio e com um estádio de futebol. Havia uma torre de televisão muito alta no centro de uma praça. Alguns trailers de cachorro-quente estavam abertos. Foi num deles que paramos.

Você quer alguma coisa?

Me leva pra casa.

Ignorei, saí do carro, fui até o balcão e pedi um cachorro-quente com todos os molhos e recheios que tinha direito. Olhei para ela através do pára-brisa. Continuava irritada. Mas depois de um tempo, abriu a porta e veio até o balcão. Pediu uma coca. Puxei assunto:

Que céu tem esta cidade.

Esta cidade tem uma virtude: o tédio — ela disse e olhou para o céu. — “O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência” — recitou. — Estou aqui por nada. No começo, pensei em ficar e ajudar no que fosse possível. Ledo engano. Eu não tenho nada a fazer. Ninguém precisa de mim.

Penso em ajudar a reconstruir a família.

Já somos um entulho. Não se distingue tijolo de tijolo. Não tem o que reconstruir. Você destruiu ela com talento e perfeição. Um brinde à desintegração.

Pegou a coca e voltou para o carro. Fui até ela. Eu já tive seu discurso. Por isso, procurei alertá-la:

— Dê um sentido a sua vinda para Brasília.

— Dê você um sentido a sua vida, bem longe daqui. Continue sua jornada.

Já cheguei no fim.

Você se ilude. Aqui não é o seu lugar.

— Não sei por que você quer que eu vá embora. Você mesmo disse que somos um entulho. Por que tenta preservá-los de mim? Por que quer me ver longe?

— Porque você estraga o tédio e me faz pensar.

DOMINGO

Fui acordado pelo estrondo da porta se abrindo. A luz da manhã iluminou minha irmã com um jornal na mão. Chacoalhava o jornal e ria:

— Nem chegou e já é manchete...

Eu tinha sido descoberto. A imprensa, mais rápida que a polícia, desvendara o mistério que envolvia o assassinato do Hotel Empire. Levantei e fui me vestindo, pensando em mil coisas ao mesmo tempo. Ela, irônica:

— É assim que você pretende reconstruir a família? Que filho que você é... O que eu faço com você?

Eu ainda estava com a chave do carro. Poderia sumir por Brasília; isso se a casa não estivesse cercada pela polícia. Jogou o jornal na cama e acendeu a luz. Na capa, vi uma foto minha, de costas, correndo para fora da festa. Me acusavam de ter roubado uma câmera de um repórter fotográfico. Nenhuma referência ao crime de Manhattan. Falavam do filho-problema do primeiro-ministro que, ao voltar para o Brasil, arrumou uma briga com a imprensa. Sorri aliviado.

— Do que está rindo?

Parei de sorrir e voltei para a cama. Ela me encarou com total desprezo:

— Você agita esta casa... Me desculpe se fui grossa ontem à noite. Eu estava nervosa, só isso. Agora que estamos calmos... Não é melhor você ir embora e tudo voltar a ser como antes?

— Não. Eu vou ficar.

Vendo a papelada da Embaixada Brasileira de Lima, ofereceu:

Vou mexer uns pauzinhos e tirar uma segunda via do seu passaporte. Quem sabe não muda de idéia?

Deixe esses papéis aí, apague a luz e feche a porta, por favor.

Obedeceu, batendo a porta com força. Tirei a roupa e voltei a dormir.

Acordei bem mais tarde. Saí do quarto e a claridade me ofuscou. O ar estava seco, e por mais que eu respirasse, não espantava o bode de um acordar tardio. A família, pelo jeito, já havia almoçado. A casa estava vazia e silenciosa. Não totalmente silenciosa. Havia um burburinho na rua.

Encontrei a empregada, na janela, observando o que acontecia lá fora. Fui até a porta da casa e abri. Muitas pessoas, com faixas, cartazes e máquinas fotográficas, fizeram silêncio assim que me viram. Em seguida, começaram a me apontar, aplaudir e tirar fotos. Cantaram, em coro, o hino nacional quando

fechei a porta. Aquilo já não era mais a casa de um jurista e político, mas de um líder religioso.

Fiz um lanche rápido e fui para a piscina, para o lado oposto de onde estavam os fiéis, para mais longe possível. Tirei a roupa e mergulhei para escutar o silêncio. Aproveitei para nadar e fazer um balanço. O azar tinha me escolhido como melhor amigo. O cerco se fechava. Parei e recuperei o fôlego encostado na borda. Vi, através da vidraça, a irmã conversando com um amigo na sala. Senti ciúmes: ela não sorria para mim do mesmo jeito.

Voltei a nadar. Cruzei a piscina várias vezes. Parei de contar quando ultrapassei a marca dos mil metros. Não buscaria a morte nadando até estourar o pulmão. Não bateria a cabeça na borda até sangrá-la; não flutuaria numa mancha de sangue, não encontrariam meu corpo, e com ele, a paz. Ficar forte e ágil. Nadei, nadei, nadei.

O máximo que consegui foram câimbras nas pernas e dois ombros doloridos. Exausto, desisti. Deitei no deck e esperei a respiração voltar ao normal.

Aos poucos, escutei um tintinar vindo do vestiário, no fundo da casa. Era um ruído familiar: o som de uma lâmina batendo incessantemente. Me levantei e o som parou. Vinha de um dos vestibulos.

Não. Normalmente eu não os flagraria. Mas era a chance de inverter os papéis.

Cheiraram carreiras longas. Dei um tempo esperando fazer efeito. Caminhei até a porta. Estavam quietos, quietos demais. Abri num único impulso. Vi dois corpos grudados. Ana Luiza, nua, ajoelhada no chão, abraçada às pernas do amigo. Ele, em pé, com a calça arriada até o joelho. O rosto dela estava apertado no ventre dele; na sua boca, o pau do sujeito. Me olharam assustados. Perderam a respiração. Ele deu um pulo pra trás e levantou a calça. Ela sentou, encostou na parede, e se cobriu com o que pôde. Um espelho, no canto, riscado por várias carreiras de cocaína.

— Tudo bem, é meu irmão.

— Ah, é esse... — olharam um para o outro e riram.

Nos olhos de Ana Luiza, desprezo. Começou fervilhando do estômago. Cruzou o coração e chegou nos braços, ódio e ciúmes. Uma irmã, com seus cachos de ouro, pequena tagarela, agora, encolhida, enxugando a boca com a mão. Voei em cima dele. Se defendeu com os braços e as pernas. Era bom de briga. Ganhou confiança, viu que dava, e trocou a defesa pelo ataque. Passei a apanhar. Seus golpes vinham de alguma luta marcial, e ele se mostrava um aluno aplicado e bem treinado. Minha escola, a rua, cujo único ensinamento é não perder; e para isso, apelar se preciso. Segurei firme uma barra de ferro e

enfiei na sua cabeça. Junto com ele, saí de órbita.

Quando voltei, vi sangue por todo o lado. Os gritos da menina me despertaram. Ele, desmaiado no chão. Eu, em pé, com a barra na mão, ainda batendo na sua cabeça. Eu estava matando o sujeito. Uma única batida e eu teria outro assassinato para carregar. Atordoados, joguei a barra no chão, respirei fundo e sentei, exausto, ao lado do espelho com cocaína. A irmã gritava comigo, me xingava, e fui ficando deprimido, cada segundo mais, próximo do zero, do fim do mundo. Ela não parava de xingar. Consolava o sujeito desacordado. Passei o dedo numa carreira de pó. Ela estava sendo passada pra trás: era o pó mais misturado que eu já tinha experimentado. Não sei quem ele é. Não me ajuda em nada saber. Não quero nada, me deixa, me deixa... Levantei e deixei-os.

Passei pela sala, peguei um terço pendurado no corredor, fui para o quarto, apaguei a luz e sentei no canto. E assim a tarde morreu.

Minha mãe abriu a porta. Sentou ao meu lado e, desta vez, não puxou assunto. Passei o braço ao redor do seu ombro, e ela começou a chorar. Chorou como eu nunca tinha visto. Chorou o que não chorara em 30 anos. Chorou até se esvaziar, virar um trapo. E eu a abracei mais forte. Parou porque não tinha forças, senão, choraria três dias seguidos. Encostou a cabeça no meu ombro e começou a rezar baixinho.

Acabei acompanhando-a. Rezamos a todos os santos. Não havia mais nada a fazer. A sétima trombeta tocou. O mundo estava caindo e não tínhamos forças para reerguê-lo. Finalmente, ela disse:

— De agora em diante, eu não me desgrudo de você. Nunca mais...

Meu pai mandou me chamar. Fui encontrá-lo na biblioteca. Ele conversava no telefone. Fiquei na sua frente, aguardando em pé. Me olhava e continuava a falar. Passaram uns bons 20 minutos: eu, na mesma. Sua conversa não tinha o menor sentido, a não ser me fazer esperar. Queria me ver ali, parado, 20 minutos, como um soldado frente ao general; buscava a tão esquecida superioridade do pai frente ao filho. Ao desligar, perguntou com uma expressão séria no rosto:

— O que está acontecendo? Não respondi.

— Sempre imaginei esta conversa: você, na minha frente, depois de anos. Tenho insônias terríveis. Você sempre esteve presente nas minhas insônias, mesmo ausente, mesmo longe. Você nem tem idéia, mas já conversamos tanto durante muitas madrugadas, quer dizer, conversei com uma idealização. Agora

que você está aqui, não me vem nada... O que você quer que eu diga? Primeiro, a briga com o fotógrafo. Agora, o namorado da sua irmã sai daqui sangrando. Você deu uma surra nele?

Não respondi.

Eu queria ser seu amigo. Está tão difícil... desculpe a franqueza. Você me força ser o tal pai durão. Está bem, aceito o papel. Por que você quase matou o garoto?

Não foi minha intenção.

A resposta sinalizou minha falta de resposta. Ele, como bom jurista, mudou de assunto:

Eu quero te escutar, já que eu não consigo falar nada. Você tem uma intenção. Qual? Fale, por favor, estou curioso.

Uma delas é te ajudar.

Como?

Posso trabalhar com você.

Você quer ajudar. Agora, quer ajudar. Começou de uma maneira um tanto irracional. Você sabe quem é o pai do garoto que você surrou?

Até quando vou ter que pagar pelas minhas besteiras? Até quando vai ficar me punindo? Não percebe que você não está facilitando? Não me enrole. Dê logo minha pena. Me condene.

Ele levantou. Foi até a janela e abriu a cortina para espiar. Seus seguidores estavam lá fora, prontos para se aliarem a ele e partirem para a batalha.

— Na Serra de Carajás, no coração da Amazônia, há uma casa no topo da montanha que serve para hospedar as autoridades. Fiquei nessa casa antes de tomar posse. Buscava inspiração, queria me aproximar de Deus e pedir força, proteção, coragem. A casa, encostada no morro, é cercada por um zoológico onde os animais andam soltos. Mas da piscina, se vê a floresta, vales e rios. É uma vista de muitos quilômetros. Me vejo nesse lugar. Atrás, as feras. Na frente, a floresta impenetrável. Longe, meus ideais... É, eu faço parte dessa espécie em extinção que tem ideais. Aliás, fui eleito por tê-los... Pode estar caindo uma tempestade de raios, mas eu vou atravessar a mata e me juntar aos meus ideais, custe o que custar. Deixou a janela e me olhou de frente: — Não posso levá-lo junto comigo. Você quer mesmo ajudar? Então vá embora. Que fique entre nós. Volte para o seu lugar, onde quer que seja. Eu não o queria de volta, não agora. Sua mãe insistiu. Estava sofrendo muito. Pensei em salvar o casamento e aceitei a idéia da sua volta. Mas não vai dar certo, sabemos que não vai. É melhor para todos que você não pise mais aqui. Vê se me entende. Há uma revolução acontecendo lá fora, e eu sou o líder. O povo me escolheu



porque confia em mim. Você pode estragar tudo. Não é por mim, mas pelo povo, que pode perder seu líder, e não ter em quem acreditar. Eu estou sozinho, lutando contra grandes moinhos. Você é meu ponto fraco.

Por alguma razão, olhei para o relógio de parede que marcava:



18h10

E quanto mais ele falava, mais eu me curvava. Minha cabeça pendia de cansaço, e os números avançavam:



18h11

18h12

Por vezes eu prestava atenção.

— Amanhã, sua irmã levará você para tirar fotos para o passaporte. Pode comprar roupas, se quiser. Pare de usar as minhas. Olhe para mim enquanto estou falando.

Eu não conseguia; minha cabeça pesava demais.

— Daqui a dois dias embarco para os Estados Unidos. Não terei tempo para cuidar do seu caso. Mas não pense que eu não ligo a mínima. Darei todas as condições para que consiga estudar numa universidade lá fora.

Que sufoco... Eu estava ficando sem ar. E o relógio voava.



18h15

18h16

— Quem é você? — perguntou.



18h17

Não é o filho que criei, é?

Eu sou seu ponto fraco.

Quanto à sua irmã, deixe ela fora disso. Preserve-a. Nem pense em envolvê-la com drogas.

Não chegue perto dela. Se algum mal acontecer a ela, eu...

Não disse o que queria dizer. Eu concluí para ele:

— Você manda me matar.



18h18

- Você não liga a mínima, não é? — perguntou. Eu estava sem forças.
- É triste ver no que você se transformou... Encarei-o e disse:
- Você deveria me agradecer. Eu sou sua salvação. Minha vida dá sentido à sua. Você é o bem, eu, o mal.



SEGUNDA-FEIRA

10h40

No carro, indo para o shopping perto de casa, Ana Luiza, dirigindo, puxou assunto:

O que ele te falou?

Nada.

— Você quebrou a cabeça do filho do presidente do Senado.

Nossos olhos se cruzaram e, pela primeira vez, sorriu para mim:

— Foi até bom. Já estava cheia daquele cara e não sabia como dispensá-lo. Depois daquela surra, quero ver ele me procurar novamente. Não precisa se sentir no dever de me defender. Eu sei me defender. O que deu em você, ciúmes?

— É, ciúmes.

Deu uma risada nervosa:

— Ciúmes, isso existe ainda... O que é, você tem tesão por mim? Só pode ser. Esse jeito de me olhar, eu conheço bem...

E riu:

— É comum os índios transarem com irmãos. Mas nós não somos índios, não é mesmo? Quem sabe, numa outra encarnação...

11h05

Primeiro: tirar fotos para o passaporte numa máquina automática. Depois, deixei ela escolher as roupas, já que eu estava sem cabeça para detalhes. A única coisa que fiz questão de escolher foram os óculos escuros que, a partir daquela data, não saíam mais do meu rosto.

Frente a um espelho, examinando meus óculos, vi a imagem refletida de um homem, atrás de mim, que me olhava com grande interesse. Seus olhos me fuzilavam. Seu braço estava enfaixado numa tipóia. Vestia uma calça F.

Saí da loja rápido. Me escondi no estacionamento. Ele estava no Brasil e, como de costume, me seguindo. Me viu saindo do Hotel Empire, minutos depois do crime. Era uma grande testemunha. Provavelmente, já sabia filho de quem eu era. E se não tinha agido até então, era porque esperava um momento mais oportuno, ou ordens superiores, confusas pelo fato de o filho do grande líder da nação estar envolvido na morte daquela mulher.

Ana Luiza jogou os pacotes sobre o capô e abriu a porta. Aproveitei o momento para me enfiar para dentro do carro.

O que há com você?!

Vamos, vamos!

Sentei no lugar do motorista e fiz ela entrar. Obedeceu sem fazer perguntas. Dei a partida e cruzei o estacionamento.

Longe, contornando o lago Sul, ela perguntou:

Roubou alguma coisa?

Você não quer me arrumar uma arma?

Uma o quê?!

Pergunte para algum amiguinho se não quer me vender uma automática.

Pare o carro!

Pago até 500 dólares.

Pare o carro!

Vamos, você está me devendo uma.

Aproveitou que eu tive de parar num farol, abriu a porta e correu. Por algum motivo, eu me sentia responsável por ela. No mais, precisava de sua ajuda. Deixei o carro ali mesmo, tirei a chave e fui atrás. Ela correu até o meio da praça e se apoiou no monumento de concreto. Quando me viu indo em sua direção, se escondeu por entre o monumento. Me aproximei. Ela deu a volta sem que eu percebesse, veio por trás e, num movimento rápido, pegou a chave da minha

mão e correu para o bosque. Tive de segui-la e consegui, metros adiante, agarrá-la. Assustada, começou a gritar.

Acabou se desvencilhando. Ficamos frente a frente. Cada passo que eu avançava, ela recuava. Raciocinava rápido, olhando para os lados, desenhando uma rota de fuga. Correu por entre as árvores. Fui atrás e me joguei sobre ela. Caímos os dois no chão. Ficou embaixo de mim.

A primeira coisa: tentar pegar a chave. Mas ela se torcia toda. Estava difícil. Tive de prender seus braços. Podia enchê-la de porrada, estrangulá-la até a morte; era uma presa fácil. Respirei fundo para recuperar forças. Eu teria mais chances se ela me ajudasse, se aliasse a mim. Mas não. Talvez se eu me abrisse e contasse tudo: o crime em Manhattan, a fuga... Como? Era uma garota confusa, banhada em preconceitos, cuja bijuteria espelhava a contradição. Conquistá-la. Com que armas?

Me encaixei entre suas pernas e pressionei meu ventre contra o seu; nosso dia de índio. Ela buscou, inutilmente, toda a força que tinha para se livrar de mim. Fui mais forte e me movimenteí sobre ela, mexi o quadril, simulei um coito; a minha dança, que acabou me excitando. Passou a gritar como uma louca. Presei minha boca contra a sua. Experimentei. Virou o rosto, enojada, e investi contra a orelha. Meu pau, guardado, duro, contra ela. O corpo foi me tirando do comando, tomando posse, inventando uma coreografia sem dono. Meu corpo acelerou o ritmo, como se quisesse furá-la, rasgá-la; acelerou, para que o pau fizesse fogo. E meu sangue começou a borbulhar, o sinal, eu iria gozar, meu corpo iria gozar, assim, tão rápido, gozar sobre minha irmã... Mas um chute na barriga me jogou longe.

Aproveitando que eu estava deitado, dois sujeitos começaram a chutar minhas costas e minha cabeça. De repente, pararam. Era covardia e se deram conta disso. Me arrastei até uma árvore, onde apoiei as costas. Vi Ana Luiza ainda deitada, toda encolhida. Uma mulher consolava ela, passando a mão na sua cabeça. Mais pessoas foram chegando e pareciam dispostas a me linchar. Deram muitos gritos que não entendi. Havia um complô contra mim. Ana Luiza levantou e, tirando a terra da roupa, me encarou com muito ódio. Disse a todos que era minha irmã e que só estávamos brincando.

Os sujeitos ficaram na dúvida. Pediram desculpas. Ajudaram a me erguer. Se acusaram uns aos outros: “Quem foi que começou?!” A ira, que há instantes estava voltada contra mim, foi transferida para os dois sujeitos que me chutaram. Me ajudaram a ir até o carro e me sentaram no banco do passageiro. Havíamos causado um grande congestionamento. Motoristas, como guardiões da moral, tinham abandonado seus carros no meio da rua, alertados pelos



gritos da minha irmã. Entre eles, estava o tira da calça F, que me apontou o dedo e, como se fosse um revólver, apertou o gatilho.

Ana Luiza me levou embora. Não nos falamos. Na porta de casa, sem os fiéis de domingo, a mãe ficou assustada ao ver os hematomas no rosto. Foi Ana Luiza quem deu explicações:

— Ele brigou com uns caras que mexeram comigo.

Em agradecimento, entreguei a ela as fotos para o passaporte, para que se livrasse de mim, me tirasse de sua vida. Fui direto para o quarto, onde deitei e convivi com a dor.



12h40

Até quando o tira da calça F viveria solitariamente o drama de conhecer um criminoso sem poder denunciá-lo? Até a ética e o dever falarem mais forte. Até ele se lembrar das palavras do juramento que recitou quando lhe entregaram o diploma de tira. Eu não tinha muito tempo.

Minha mãe apareceu com uma caixa de primeiros-socorros. Disse que estava orgulhosa por eu ter defendido a irmã. Enquanto fazia os curativos, foi lembrando, com bom-humor, as diversas vezes que teve de me fazer curativos. Enumerou as doenças da minha infância e falou do trabalho que teve para me curar. Falava comigo como se eu ainda fosse seu pequeno menino que clama por carinhos e cuidados da mãe. Conseguiu me deixar à vontade. Me deu aconchego e calor. Seu tom de voz era de um mimo. Senti raiva de não ter tido, no passado, a chance de explorar mais aquele colo. Senti pena dela, de mim, de não podermos voltar a ser apenas mãe e filho. Dizia, inacreditavelmente, que tudo iria dar certo:

— Se um dia você for embora, eu vou me enfiar na sua bagagem. Irei com você para qualquer lugar. Torcerei para não ser um peso morto. Ficaremos juntos para sempre.

Pedi licença e fui ao banheiro. Tranquei a porta, abri o chuveiro e fiquei o tempo suficiente para ela se cansar e sair do quarto e, tomara, desistir.



13h35

Abri a gaveta e peguei o exemplar ainda intacto do *Daily*:

DAILY

“A polícia está atrás da cabeça da vítima do Hotel Empire. Um traficante da Washington Square, preso através de uma denúncia anônima, confirmou que vira a cabeça num saco plástico, enquanto vendia uma arma para o suspeito Mel.

Todas as lixeiras próximas foram revistadas, já que o suspeito fugiu com o saco, mas o lixo já havia sido recolhido. Uma equipe da polícia está na usina de processamento de lixo de Nova York a procura da cabeça.

Referindo-se ao crime, o promotor público disse que o criminoso é, provavelmente, um maníaco procurado há tempos, e que já fez várias vítimas no Estado, sempre com o método de cortar as mãos e a cabeça.

Um doutor em psicologia da Universidade de Colúmbia, que pesquisa o comportamento e método dos serial killers, afirma que o ato de esquartejar representa uma transferência do esfacelamento do ego do indivíduo. Segundo disse, o criminoso corta a cabeça da vítima pois quer destruir a si próprio, e corta as mãos da vítima por se sentir culpado de ter matado alguém com as próprias mãos...”

O que adiantaria, para quem matou Mona, dificultar a identificação do corpo, se no hotel havia o registro da sua entrada? Esquartejaram-na não por exagero, sadismo, ou o que quer que fosse. Não queriam que o corpo fosse identificado, porque talvez não fosse o corpo de Mona. Uma hipótese absurda: Mona está viva! Quem é Mona, afinal?!

Bateram na porta: o motorista designado para me levar até o Palácio do Planalto onde, segundo disse, eu teria um encontro com um delegado da Polícia Federal para assinar o passaporte já expedido. Me vesti rápido e encaixei os óculos escuros. À luta!

14h35

A imprensa fazia um cerco na porta do Palácio. O carro estacionou e vieram atrás: câmeras de televisão, microfones, gravadores e máquinas fotográficas. Imaginaram que se tratava de uma autoridade. Saí do carro e abaixaram as armas, decepcionados. Mas pouco a pouco foram me reconhecendo e, enquanto eu seguia em direção ao prédio, apontaram as armas e me fizeram perguntas. Segui em frente, pedindo licença, com os óculos escuros e o rosto abaixado para dificultar o trabalho deles. Perguntas voavam. Microfones impediam minha passagem. Alguns fotógrafos começaram a me xingar; me xingavam pois queriam que eu olhasse para as câmeras, ou revidasse, o que daria uma boa foto. Finalmente entrei no prédio e uma porta de vidro se fechou me livrando do assédio.

O chefe de gabinete, velho conhecido, me aguardava junto com um sujeito da Polícia Federal. Fomos até o segundo andar. O tira nos levou para uma sala vazia, onde nos instalamos. Me fez assinar a requisição de uma segunda via do passaporte e saiu com a papelada. O chefe de gabinete puxou assunto:

— Então? — e olhou para mim. Então nada. Não tínhamos assunto. Aliás, tínhamos. A culpa. Pediu desculpas; era o tipo que vivia se desculpando: — Estamos atrapalhados por causa da viagem de amanhã para os States. Agora mesmo, seu pai irá ao Congresso relatar o que dirá na ONU. Você algum dia imaginou seu pai na ONU? Você deve estar muito orgulhoso dele. Todos nós estamos. Ele tem coragem. Como eu queria ir junto, ficar ao lado dele, segurar seu discurso, e ver os representantes de todos os países do mundo aplaudirem. Não existe homem melhor que seu pai para fazer este discurso, falar ao mundo que aqui, no sul, existe um país que quer trabalhar, crescer e ter um lugar de destaque... Ele quer que você vá ao Congresso para pedir desculpas ao presidente do Senado. Parece que você deu uma surra no filho dele.

E riu.

— Tantas coisas acontecendo e você obrigado a pedir desculpas. Mas é assim mesmo. Na política, casos corriqueiros e desentendimentos banais podem deflagrar guerras. Seu pai não está em condições de criar desafetos com ninguém, principalmente com o presidente do Senado. Basta lhe apertar a mão e pedir desculpas, dizer qualquer bobagem. Você pode fazer isso, não pode?

Não foi uma pergunta, foi uma sugestão. Diria mais: foi uma ordem.

— Bem... — voltamos a ficar sem assunto. Seu cargo deveria ser meu.

O telefone começou a tocar. Ele atendeu, falou qualquer coisa e:

— Estão me chamando. Me espere aqui que eu já volto.

Fiquei por um tempo a sós. Alguns jornais espalhados me motivaram a ler as novidades do Caso Mona. Mas eram jornais velhos. Quem trabalhava naquela sala deveria estar de férias. Não. Morta. Um porta-retratos. Uma foto. Mona. Eu estava na sua sala, cercado por partes de um enigma. Pensei em pular fora; me senti invadindo uma tumba, vasculhando um caixão cujo cadáver se mantém fresco. Mas fiquei.

Sentei na cadeira: sua cadeira, mesa, sala. Seu rosto, perfume e olhar. Quantas vezes ela olhou aquelas paredes, através daquela janela, caminhou pelo carpete, usou o telefone. ‘Alô, sou eu, Mona...’ Tirei-o do gancho e senti, no bocal, o perfume. ‘Alô...’ Morta, e eu no seu ninho.

Relutante, abri gavetas. Papéis, pastas, cartas, ofícios e relatórios. Embolsei uma pequena agenda. Num dos envelopes, seu nome estava preenchido com uma letra idêntica à minha. Não tinha remetente. É possível que eu tenha herdado a letra ao primeiro-ministro? Na dúvida, embolsei a carta, quando me deu um estalo: Como os bens da vítima de um crime famoso estão intactos em sua mesa? A sala deveria estar lacrada. Aqueles papéis deveriam estar na polícia, ajudando na investigação. Ou mesmo, preocupado com quem aqueles papéis poderiam incriminar, alguém já teria dado um fim neles, dinamitado aquela tumba. Cilada. Me vigiavam com câmeras ocultas, examinavam minhas reações, as coisas que eu embolsava, para depois fazer ligações. Me levaram até a sala para que eu deixasse impressões digitais; arrumariam a prova que faltava. Levantei rápido pensando em devolver tudo. Mas não. A espada da vingança. A espada que faltava, arma obsoleta mas mortal. Fiquei com a agenda e com a carta e esperei, impassível, evitando olhar os fantasmas, evitando escutar ecos de Mona.

Entrou o chefe de gabinete com o sujeito da Polícia Federal. Me pediu para assinar um passaporte na sua frente. Meu passaporte. Meu nome estampado. Minha fotografia. Meu passe.

Fomos a uma sala onde estava meu pai, com seu terno amassado e desbotado, cercado pelos asseclas. Me olhou e exprimiu carinho. Não era possível: tão pouco tempo, e meu pai já atuava com talento. As pessoas falavam mas ele não as escutava. Parecia dopado. Suas drogas: o poder e o filho. Me abraçou para que vissem um pai abraçando um filho. No meu bolso, a sua morte. Falou comigo calorosamente:

— Você vai ao Congresso onde farei um pronunciamento à nação. Quero



— você lá, para me dar força, para eu ter um apoio. Aproveite para cumprimentar o pai do garoto que você surrou — e riu, para que seus asseclas também rissem. — Não precisa dizer nada. Apenas cumprimente-o. Eu falarei. Então? Está disposto? Vamos?

15h30

Seguimos pelos corredores do Palácio sem que eu, o espadachim, decidisse se manchava o piso com sangue. Na saída do prédio, seguranças tiveram de fazer um cordão para afastar a imprensa e curiosos. Excitação. Algo de grande iria acontecer. Era um dia muito importante para a nação. Fomos a pé, na direção do Congresso Nacional. Meu pai, na frente, com passos firmes e o queixo erguido. Os populares, no caminho, aplaudiam e gritavam: “Dá-lhe Castilho!”, “Mostre pra eles!”, “Estamos com você!”. Numa falha, se esqueceu das nossas desavenças e me chamou para caminhar ao seu lado. Me mostrou o discurso que faria. Pediu para eu ler o primeiro parágrafo. Era um manuscrito. Sua letra, sim, idêntica à minha

(e pensar que, apesar das diferenças, herdei sua letra). Minha espada: a carta que eu carregava no bolso, enviada a Mona, escrita por ele; só de pensar, minha mão ardia, ansiosa para sacá-la da bainha. Li o parágrafo do discurso. Não disse nada e devolvi.

— Sabe, filho, é um grande momento para mim. Às vezes, penso que tudo o que fiz até então foi para viver este momento. Todos os passos que percorri deságuam nele. Estou pronto. Uma pena que você não compreenda e não possa compartilhar este sentimento comigo. Nossas diferenças aumentam aqui. Dei minha vida para um país. Você só conseguiu machucar quem te ama, e garanto que sua vida não pertence a ninguém. Se errei, peço sua compreensão: não foi nada mais que um pai procurando o bem para seu filho. Mas peço, onde estiver, o que estiver fazendo, que pare e torça por mim e pelo seu país, e saiba que aqui estará acontecendo uma grande revolução.

Próximo ao Congresso a imprensa nos cercou. Não paramos. Câmeras, microfones etc. Perguntas, como mísseis: o tom do pronunciamento, as medidas, os combates. Entrávamos no prédio. As respostas, evasivas, pediam paciência e convidavam todos para o plenário. Fui ficando pra trás (alguns fotógrafos voltaram a me xingar).

Como uma rainha cercada por abelhas, o primeiro-ministro caminhou pelos corredores do Congresso, até ir direto para o plenário, onde entrou triunfalmente (aplaudido de pé). Cumprimentou os membros da mesa e me chamou. Me apresentou o presidente do Senado. Estendi a mão e pedi desculpas. Ele não entendeu. Alguns sujeitos me pediram para gritar. Gritei. Nossas mãos, grudadas. Ele não escutava. O barulho era infernal. As galerias, repletas, ovacionavam o primeiro-ministro. Deputados e senadores aplaudiam.



Meu pai, confuso, foi para o centro da mesa. Alguns congressistas faziam, ao microfone, menções de boas-vindas. Eu escutava o som de uma lâmina afiando. Saí do plenário. O que poderia ser dito que mudasse o rumo da história? Não parei para ouvir. Como ele mesmo disse, eu não compreenderia. No entanto, distinguia o afiar da lâmina.

16h05

Quando vêm me pegar?

Através dos alto-falantes, eu escutava as palavras do primeiro-ministro. Em cada pausa, era aplaudido. Reconstruir, o tema do discurso. E a agenda e a carta de Mona, no bolso, ardendo.

Num banheiro próximo, me tranquei no closet. A agenda. Os dias que antecederam o crime. O planejamento da viagem para Nova York. O vôo não era direto. Por algum motivo, ela tinha escolhido um vôo com escala em Miami, o que a obrigou a trocar de avião; ficou toda a manhã em

Miami, o que era estranho já que existem vários vôos diretos para Nova York.

Na agenda, telefones e horários de companhias aéreas, e os preços de alguns hotéis. Ela havia planejado uma viagem de volta para Miami. Se não tivesse sido morta, de Nova York ela voltaria para Miami. Havia algo de especial nessa cidade. Hotel Helit, Miami; o timbre do envelope que levei do seu quarto. Hotel Helit.

Ela costumava desenhar e escrever palavras repetidas no pé de página, atitude típica de quem fala no telefone com uma caneta na mão. Numa página, a surpresa. Meu nome, escrito várias vezes, com um letra tensa: Flávio Castilho, Flávio Castilho, Flávio Castilho, Flávio Castilho...

— Está gostando da leitura?

Olhei para cima. Duas cabeças. Dois sujeitos, debruçados nas paredes do closet. Com o susto, deixei cair tudo no chão. Pularam para dentro e mandaram eu ficar calado. Um deles pegou a agenda do chão, examinou-a com deleite e guardou-a no bolso. Abriram a porta, espiaram por ela e saíram escoltados.

Seguimos pelos corredores da Câmara dos Deputados ouvindo o discurso do primeiro-ministro. Dessa vez, o mote era a ‘salvação nacional’. Entramos pelos corredores do Senado, anexo à Câmara, até darmos no plenário vazio. Me levaram para o fundo, onde o calça F, com o braço enfaixado, me esperava estirado na poltrona. Os outros ficaram de lado, atentos.

— Que conforto têm esses senadores. Vou trocar minha cadeira por esta poltrona — só então olhou para mim e disse: — Bom te ver, firme e forte...

Um dos tiras lhe jogou a agenda de Mona.

Achei que você fosse mais esperto e não caísse nessa cilada.



O que você tem, um vídeo? Eu xeretando a mesa de Mona? Isso não prova nada.

Não é estranho ela viajar e não levar a agenda? — me perguntou. — Este caso está cheio de coisas estranhas. Já li esta agenda de cabo a rabo. O que te chamou a atenção nela?

Nada. Fiquei curioso. Esta agenda não prova nada.

— Por que não?

É uma agenda de antes da viagem. Ela pode ter mudado de planos.

E não é importante comparar os planos de antes com os de depois?

Você é o tira. Você tem que me dizer. De uma vez por todas, eu não matei aquela mulher, você sabe disso.

— Não é o que eles pensam, senhor Flávio Castilho. Ou prefere que eu te chame de Thomas? Não. Mel, o puto gay...

Os três riram.

— Você é ingênuo, o perfeito otário, a truta com sal.

Fez um sinal para seus dois me revistarem. Ficou folheando a agenda. Tiraram do bolso meu passaporte e só.

— Por que tanto interesse nas coisas dela?

— Se você estivesse envolvido num crime não procuraria provas que te inocentassem?

E encontrou alguma?

Não.

E a carta?

— Que carta?

Nós te vimos mexendo nas cartas.

Não sei. Não li. Deixei elas em cima da mesa.

Eu já li, todas, diversas vezes. Tem uma que chama a atenção. É uma melosa carta de amor. Sabe quem enviou?

Não.

Então por que pegou justamente ela, entre tantas?

Peguei a primeira que vi. Mas deixei lá.

Eu não deveria fazer corpo mole. Inverti os papéis:

— Pensei que você estivesse ferido gravemente. Quem é o otário, eu ou o baleado?

Levantou rápido e enfiou um soco no meu estômago; já estava virando hábito. Desabei na poltrona. Aquele doeu.

— Seu pai nos mandou te seguir, idiota. Estávamos lá pra te dar cobertura e pra te trazer de volta ao Brasil. Mona foi lá pra isso. Sabíamos do teu



envolvimento com o tráfico e tentávamos te tirar ileso. Mas alguém te dedou antes.

Estarrecedor.

— Mona não sabia quem eu era. Fomos apresentados no restaurante e ela me olhou como se nunca tivesse me visto.

Que restaurante?

Pensei que você fosse um bom tira.

Quem apresentou vocês?

Quem podia ser? Marcos de Sotto.

Seus olhos brilharam. O nome lhe causou uma reação forte. Olhou para os dois cupinchas como quem tivesse acabado de provar uma hipótese já levantada.

Quando foi isso?

Algumas horas antes de ser morta.

Ele andou ao meu redor. Respirava com os dentes fechados. Devia se sentir culpado por não ter impedido o crime. Uma impotência que, talvez, o estivesse perseguindo. Parou na minha frente e desabafou:

Claro que ela sabia quem você era! Tínhamos um dossiê completo das suas 'atividades'. Um calhamaço com fotos suas, muitas fotos. Nesse restaurante, provavelmente ela ficou surpresa ao te ver. Não sei o que deu nela para ir se encontrar com Marcos de Sotto. Não seguia nossos planos. Ela foi por conta própria, sem nos avisar. O que aconteceu no restaurante?

Eles discutiram e ela foi embora.

E o que deu em você?! Estuprar aquela pobre coitada que estava lá pra te ajudar. Logo você...

Me dá um tempo. O que quer de mim?

Quero saber quem meteu essa bala no meu braço. Quero saber quem matou meu colega.

Não fui eu.

Lógico que não foi você. É muito cagão para atirar em dois tiras. Nós sabemos disso.

— Nós? Ele riu:

— Nós. Não a imprensa. Nem o FBI. Eles ainda pensam que Mona foi morta pelo puto gay.

Mais risos.

E quem te garante que não fui eu que matei?

Intuição.

— Talvez ela não esteja morta — provoquei. Ficaram surpresos.



Que idiotice é essa? Acho que é esta poltrona. Quem senta nela começa a viajar... Por isso o país não sai do buraco.

Não era o corpo de Mona.

Ah, não? Então de quem era?

Não sei.

Não sei não é resposta.

Por que arrancaram as mãos e a cabeça? Porque não queriam que o corpo fosse identificado.

Virou polícia agora?! Essa é boa... Vá em frente — e olhou para os dois parceiros como se fosse iniciar uma aula. — Isso é o que assassinos querem que a gente pense, que arrancaram a cabeça e as mãos para que não fosse possível a identificação. Querem nos confundir, criar emoção, para o crime não virar noticiuzinha de fundo de página, mas manchete, para a polícia trabalhar sob pressão. Muitas das pistas são falsas, para que comecemos do lugar errado — observou se prestavam atenção e continuou: — Quem a matou queria tumulto. E conseguiu. Já desarquivaram casos semelhantes. Falam até do psicopata que corta a cabeça de suas vítimas. Quem a matou não é burro. Conhecia os crimes do psicopata. Cortou a cabeça para que a polícia comesse a investigação por ele, dando tempo para quem precisa fugir. O problema é que um traficante te viu com a cabeça.

O traficante não me viu com a cabeça. Ele viu um ciclista jogar um saco com a cabeça.

É a sua palavra. Mas ele não vai dizer isso. O traficante vai dizer o que o FBI quer ouvir. Eles precisam de um culpado. O crime scandalizou a opinião pública e os condenados, antes mesmo de entrar no túmulo. Você vai ser o bode expiatório. Já está no tribunal. A polícia, já, já, prova que Mel é Thomas. Falta chegar no Flávio — e sorriu. Sabia mais do que a polícia americana. Sabia que Mel era Flávio; e isso era motivo de orgulho.

Pausa. Pelos autôfalantes, o discurso do ministro. Justiça, a palavra que se destacava. O tira andou em círculos, até ficar nas minhas costas. Apoiou a mão no encosto. Eu não podia vê-lo. Falou, lentamente:

Você deve estar pensando que quero chantageá-lo. Não. Quero confirmar minhas suspeitas. Me fala: quem te contratou para fazer o serviço porco?

Se você é esperto, sabe quem me contratou.

Não me enche! Fala logo. Quem foi? Quero ouvir o nome da sua boca. Vai, está na ponta da língua...

Marcos de Sotto.

Deu um tapa na poltrona. Frente a frente.

Explica como foi.

Primeiro, quero saber: quem me dedou? De quem era a câmera na janela em frente à minha? Como vocês sabiam onde eu morava?

Você está longe de ser um tira.

Talvez porque meu cheiro seja mais agradável...

Eu tinha de provocá-lo. Se queriam tanto minhas informações, tinham de pagar por elas, nem que fosse me espancando. Ele poderia dar outro soco; eu já começava a assimilar aqueles golpes. Mas não. Ele puxou o meu rosto e me deu um beijo na testa:

Não sei porquê, mas eu adoro você. Está tão encrocado que sinto pena. É óbvio que foi Marcos quem te denunciou. Agora, me diz, por que ele quis que você dançasse?

Para que eu o procurasse, desesperado, precisando de grana. É aí que entra Mona. Marcos é, também, agenciador de garotos de programa. Eu já havia trabalhado pra ele. Marcamos de nos encontrar no restaurante. Cheguei lá e ele me apresentou Mona. Ele me fez acreditar que ela era mais uma cliente, que pagaria mil dólares por uma trepada diferente...

Os três assobiaram.

O que é uma trepada diferente?

Ser estuprada.

E você acreditou?!

Já trabalhou no ramo? Eu já, e te garanto: isso é comum. Quando entrei no quarto, ela não reagiu. É verdade. Tenho experiência. Ela queria... Já passei por muitas clientes semelhantes. Não fugia da rotina. Gritava, mas não muito. Fazia que ia fugir, mas não fugia.

Claro! Você era quem estávamos procurando por toda a cidade.

Amordacei ela, logo de cara. Não desconfiei que fosse uma cilada. Não passou pela minha cabeça que eu estava violentando a mulher...

Cala a boca! — ele ordenou. — Você é louco! Você estuprou aquela mulher e nem se deu conta!

É a sua palavra contra a minha. Eu estava lá. Eu vi, nos seus olhos, que ela queria. Fui eu que fiquei em cima dela. Seu corpo ajudava. Não era o corpo de alguém que não queria...

Chega, já disse!

Parei de falar. Esperei ele se acalmar e continuei:

Depois procurei Marcos pelo hotel. Ele me daria um passaporte como pagamento. Mas não o encontrei. Encontrei você e seu comparsa no banheiro, e vocês vieram atrás de mim.



E quem deu os tiros?

Como vou saber?

Foi Marcos?

Talvez.

Qual o interesse em matá-la? O que conversaram no restaurante?

Você que tem que me dizer. Por que ela marcou de se encontrar com Marcos no restaurante? Para dar uma trepadinha com um puto?

Marcos era do consulado. Talvez ele estivesse ajudando Mona sem eu saber.

Marcos sabia quem eu era.

Só se ela abriu o jogo. Nossa missão era sigilosa. Ninguém do consulado podia saber da sua existência. Tanto que ele te apresentou como um desconhecido.

Deixa pra lá... Por que ela não abriu o jogo logo de cara? Se estava em Nova York por minha causa, por que não se apresentou?

Talvez porque não confiasse em Marcos.

Foda-se Marcos! Ela devia ter dito logo quem era e que queria me levar embora! — agora, era eu o irritado, com toda a razão. — Mas não. Me enrolou, está morta, e sou procurado por um crime que não cometi.

Fizemos uma pausa.

Como foi que me descobriram? Quem colocou a câmera na frente da minha janela?

Não foi difícil descobrir onde você morava. Prensamos uns ganços aqui do Brasil, que reconheceram sua foto e deram seu endereço. Seus fornecedores sabiam mais de você que sua própria família. Fomos incumbidos de trazer você de volta, por bem ou por mal. Precisávamos vigiar seus passos para saber onde estávamos pisando. Foi quando alugamos um apê em frente ao seu. Mona iria fazer contato. Era a pessoa certa. Estávamos prontos para agir. Mas, naquela noite, chegou polícia de todos os lados. Vimos você correndo pelo bairro, atordoado, e fomos acudi-lo. Mas um crioulo filho da puta nos atacou como um animal.

E Miami?

O que é que tem?

Vocês fizeram escala em Miami.

Os vôos para Nova York estavam lotados.

Mentira.

Qual o seu interesse por Miami?

Nenhum. Fiquei curioso, só isso.

Nos autofalantes, aplausos para o encerramento do discurso. Paramos para



ouvir os agradecimentos de praxe do novo herói da nação. Os tiras estavam gostando. Pra mim, não faziam diferença.

O que você vai fazer? — perguntei.

Não é da sua conta.

Enfiou a agenda no bolso e foi saindo, seguido pelos dois.



17h10

Tumulto. O primeiro-ministro começava uma coletiva nos corredores do Congresso. A imprensa se acotovelava. Curiosos se acotovelavam. Curiosos e encantados. Algo seria dito. Algo que, acreditavam, mudaria o rumo de suas vidas, uma profecia. Alguns deputados apareciam para cumprimentá-lo mas tinham de se afastar ante os protestos da 'imprensa livre'. Câmeras empurravam fotógrafos, que empurravam jornalistas e vice-versa. Microfones se duelavam como floretes sem reino. Os fios se trançavam no chão. Alguns palavrões eram ditos. A desculpa de sempre: "Estou trabalhando, porra!"

Voltei para o banheiro de antes. Procurei, no closet de antes, o envelope. Estava lá, jogado num canto; minha espada.

17h45

Em casa, sentado num banco do jardim, juntei peças. Mona, ao telefone: “Eu preciso falar com ele em Tóquio.” Mona e meu pai. O clássico romance entre um homem de meia-idade e uma linda e jovem assessora que apresenta uma nova safra, outros bares, outros olhares (sede e ação). Tirei o envelope do bolso e observei detalhadamente, como se fosse um achado arqueológico. Nas costas, a letra nervosa de Mona, provavelmente falando no telefone. Não exatamente letras, mas números. Um número:

5,320,000.00

O ponto, antes do par de zeros no final: centavos. Ponto no lugar da vírgula, e vice-versa: dólar. O número: cinco milhões, trezentos e vinte mil dólares.

Solenemente, tirei o papel e li a carta sem remetente. Ana Luiza se aproximou e foi direto ao assunto:

— Já está com o passaporte?

Conheceu Mona, a assessora que foi morta em Nova York? Já a viu alguma vez?

Já vi, sim. Era amiga do papai. Vinha jantar conosco de vez em quando.

— Jantar? Com a família?

— É. Ele ficou muito abalado com sua morte. Por que eu fazia aquilo com Ana Luiza? Por que provoquei, sempre? Arrancá-la do concreto e empurrá-la para o abismo. Porque queria provar, a mim, a ela, aos interessados, que o desastre familiar talvez não fosse responsabilidade minha, mas da própria estrutura:

— Era amante do seu pai... — e entreguei a carta. Ela riu. Procurou meus olhos e viu que eu falava sério. Examinou o papel e leu: a carta que o novo ministro enviara à antiga colaboradora de campanha logo depois da tumultuada, mas vitoriosa, eleição; clichês, emoções e projetos para o futuro dos dois, futuro de viagens, noites a sós e paixão; abençoava ela ter cruzado seu caminho; sem palavras para descrever o que ela representava para sua vida, despertando-o de uma, abre aspas, ‘coma profunda’; perto dela, se sentia jovem e vivo; se sentia completo. Mona era mais que uma aventura.

Ana fez uma pausa, olhou para mim, respirou, e não teve coragem de voltar à carta. Não viu, nas costas do envelope, o número à toa, displicente (5,320,000.00), escrito por Mona, nervosamente, provavelmente ao telefone, anotando para não esquecer, pegando o primeiro papel à vista, não um papel qualquer, mas justamente a carta enviada pelo amante, já que era um número fundamental que deveria ser escrito num papel do mesmo valor: «Anote,



querida, o valor...»

Ana levantou a cabeça como se buscasse apoio no céu. Rumo perdido, olhou para os lados e para a casa. Sem reação, sentou ao meu lado, onde ficamos, em silêncio, assistindo à tarde morrer.

20h40

Jantar em família. Todos a postos. Escolhi o lugar em frente da filha querida para controlar suas reações; ela estava bebendo uma taça de vinho atrás da outra (era eu quem servia).

— Vai com calma, filhinha... — o comentário do pai. Não iria proibi-la. Uma família liberal como a Castilho não dá ordens, mas sugestões; investem na liberdade dos filhos para que os próprios conheçam seus limites; não deu certo.

Ele estava animado. Centro das atenções, lembrava, com orgulho, da boa repercussão do discurso no Congresso. Disse que se sentia forte e prestigiado para pisar no plenário da ONU. Inacreditável. Se esquecera da guerra deflagrada: disse o como era importante ter uma família unida para “mergulhar em paz e em segurança no universo das contradições políticas”. Foi a deixa para eu observar Ana: seu sorriso, trêmulo. Mais uma vez, estendeu a taça para eu encher. Se não explodiu até então, não explodiria mais (e pra falar a verdade, eu preferia que ela se levantasse e fizesse um escândalo, emporcalhando o encontro).

A garrafa passava de mão em mão. O sucesso era o incentivo para o pai beber; o fracasso era o nosso. O efeito do álcool. Ele não se conteve:

— Você, meu filho, não fala nada, está distante...

Meu passaporte ficou pronto. Já, já, eu me mando.

Você já vai embora?! — a mãe, surpresa.

Ele me mandou embora. Ele me disse que era contra minha vinda, mas tentava “salvar o casamento”.

“Salvar o casamento”?! É verdade, Jorge? Foram essas as palavras? Salvar o casamento?!

Se encurralaram. Ana Luiza, alta, se divertia com a discussão. Derrubou a taça de vinho. Riu ao notar a roupa manchada. Passou a ser o alvo.

Ela está bêbada! — o pai, irritado.

Eu tomo conta dela — e fui até a pequena bêbada.

Não se opuseram. Talvez porque quisessem ficar a sós para ‘salvar o casamento’. Segurei Ana pelo braço. Apoiada em mim, fomos até seu quarto.

Ela começou a praguejar. Xingou a família. Fechei a porta e passei a chave (logo, logo, a corda se romperia e ela iria explodir). Primeiro alvo: o pai, o “demagogo filho da puta”. Enrolava a língua e ria. Reclamou de eu ter mostrado a carta. Passou a me xingar, aos gritos. Pedi para parar. Não parou. Gritou mais alto até, finalmente, chorar. Com o tempo, ganhamos o silêncio e a

calma.

— Porque ela não vem? — perguntou. — Ela sabe que estou precisando e não vem. Ela nunca vem. Desde que você foi embora, ela... Um vazio... Não é mãe, não é mulher, não é... Ele não tem culpa.

Parou de falar e pôs a mão no estômago. Antes que vomitasse, levei-a para o banheiro, abri o chuveiro e, sem muito esforço, coloquei-a embaixo. Ela gritou, me estapeou, quis sair, mas segurei firme. Ficou sem forças e se deu por vencida. Liguei a água quente para deixá-la mais confortável. Relaxou, se encostou na parede e ficou envolvida pela água.

Consegue tirar a roupa? Ela sorriu, maliciosa:

Não. Tira pra mim.

Tira você.

Saí do banheiro e fui até a porta, pensando em deixá-la. Mas acabei sentando na cama e esperei; eu não queria sair daquele quarto e me ver envolvido numa insolúvel briga de casal.

Ela saiu do banheiro envolta por um robe:

Você ainda está aí?

Quer que eu saia?

Não.

Está melhor?

Estou péssima. Tonta... — e desabou na cama. — Apaga esta luz.

Deixei o abajur aceso. Andei pelo quarto; suas coisas: livros, papéis, até encontrar uma agenda de onde caiu uma foto, uma foto minha.

— Um dia encontrei esta foto e guardei. No fundo, eu tinha a fantasia de que você aparecesse e me levasse embora, me raptasse, me jogasse na vida. Tão platônico...

Sentei ao seu lado e examinamos a foto.

Muitas vezes imaginava o que você estaria fazendo. Vivendo uma grande aventura, percorrendo países exóticos, contrabandeando armas e escravas brancas, Rimbaud, enquanto eu, menininha...

Não foram aventuras de um poeta. Eu só queria dinheiro...

(E dinheiro não é poesia, mas esquecimento).

— Eu não tive pai. Não tive mãe. Tive um irmão desaparecido, paixão platônica, que sonhei ser poeta, marinheiro, vagabundo. E você apareceu e não me convidou para nenhuma aventura, ao contrário, me pediu ajuda para reconstruir a família. Muito pouco... Para quem vê de fora, eu tenho tudo. Mas não tenho nada.



Pausa.

— Vai embora. Me deixa...

Dei um abraço nela. Não fugiu. Seu rosto se apertou em mim. Abracei mais forte: proteção e carinho. Levantei seu rosto para vê-lo de frente.

Tirei o cabelo dos seus olhos e enxuguei-os com a mão. Beijeí sua testa. Uma mão percorreu minhas costas, prendeu meus cabelos e me puxou: — Vem, meu poeta...

Nossas bocas se grudaram; beijo embriagado. Me soltei. Ela riu. O riso me confundiu: que poeta louco? Pegou minha mão e beijou-a. Levou-a até o pescoço. Levou-a até o peito. Levou-a até os seios: sua aventura.

Tirou o laço do robe e abriu. Seu corpo. Abri a mão e envolvi um peito. Cabia na palma. O bico cresceu na mão. Suas mãos se prenderam nas minhas costas. Voltamos a nos beijar. Me arrancou a camisa, me agarrou, me puxou. Fiquei sobre ela: seu marinheiro. Me apertou; como índios.

Senti sua mão procurar, achar, desabotoar e tirar pra fora, com força, o pau do poeta vagabundo. Deslizei. Se encaixou por baixo e, com a mão, colocou-o entre as pernas. Entrar? Dependia de mim. Segurava, aguardando minha decisão. Seu olhos não me viam, liam seus romances e poemas. Eu não tinha decidido navegar. Até então, era ela quem tentava me levar para dentro. Me entregou o leme. Um simples movimento meu bastaria, coisa mínima, para desencadear loucura maior.

Parei de pensar e entrei. Que dimensão esse simples movimento. Olhos assustados se perguntando: está acontecendo? Estava. Aconteceu.

E não interessam detalhes.

Aconteceu.



00h10

Sóbria, se encolheu na cama. Me repelia. Levantei e saí sem dizer uma palavra.

Ela deveria me agradecer. Era preciso? Era. Para mim não mudaria nada. Mas para ela... Foi bom lhe fazer o favor de rasgar seus romances e poemas. Boa menina, para sempre, é o que se espera dela e, no fundo, é o que ela quer ser. Eu serei para sempre a síntese do mal, o que facilitaria a vida de todos.

TERÇA-FEIRA**06h05**

Uma sombra, uma silhueta na porta, um corpo indefinível; nenhum sonho. Acordei num susto. Nem o pai, nem a mãe, nem a filha. Desta vez, o calça F encostado no batente, com um cigarro na boca e um sorriso suspeito:

— Bom te ver, firme e forte. É melhor você levantar e me acompanhar até a sala.

— Agora não. É muito cedo...

— É melhor vir agora. O caldo entornou.

Foi convincente. Acendeu as luzes e ficou esperando. Minha vida era aquilo: ser acordado, obedecer ordens, e me surpreender. Fiz um pouco de onda. Não seria fácil: dentre as possibilidades, com certeza não haveria uma boa notícia me esperando. Ele se mostrava ansioso para assistir ao que iria acontecer. Eu, nem tanto. Enquanto me vestia, andou pelo quarto. Encontrou o exemplar do Daily. Folheou.

Não quero que mexa nas minhas coisas. Jogou o jornal na cama, olhou o relógio e:

Como é que é?

Fomos. Pelo caminho, avisou:

— Você viaja hoje mesmo para Nova York. Vai tirar umas férias... — e riu.

Na sala, me apresentou a David George da Interpol. Ao seu lado, o indigesto chefe de gabinete do primeiro-ministro. Minha mãe, no canto, olhava o jardim e fumava; e ela não fumava. David foi direto ao assunto: perguntou se eu reconhecia o telegrama de Sandra C, encontrado num apartamento do Village. Olhei o telegrama. Estava amassado. Mas era ele mesmo. Me reservei o direito da quinta emenda e não falei mais nada.

Quinta emenda?! Não seja ridículo! — o tira F me abraçou como um velho amigo e me levou para dar um passeio pelo jardim.

Pensei que você não fosse me entregar.

E pensou certo. O que eu podia fazer? Ele chegou ontem à noite com seu nome no bolso do colete. Passamos a noite em claro, discutindo seu caso. Fizemos um acordo. Você embarca no Boeing Presidencial que parte hoje mesmo levando seu pai para os Estados Unidos.

— Eu quero um advogado.

Veja bem. A situação é diferente. Você não está preso, nem nada. Você está se entregando voluntariamente para depor. É melhor assim. Nos Estados Unidos,



terá o apoio do seu pai.

E se eu não for? Não existe acordo de extradição entre Brasil e Estados Unidos.

Então vou ter que te prender agora. Mas seu pai não te dará nenhum apoio. Ele nos recomendou isto. Só te pagará um advogado nos Estados Unidos. O que você prefere?

Voltei para a sala. Encarei minha mãe, o policial americano, e tomei a decisão:

— Vou arrumar minhas coisas.

Os tiras me acompanharam até o quarto. Não tinha muito o que arrumar. Guardei no bolso o novo passaporte, a pequena chave de Mona (meu talismã), os dólares e libras que me sobraram de Paul Surrender e minha espada.

Na porta de casa, minha mãe me deu um forte abraço. Os policiais se afastaram. Pálida, disse que também estava indo embora. Iria para São Paulo, arrumar suas coisas, e me encontraria em Nova York. Tinha acabado de decidir. Me pediu paciência. Pedi desculpas a ela.

— Não se sinta responsável — disse. — É uma decisão minha. Meu casamento não será o primeiro nem o último a acabar. Sua vinda só apressou minha decisão. Nós vamos ficar juntos, eu lhe prometo. Confie em mim...

Ana Luiza apareceu e ficou num canto, encostada à porta. Dei um aceno que não teve resposta. Não perdeu a pose. Se apoiou no autocontrole de anos de treino. Não cairia. Estava longe. Assim como a mãe, fazendo planos; suas viagens, navegar... Nenhum agradecimento, nada. Aconteceu, e se puder esquecer, não aconteceu. Tchau. Temos pressa, todos.

Sentei no carro entre os dois tiras. O chefe de gabinete, ao lado do motorista, foi me explicando:

É uma situação complicada. Enquanto seu pai chega para comprar uma tremenda briga com os países ricos, vem acompanhado do filho envolvido com o narcotráfico. Tente colaborar, não por seu pai, mas pelo Brasil.

O que meu pai sabe?

Eles se olharam. Foi F quem respondeu:

Quase tudo.

Sabe do estupro?

Sabe.

E qual foi a reação?

O que você acha?

A imprensa já sabe?



Não — o chefe de gabinete, querendo ser ele o porta-voz do grupo. — Estamos tentando guardar sigilo até o discurso na ONU. Mas não sei se vamos conseguir.

07h10

No aeroporto, na ala reservada às autoridades, a imprensa fazia um cerco esperando o primeiro-ministro. O chefe de gabinete foi desviar a atenção deles, e os tiras, discretos, me escoltaram para o outro lado.

Um sujeito nos seguia enquanto caminhávamos. Paramos para um café e ele se aproximou. Se apresentou como um enviado da oposição que queria me ajudar. Os tiras tentaram dispensá-lo, mas ele ameaçou fazer um escândalo e chamar a atenção da imprensa. Foi direto ao assunto. Me intimariam para depor na comissão que investigava o abuso financeiro da última campanha eleitoral. Ligou um gravador de mão. David não estava entendendo e começou a reclamar que eu não podia falar, e que estavam com pressa. Enquanto F o acalmava, o enviado me perguntou, rápido, se eu conhecia Mona, e se eu sabia dos motivos da sua viagem aos Estados Unidos, coincidentemente logo após a campanha. Me fiz de desentendido. Segundo ele, Mona viajou com um passaporte diplomático, o que era ilegal. Com imunidades, poderia ter passado pela alfândega sem ser revistada. Poderia ter levado, numa mala, a sobra da caixinha da campanha.

F riu e disse que ele estava mal informado, já que qualquer banco estrangeiro lavaria o dinheiro, e que não se usa mais o procedimento de malas pretas. O sujeito foi insistente, dizendo que se calcula em 40 milhões de dólares a caixinha de um candidato ao Executivo, e que Mona teria feito um depósito numa conta secreta no exterior, e tinha sido morta como queima de arquivo. F não se conteve e riu mais uma vez:

— Suas investigações estão furadas. No máximo, cinco milhões cabem numa mala, e olha lá. Quarenta milhões dariam umas oito malas. É mais fácil levar tudo num container.

Mas ele não desviou a atenção. Continuava apontando o gravador para mim. Queria meu depoimento.

Desculpe. Não sei de nada. No mais, estou embarcando para Nova York para me entregar.

Se entregar? Mas disseram que você está indo como intérprete.

F resolveu dar a entrevista por encerrada, tirou o gravador da mão do sujeito e guardou-o no bolso. Antes que ele reagisse, fui levado escoltado, aos empurrões, até o avião.

Éramos os primeiros passageiros. O próprio comandante indicou nossos

lugares. F requisitou meu passaporte, me deixando com o outro tira. Voltou alguns minutos depois com jornais e revistas. Fiquei sentado entre eles. Puxou assunto:

Aconteça o que acontecer, eu simpatizo com você.

Espero que me ajude, apesar de ser capanga do primeiro-ministro.

Não ficou ofendido, sinal de que nossa 'amizade' se fortalecia.

Você é um bom tira. Como sabe que cinco milhões cabem numa mala?

Estou acostumado a investigar resgates pagos a seqüestradores.

Vamos abrir o jogo. Ela estava levando parte do dinheiro da campanha, e vocês davam cobertura. Cinco milhões e trezentos e vinte mil dólares que, como você disse, cabem numa mala. Escolheram um vôo para Miami. Colocaram o dinheiro num cofre ou numa conta, e depois seguiram para Nova York.

Você está longe de ser um tira... Qualquer doleiro vagabundo daqui do Brasil faz uma ordem de pagamento para o exterior.

Meu pai é novato na política. Não saberia em quem confiar. Entregou o dinheiro para sua amante, que foi morta por Sotto que roubou o dinheiro.

Você já chegou a me dizer que ela está viva.

É. Eu não daria um bom tira. O que leva um sujeito a ser tira? É para se auto-afirmar, não é? Ter poderes, dar ordens, abrir portas com uma carteirinha lustrosa...

E ganhar dinheiro por fora, o que pode render uma fortuna. É uma carreira com bons dividendos.

Quanto vocês ganharam para escoltar a mala com dinheiro? Cinco por cento?

Seu pai é novato em política. Mas é um dos maiores juristas do país. Botou na cadeia gente do colarinho branco. Ele não aprendeu, pelos processos, a mandar dinheiro pra fora?

— Ele é o primeiro-ministro do país que vai comprar briga com os bancos internacionais. E aqui todos sabiam que Mona era sua amante. Mas lá fora, ela não seria reconhecida. Poderia entrar num banquinho qualquer de Miami sem despertar suspeitas...

Paramos para observar a entrada da equipe econômica, entre eles, meu pai, que seguiu reto para se instalar no fundo do avião.

— Você toma cuidado com o que diz — o tira aconselhou. — Alguém pode se ofender.

A caminho, sobrevoando o Planalto Central.

Até a metade do vôo não saí do lugar. Eu tinha estuprado sua Mona.



Amarrei-a na cama, arranquei suas roupas e pulei, como um animal, até gozar. E eu não era um réu desprezível; bastava meu pai saber o quanto eu sabia.

Pedi permissão para ir ao banheiro. F olhou para trás, viu que eu teria de cruzar com meu pai, pensou por um instante e não fez objeção; talvez para que eu provasse a mim mesmo que minhas hipóteses eram falsas.

Fui direto para a poltrona dele. Interrompi sua leitura. Mas não se deu ao trabalho de me olhar. Apenas disse com uma raiva contida:

— Quero que apodreça na cadeia!

— Tome cuidado. Você pode me fazer companhia. Talvez me forcem a falar dos cinco milhões de dólares.

Observei atentamente a expressão do seu rosto que não se alterou. Continuei:

— Vão saber de você e Mona.

Tirou uma caneta e passou a fazer anotações, como se estivesse sozinho.

— Eu tenho provas. Vou jogar lenha na fogueira. Não tenho nada a perder. Você, sim, tem muito a perder.

Como me irritava seu desprezo; tinha um talento fora do comum de não exprimir emoção alguma. Eu queria arrancar sua máscara, vê-lo reagir:

Você tem bom gosto. Ela era linda. Ah... Parou de escrever.

Tinha um corpo e tanto. Apertou a caneta na mão.

Ela adorou...

Voou em cima de mim. Me derrubou no chão, pôs as mãos no meu pescoço e... seguraram a fera. Eu estava a salvo. Duvida?

NOVA YORK

16h50

Aeroporto John Kennedy.

No desembarque, havia um protocolo a ser cumprido, mas foi econômico. Seguimos em fila para um reservado, onde recolheram os passaportes. Havia muita euforia entre a delegação. Meu pai, preocupado, discutia rispidamente com F. Descobriram que eu sabia demais e representava perigo; tinham de bolar alguma coisa e se livrarem de mim, rápido.

Permitiram a alguns órgãos da imprensa o acesso ao reservado. Começaram as entrevistas. Reconheci alguns funcionários do consulado. Marcos de Sotô não estava entre eles.

Voltaram os passaportes já carimbados (o meu ficou retido). Fui separado do grupo, escoltado pelos dois tiras. Ainda olhei para o grande herói brasileiro. Mas ele estava entretido dando uma entrevista a uma emissora de TV.

Seguimos pelos corredores do saguão principal, até entrarmos na saleta do FBI. O sujeito da Interpol pediu para esperarmos, pois tinha de assinar uns papéis e pegar as algemas. Muitos tiras, num vai-e-vem desenfreado. Através das paredes de vidro, via-se a multidão de passageiros carregando malas, extasiada pelo começo das férias. F parecia tenso; ainda bem. Próximo à porta, examinava a movimentação dos seus colegas americanos:

— Você daria um bom tira. Vai logo. Um dia eu te encontro e você me dá uma parte dos cinco milhões. Vai!

E virou as costas. Abri a porta e me mandei. Longe, no fluxo da multidão, ouvi seus gritos:

— Ei! Volta aqui!

Mandei o motorista do táxi seguir pela 678 para o La Guardia, de onde sai a maioria dos vôos domésticos. E se um dia eu encontrar o tira, não darei parte alguma da grana. Me ajudou a fugir seguindo ordens do meu pai; era um capacho desprezível, nada mais.

Eu tinha chances de pegar um vôo para Miami, confiando na desorganização e na ânsia por dinheiro das falidas companhias aéreas americanas, que não costumam fazer perguntas aos passageiros que voam dentro do país.

Paguei o bilhete in cash. Dei o nome de David George. A funcionária da companhia aérea preencheu o bilhete e me deu um cartão de embarque. Chegaria em Miami no mesmo dia.



No caminho para o embarque, um policial me interrompeu. Era o outro Surrender, que já tinha carimbado meu passaporte no mesmo aeroporto. Apresentou os dois tiras que o acompanhavam.

— Este é meu primo distante. Você não pára nunca?!

Observava meu cartão de embarque. *David George – MIAMI.*

— Estou despachando um amigo para a Flórida. Aliás, está me chamando...

Acenei de longe para um sujeito qualquer e, sem pestanejar, me despedi.

MIAMI

Miami tem as cores que não me ofuscam: cidade de ilegais, clandestinos (escória); cidade dos sem pátria, dos sem nome; cidade das rotas e saídas. Passei a noite examinando maleiros do aeroporto. Eu me algemara à calma. Paciência. Nenhuma pressa. Esperei amanhecer para me dirigir ao Helit Hotel. Esperei minha coroação.

Helit, um bucólico resort de frente pro mar. Marinas e barcos e pelicanos e gaivotas. Fiquei na praia. Examinei cada canto, pessoa poeira, como se tivesse todo o tempo. Procurei a ave rara: não estava no céu, nem na terra, nem na água, mas estava lá, e eu sentia sua presença, digo, seu fogo.

Perambulei pelos caminhos que ligavam os bangalôs ao edifício central do hotel. Vários bistrôs, bares e cabanas. O céu aberto - Alguns hóspedes, nas piscinas. Tomei drinques. Batia uma brisa, e nele, seu perfume: ela estavala. Não bolei nenhum discurso. Não ensaiei minha fala. O momento era sublime para um improviso.

O tempo passou e a ave continuava escondida. Começou a festa na beira da praia. Num palco, uma banda tocava salsa. Uma mesa grande forrada de comida. Mesinhas espalhadas sobre a areia. Garçons ocupados. Um deles, com um isqueiro na mão, acendia o cigarro de uma hóspede. A chama iluminou seu rosto. A chave do enigma

Meu pássaro. Me deu um calafrio. Estirada numa cadeira de praia, de costas para a festa, esperava o sol entrar no mar, esperava a chama se apagar. Mas eu roubaria o fogo para entregá-lo aos mortais (nos aproximariamos dos deuses). Discretamente, passei por trás dela e descobri, no chaveiro jogado, o número do seu ninho.

Fui até seu bangalô e fiquei sentado, na varanda, com a chama numa mão e a calma na outra. Esperei. Ri sozinho (eu daria um bom tira, sim).

Os fatos?

Ainda interessam? Está bem.

Cortaram a cabeça e as mãos para que o corpo não fosse identificado. Marcos, ou seja lá quem foi, denunciou o traficante de ácido da Washington Square para que este contasse à polícia que viu a cabeça da vítima. Para Marcos, ou para seja lá quem for, não fazia diferença eu ser descoberto. Bastava alguém ver a cabeça. Bastava acreditarem que Mona estivesse morta. O rastro de sangue que saía do saco com a cabeça nunca poderia ser o sangue de Mona; já



teria coagulado. Não era a cabeça de Mona. Era falsa.

Ouvi passos. Respirei fundo. Estava distraída, já que enfiou a chave sem me ver. Meus olhos eram fogo. Talvez por isso, notou minha presença no canto escuro da varanda.

— Como vai? — perguntei.

Não se assustou. Nem ficou surpresa. Reagiu como se já me esperasse.

O que fez no cabelo? Está diferente.

Você também — respondeu.

Abriu a porta e entrou. Fui atrás e passei a chave.

— Fique à vontade. Vou tomar um banho — e se trancou no banheiro.

Ela não iria fugir, nem chamaria a polícia por uma extensão do telefone. Eu tinha o que ela queria, e meu preço estava inflacionado. Não mais um cachê de mil dólares. Valor? Cinco milhões. Examinando suas coisas, descobri um passaporte português. Usava o nome de Tise Sarraga. Tise, a empregada portuguesa de Marcos de Sotto. Liguei a TV e fiquei assistindo ao noticiário. Entrevista com o primeiro-ministro brasileiro, gravada no aeroporto de Nova York; nada mais propício. Ela saiu do banheiro enrolada numa toalha:

Não é engraçado? Um simples acaso e você estragou tudo.

A chave.

Está com você?

Mostrei meu talismã. Respirou aliviada:

— Estamos com sorte...

Viu meu pai na TV e não fez nenhum comentário. Começou a se vestir na minha frente. O corpo de antes. E que corpo...

De quem era o corpo que vocês colocaram no hotel?

Claro. Tinha que ter um interrogatório.

De quem era o corpo da outra mulher?

— Não sei. Marcos arrumou a garota. Talvez, uma das putinhas que ele agenciava.

Saí do quarto e vocês fizeram a troca.

É, espertinho.

E como colocaram meu esperma dentro dela?

— Eu usava um diafragma. Foi só encaixá-lo no corpo da outra.

Tenho de admitir: foi um plano idiota que estava dando certo. Esboçou um pequeno sorriso. Parecia orgulhosa. Eu não tinha ainda decidido se a estrangulava ou se me aliava a ela.

— A polícia sabe que o corpo não é o seu. Sangue, cabelos... Vão fazer



comparações genéticas.

Até lá, estou longe.

E quem baleou os policiais?

— Álvaro Turco. Uma besta. Que mais? Quer saber se eu gozei naquela noite? Não.

— Onde está o dinheiro?

— Se eu disser, assino meu atestado de óbito. Decidi me aliar a ela:

— Está no aeroporto de Miami, onde você ficou uma manhã inteira para trocar de avião. Colocou a mala no cofre do aeroporto ao invés de depositar num banco, como seu queridinho havia ordenado. Talvez porque estivesse bolando um plano. Tentação aquele dinheiro todo. E o dinheiro está lá, ainda. Cinco milhões apodrecendo...

Ficou surpresa: não imaginava que eu conhecesse tantos detalhes.

Se sabe de tudo, o que veio fazer aqui?

Curiosidade.

— Curiosidade mata. Qual é o número? Peguei a chave e vi: 166. Não lhe disse e guardei no bolso. Ela continuou:

— Me esqueci desse maldito número. Aqueles cofres são todos iguais. Reclamei a perda da chave. Mas não podia descrever o conteúdo da mala. Não é incrível? Por que não fugiu com a grana?

Por que não fugi com a grana? Boa pergunta. Porque seria mais uma mala, num fundo falso de um armário. Tudo bem, não seriam cento e setenta e cinco mil dólares, mas cinco milhões. Mas e daí? Eu já pensava em renunciar a este estilo de vida, já desejava que algo de muito sério me acontecesse, me tirasse do círculo (“que parassem de girar!”), uma mudança... Ela veio, e eu devia isso a Mona.

Por que não fugi com a grana? Dei um sorriso sem responder. Ficou confusa entre a comoção e a desconfiança. Procurou no meu pai, entrevistado pela TV, uma resposta. Não encontrou. Tínhamos pressa. Passou a arrumar suas coisas numa mala de viagem. Peguei minha espada do bolso e devolvi:

— Esta carta é sua.

Olhou, lembrou de um tempo que já passou, procurou em mim alguma resposta e não encontrou. Tínhamos pressa. Enfiou a carta na mala.

Quando planejou o golpe? — perguntei.

Por que tantas perguntas?

Vamos. Fale.

Desde o começo. Mas foi Marcos quem me convenceu. Parecia que lia meus pensamentos.



Sabia o que fazíamos nos Estados Unidos. “Vem muito brasileiro pra cá depois de uma campanha eleitoral”, ele dizia. Me convenceu a ficar com a grana. Eu daria uma parte pra ele.

— E por que me envolveram?

Eu não sabia que seria você. Precisávamos de um suspeito. Ele teve a idéia de contratar um michê e armar a cilada. Fiquei surpresa quando te vi. Não imaginava que você fazia esse tipo de ‘serviço’.

Ele me entregou pra polícia. Tive de procurá-lo, já que precisava de um passaporte. Naquela altura, eu topava qualquer ‘serviço’.

Eu poderia ter dito que me prestei ao ‘serviço’ depois de conhecê-la no restaurante. Mas isso não faria a menor diferença.

— E o que aconteceu depois que levei a chave?

— Descobrimos quando estávamos arrumando o quarto com o corpo da menina. Marcos ficou louco. Achou que eu estava mentindo. Ouvimos tiros. Fugimos. Ficamos rodando de carro pela cidade. Foi horrível.

Se emocionou.

— Você o matou?

Parou o que estava fazendo e olhou pela janela. Lógico que matou. Depois, me encarou séria. Como flashes, me veio a lembrança de suas mãos amarradas, do seu corpo vulnerável, da faca alisando sua barriga, do gosto de sexo, das pernas nas minhas costas... Foi pro banheiro pegar suas coisas. Eu não conseguia distinguir a mentira da verdade. Continuava o enigma Mona; e era fascinante... Voltou e parou era frente à TV. Assistimos ao encerramento da entrevista com o primeiro-ministro.

— Está com saudades? — provoquei.

Seu pai é um grande homem. Foi o grande homem da minha vida.

No entanto, passou a perna nele e ficou com o dinheiro.

Isso você nunca vai entender — pausa. — Você tem todos os motivos para odiá-lo. Não foi uma coincidência a polícia invadir aquele café, em Paris, anos atrás? Foram direto te revistar e você estava com tudo em cima. Foi preso em flagrante. Ficou dois anos. Você nunca se perguntou se alguém tinha te dedado? Eu estava do outro lado da rua, num telefone público, narrando pro seu pai o que acontecia, até você entrar algemado no carro da polícia. Eu te denunciei, a pedido do seu pai, que não era político na época e que queria ver você preso, por pouco tempo, para aprender a lição e ser deportado para ter uma vida normal em São Paulo. Você não aprendeu a lição, ele entrou pra política e teve de carregar essa mancha.

Desliguei a TV. Derrubei a TV. Olhei pela janela, respirei fundo, uma, duas,

três vezes...

— Agora me responde: Em que país um primeiro-ministro se separa da mulher para se casar com a secretária? — perguntou. — Não durante o mandato. Eu não iria esperar. E já estava me enjoando. Os cinco milhões serviam para me testar. Ele queria saber até que ponto eu ainda estava ligada nele, se ainda era de confiança. O dinheiro era dele. Era para eu depositar para ele. Mas não. Me deu o dinheiro como uma gorjeta, um pagamento pelo que passamos. “Toma, seu cachê...” Não disse isso, mas era como se tivesse dito. Caiu do cavalo. Me jogou uma mala cheia de dinheiro, como se entregasse uma nota a uma puta. Era o preço do meu silêncio... Ele mudou depois que foi eleito. Passou a manipular as pessoas. Passou a desconfiar dos amigos. O poder subiu à cabeça. E eu era louca por ele...

— Por que não fugiu desde o início, quando estava em Miami? Por que toda aquela encenação do estupro? Por que mataram uma menina?

— Você se parece com ele. Irritado, me colocando contra a parede, com um senso de justiça que beira a histeria, mas que é só da boca pra fora. Não se sinta ofendido com a comparação. Era um homem muito charmoso.

Por que mataram a menina?

Porque eu tinha dois gorilas comigo. Porque seu pai iria me perseguir a vida toda. Ele tinha de pensar que eu tinha sido morta.

Por que torturaram a menina?

Era uma mensagem para ele pensar que me torturaram por causa da grana, para ele saber que outras pessoas sabiam da grana. Chega de falar nisso!

Como chega de falar nisso?! Minha vida quase foi pro buraco. Estou sendo procurado em todo o país. Vinte mil quilômetros fugindo, e você aqui, nessa paz!

Aquele dinheiro é meu. Você levou minha chave. Não estava num envelope? Não tinha o timbre deste hotel no envelope? Você não me achou por causa disso? Eu pensei o mesmo que você. Eu não sabia onde você estava, mas torcia para você guardar a chave e me encontrar. Deu certo. Agora, vê se não me enche! Você foi esperto. Mas fui duas vezes mais. Eu iria ficar aqui mais uns dias. Até que você foi rápido. Nem uma semana. Se não aparecesse, eu iria me mandar e esquecer com muita raiva os cinco milhões.

Iria voltar pro Brasil?

— Talvez. Pensei nisso. Inventar uma história qualquer e ressuscitar.

Iria voltar pro meu pai?

Você não entendeu. Teu pai tentou me comprar com aquela grana.

Foi apagando as luzes.



Como você roubou o passaporte da empregada de Marcos?

Foi ele que me deu.

Antes de morrer?

Seus olhos nos meus; aquele maldito olhar. Voltaram os flashes, mãos amarradas, corpo vulnerável, faca alisando, barriga, pernas nas minhas costas...

E Álvaro Turco? — perguntei.

Não sei. Ficou encarregado de te seguir e fazer você ver a cabeça. Deve estar escondido, se cagando de medo: ele atirou em dois tiras...

Fui até o telefone. Ela ficou apreensiva. Me encarou: o olhar. Tirei-o do gancho e ameacei:

— Estou indeciso. Posso te entregar pra polícia. Acabam as acusações contra mim. Faço um acordo com a promotoria em troca da minha absolvição

Ela, confiante, veio até mim, pôs o telefone no gancho e perguntou:

No seu carro ou no meu?

Eu não estou de carro.

Então vamos no meu.

Lugar? Que lugar? Que hora?...

Não sei o que vai nos acontecer. Os cinco milhões estão depositados numa conta em nome de Tise Sarraga. Tudo o que nos pertence está neste nome. Fico esperando qual dos dois vai fugir primeiro. Talvez não fujamos nunca.

Ela está me chamando.

Você vai ter que me dar licença.

Todas às noites, a mesma coisa. Ela me chama e me manda deitar no chão. Coloca uma mordaga na minha boca, amarra a extremidade da corda num dos meus pulsos. Me arrasta para o quarto. Eu esperneio. Consigo gritar, mesmo sufocado pelo lenço preso na boca. Me coloca na cama, joga seu corpo sobre o meu e ameaça:

Vou usar esta faca se não colaborar! Amarra meus braços na borda da cama.

Quer que amarre seus pés?

Às vezes eu quero. Mas na maioria das vezes não. Tira minha roupa. Passa a faca no meu corpo. Me lambe, me lambe, me lambe...

Bem, você sabe.



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**